

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Jimena Sol Ancin

**AS NARRAÇÕES AUSENTES DAS PARTEIRAS ANCIÃS DO RIO
GRANDE DO SUL: UM RESGATE EMERGENTE FEITO EM
COLETIVO**

Santa Maria, RS
2018

Jimena Sol Ancin

**AS NARRAÇÕES AUSENTES DAS PARTEIRAS ANCIÃS DO RIO GRANDE DO
SUL: UM RESGATE EMERGENTE FEITO EM COLETIVO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Extensão Rural.**

Orientador: Prof. Dr. Clayton Hillig

Santa Maria, RS
2018

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo autor.

Ancin, Jimena Sol
AS NARRAÇÕES AUSENTES DAS PARTEIRAS ANCIÃS DO RIO
GRANDE DO SUL: UM RESGATE EMERGENTE FEITO EM COLETIVO /
Jimena Sol Ancin. 2018.
152 p.; 30 cm

Orientador: Clayton Hillig
Dissertação (mestrado)- Uiversidade Federal de
Santa Maria, Centro de Ciencias Rurais, Programa de
Pós-Graduação em Extensão Rural, RS, 2018.

1. Parteiras 2. Saberes populares femininos 3.
Resgate de saberes 4. Trabalho coletivo 5.
Ausências e emergências.
I. Hillig, Clayton II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor (a) sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Tecnicos da Biblioteca Central. Bibliotecaria responsável Pula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728

@2018

Todos os direitos autorais reservados a Jimena Sol Ancin. A reprodução ou partes do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

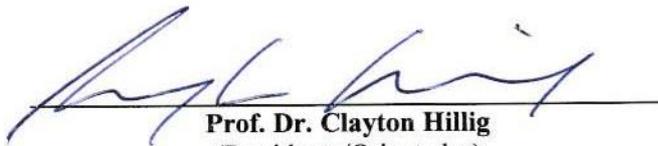
Endereço eletrônico: jisolan@gmail.com

Jimena Sol Ancin

**AS NARRAÇÕES AUSENTES DOS SABERES DAS PARTEIRAS ANCIÃS DO RIO
GRANDE DO SUL. UM RESGATE EMERGENTE FEITO EM COLETIVO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Extensão Rural**.

Aprovado em 10 de dezembro de 2018:



Prof. Dr. Clayton Hillig
(Presidente/Orientador)



Prof. Dr. Gisele Martins Guimarães (UFSM)



Prof. Dr. Cassiane da Costa (UERGS)

Santa Maria, RS
2018

DEDICATÓRIA

À Pacha mama, à terra, à água, ao ar, ao fogo, às mulheres e nossos círculos em espiral. A todas as parteiras, bruxas cotidianas, que ajudam a nascer e morrer, pessoas, ideias, relatos, saberes e amores. Às trabalhadoras de e pela vida. À mãe natureza da que somos parte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minhas ancestrais: minha mãe Silvia, minhas avós Delia e Maria, minhas bisavós Catalina, Angela, Petra e Juana, e minha tataravó Anunciação e a todas aquelas mulheres e todos aqueles homens que vivem em mim e me trouxeram até aqui.

Agradeço ao meu pai, que me ensinou sobre o valor de fazer o que se ama, que deixou a mensagem clara de valorizar os saberes e que hoje, com meu percorrido valoro, desde a diversidade e multiplicidade. E à minha mãe, de novo, agradeço por me trazer a este mundo, por me carregar em seu ventre por 9 meses, por me parir com dor e com amor, por me cuidar sempre.

Agradeço ao meu companheiro de hoje, por ser *presente* da Pacha e meu *presente* continuo Marcelo.

Agradeço à minha irmã Bárbara, meu irmão Juan Pablo e também aquele irmão não nascido que minha mãe gestou antes de nós, por ser minha rede de contenção. Meu lugar onde cair com riso, gritos e emoção. E a minha prima Daniela e sua família, por me dar a possibilidade de ser tia amada e amando, inclusive na distância que carregou fazer o mestrado.

Agradeço à Gisele por sermos amigas muito antes de ser professora e aluna. Sou grata de ter feito a disciplina de comunicação porque me levou direto ao meu reencontro com a comunicadora social que eu sou.

Agradeço a meu orientador e amigo Clayton por ser ele mesmo, verdadeiro comigo.

Agradeço ao professor Zé Geraldo por me escutar e receber sempre com carinho.

Agradeço aos meus colegas e irmãos Mauricio e Bernardo por ser minha equipe criativa e sustentarem de amor e companheirismo, sem eles o mestrado não tivesse sido possível.

Agradeço ao Grupo de Resgate de Parteiras do RS, a Mari, a Nani, a Mah, a Ana Lúcia, a Fer, a Isabel e tantas outras mulheres indispensáveis para esta caminhada.

Agradeço às netas das parteiras, a Josi, a Fer e a Karin, por sua ajuda, guiança e amor por suas avós e por se comprometerem nesta homenagem.

Agradeço a minhas amigas famílias de Santa Maria, RS. A Jana, a Ju, a Pauli, a Mah, a Eve, a Fran, a Andreia, a Leca, a Bruna e todas aquelas mulheres irmãs que apareceram no círculo em espiral que foi morar numa cidade que abraça.

Agradeço aos irmãos do abraço, ao João, a Ricki, a Gadea, aos Pedros, a Piri e todos e todas as ENTREAUTORES que foram o motor de minha vinda e estadia em Santa Maria.

Agradeço ao Projeto Esperançaopesperança, por ser minha esperança pessoal.

Agradeço a meu colega de dissertações, meu companheiro de aventuras acadêmicas, meu discutidor selecto, ao Cristian. Sem ele a escrita não tivera sido possível.

Agradeço que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço de novo às PARTEIRAS, às verdadeiras protagonistas neste caminho empreendido. “GRACIAS” POR VIVER, POR EXISTIR E POR AMAR.

*Por un fluir, por lo esencial
Por lo que nace, por lo que muere
Por lo sentido y lo sin sentido
Por lo que hay y nunca hubo
Por una historia, por mil historias
Que sean contadas pero sin huecos
Por lo diverso, por este caos desordenado
Con mil encantos.
(Esteman, 2016)*

RESUMO

AS NARRAÇÕES AUSENTES DAS PARTEIRAS ANCIÃS DO RIO GRANDE DO SUL: UM RESGATE EMERGENTE FEITO EM COLETIVO

AUTOR: Jimena Sol Ancin
ORIENTADOR: Clayton Hillig

A presente dissertação é uma aproximação às narrações e experiências de vida ao redor dum ofício de mulheres: “à parteria”. Entendendo que estas mulheres são detentoras de saberes populares femininos, sustentados até a atualidade pela transmissão oral, a observação, a experimentação, de geração em geração. São as experiências desperdiçadas ou deixadas de lado do não existente e produzidas como ausências pela ciência moderna. Esta é uma pesquisa que trabalha desde o inconformismo que produz as formas do fazer capitalista, patriarcal e colonial, e as formas positivistas da ciência moderna onde não encontramos ferramentas para a emancipação social. Frente a isso nos valem das epistemologias do sul, o feminismo comunitário e o ecofeminismo para assim desenvolver a sociología das ausências e as emergências que resgatem a diversidade na experiência social das parteiras anciãs e o trabalho coletivo que implicou a realização desta dissertação, para conseguir um presente ampliado e um futuro contraído. A metodologia é narrativa, de corte exploratória e qualitativa, conta com um amplo trabalho de campo realizado em coletivo junto ao “Grupo de Resgate de Parteiras do RS” constituído por jovens parteiras e doulas na tradição, nos meses de março até agosto de 2017. Onde se visitaram a sete parteiras anciãs de diferentes cidades de Rio Grande do Sul, Brasil, mulheres quilombolas, afrodescendentes e descendentes europeias. Trabalhou-se em cada encontro com as técnicas de entrevista direta e compreensiva, e a observação participante, também se fizeram vídeos e áudios. Que deram como resultado sete narrações de vida sobre o ofício da parteria no RS e um mapeo geral de 20 parteiras anciãs vivas no Estado. Guiam esta pesquisa duas perguntas gerais: 1- Como são as experiências ausentes e emergentes identificáveis nas narrações de vida de mulheres parteiras anciãs? E 2- Por quê e como se torna necessário um resgate desses saberes populares femininos? Para a análise dos resultados trabalhou-se sob três eixos: a realização de narrações que aportem em fazer presentes as ausências nas palavras de cada parteira, a categorização dos saberes populares femininos, saberes da pachamama e saberes do corpo desde a proposta da ecología de saberes e a sociología das ausências, e a análise do trabalho participativo e grupal desde a sociología das emergências. Nas considerações finais valoriza-se um possível diálogo entre os saberes populares femininos e os saberes acadêmicos, como trabalho de extensão e tradução necessária.

Palavras-Chave: parteiras anciãs, saberes populares femininos, narrativas, ausências e emergências, trabalho coletivo.

ABSTRACT

THE ABSENT NARRATIONS OF THE ELDERLY MIDWIVES OF THE RIO GRANDE DO SUL: AN EMERGENT RESCUE MADE IN COLLECTIVE

AUTHOR: Jimena Sol Ancin

ADVISOR: Clayton Hillig

The present investigation is an approximation to the narratives and life's experiences around a women's trade: midwifery, understanding that these women are the holders of popular feminine knowledge, sustained until now by oral transmission, observation and experimentation, from generation to generation. They are experiences wasted or left aside from the non-existent and produced as absences by modern science. This is a thesis that works from the nonconformity produced by the capitalist, patriarchal and colonial ways of doing, and the positivist forms of modern science where we do not find tools for social emancipation. Against this we use the southern epistemologies, community feminism and ecofeminism to develop a sociology of absences and emergencies that rescue the diversity in the social experience of the elderly midwife and the collective work involved in this research, to achieve an expanded present and a contracted future. The methodology of this thesis is narrative, exploratory and qualitative, has extensive field work carried out collectively with the "Grupo de Resgate de Parteiras do RS" constituted by young midwives and doulas in the tradition, in the months of march to august 2017, where seven elderly midwives from different cities of Rio Grande do Sul, Brazil, quilombola women, afro-descendants and european descendants were visited. We worked in each encounter with the techniques of direct and comprehensive interview, and participant observation, videos and audios were made that resulted in seven life stories about the office of midwifery and a general mapping from twenty living older midwives in this state. This research is guided by two general questions: 1- How are the absent and emerging experiences identifiable in the life stories of elderly female midwives? 2- Why and how does it become necessary to rescue these popular feminine knowledge? For the analysis of the results we worked on three axes: the realization of narrations that make present the absences in the words of each midwife, the categorization of the popular feminine knowledge, knowledge of the pachamama and knowledge of the body from the proposal of the knowledge ecology and the absences sociology, and the analysis of participatory and group work from the sociology of emergencies. In the conclusions, a possible dialogue between popular feminine knowledge and academic knowledge was assessed as necessary extension and translation work.

Keywords: elderly midwives, popular feminine knowledge, narratives, absences, emergencies, collective work.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	14
1 INTRODUÇÃO	16
2 PERCURSO TEÓRICO	20
2.1 A A SOBERANIA DO CORPO FEMININO: O PARTO E O RESGATE DOS SABERES AO REDOR DELE.....	22
2.2 CONTEXTO BRASILEIRO, DE HOJE E ONTEM	29
2.3 O OFÍCIO DA PARTEIRA, A SEMENTE CRIOLA VIVA	33
2.4 EPISTEMOLOGIAS DO SUL	40
2.5 SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS E DAS EMERGÊNCIAS	43
3 METODOLOGIA: AS NARRAÇÕES DE VIDA E OS RESGATES DESTAS	52
3.1 O PERCORRIDO COLETIVO DO TRABALHO DE CAMPO NAS ESTRADAS DO RIO GRANDE DO SUL.	56
3.1.1 As parteiras visitadas	58
4 A AMPLIAÇÃO DO PRESENTE: AS NARRAÇÕES AUSENTES	61
4.1 MARIA – 82 ANOS.....	64
4.2 NECA – 74 ANOS	69
4.3 PAULINA – 93 ANOS.....	76
4.4 MORENA – 76 ANOS.....	82
4.5 NAIR – 94 ANOS	85
4.6 ENILDA – 99 ANOS	91
4.7 MARIA – 85 ANOS.....	96
4.5 PONTO DE ENCONTRO.....	100
5 CONTRAÇÃO/CONSTRUÇÃO DO FUTURO: O RESGATE DE SABERES DE PARTEIRAS COMO PRESENÇAS COLETIVAS	103
6 OS SABERES POPULARES FEMININOS: APROXIMAÇÕES A UMA ECOLOGIA E TRADUÇÃO NECESSÁRIAS.	123
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	149
ANEXOS	152

PRÓLOGO

Na ilusão de quem pesquisa para mudar o mundo fui procurando parteiras, bruxas e feitiças, mas achei mulheres selvagememente cotidianas, vovózinhas, doces, grosseiras, amáveis, religiosas, mulheres submetidas, doloridas, fortes e guias comunitárias que foram e são as bruxas reais e não as dos contos do discurso da Disney. Mulheres nas diversidades cotidianas, aposentadas dum ofício sem reconhecimento, como tantas outras na economia do cuidado. As tarefas no doméstico que não são trabalho, são tabus, ainda mais quando leva sangue, coco, xixi, gritos e vaginas, vida e também morte.

Achei mulheres perseguidas, e outras respeitadas, achei mulheres sábias, velhas, como minha avó, como tua avó. Como todas aquelas, que ainda estando submetidas, oprimidas e agredidas, continuaram no seu cotidiano fazendo o que tinham que fazer, o que as fazia e fazer. Com outras mulheres no seu cuidado e entrega. Cobrando por seu trabalho ou só fazendo os serviços por urgência, costume ou mandato familiar, ou tudo isso ao mesmo tempo. Sendo procuradas em qualquer hora da noite, dando o serviço sem planejamentos, sem condições, na riqueza e na pobreza. Usando para curar/cuidar as ervas de ao redor de suas casas, as banhas de animais, o álcool da cachaça e os tecidos que tinham na mão. Sendo mães, avós, de mulheres solteiras, culpadas, isoladas, acompanhando a loucura da desesperação, por não terem como dizer que não a mais um filhx, acompanhando as mamíferas que matam ou morrem por eles. Sem julgar mais que a sua própria entrega ao serviço.

[...] ela apertava a cabeça da criança dentro dela assim, que a cabeça... Quando ela nasceu a cabeça era igual quando quebra uma térmica, que tu pegava os ossinho e fazia trrrrrrrrr, era tudo farelinho, uma criança bonita, bonita! Mas as irmã dela não queria que ela ganhasse mais filho, já tinha bastante e, não sei era o 11 ou 12 que ia nascer, e daí ela foi pro mato e ficou lá segurando o nenê, um frio, um frio, uma serração, coisa mais triste do mundo! E daí tivemos que fazer chá queimado pra dar pra ela, daí nasceu a criança, mas a cabecinha era moída, moída assim ó, de tanto ela apertar sabe, daí isso moeu tudo a cabeça da criança!. (Dona Neca, Parteira de São Martino da Serra, RS).

1 INTRODUÇÃO

“La comprensión del mundo es mucho más amplia que la comprensión occidental del mundo”.

(Santos, 2010)

O presente trabalho procurou se aproximar das narrações e experiências de vida, num presente dilatado e um passado incompleto, ao redor dum ofício de mulheres, como é o ofício de “Partejar” – entendendo ele como um saber-fazer popular feminino - em contextos rurais e também de periferias urbanas. Um saber-fazer que foi mantido ao longo dos anos até a atualidade pela oralidade, a informalidade, a observação e a transmissão de geração em geração. Pelo trabalho de mulheres ao serviço cotidiano de outras mulheres, crianças, famílias e comunidades que, como define Santos (2000), são as *experiências desperdiçadas* ou deixadas na invisibilidade pela ciência moderna.

A dissertação conta com um amplo trabalho de campo feito nos meses de março a outubro de 2017. Visitaram-se oito mulheres parteiras anciãs rurais e urbanas, conseguindo dessa forma uma variada expressão de narrações de vida, de como as parteiras aprenderam seu ofício, as dificuldades deste, as condições do trabalho das parteiras na assistência ao parto domiciliar, a percepção social de seu trabalho e o afastamento da cena de parto pelo aumento na medicalização do corpo feminino, ou como defeito às adaptações e atravessamento das práticas biomédicas para o trabalho das parteiras.

O percorrido no campo não foi feito só pela autora dessa dissertação, que contou com a presença e compromisso dum coletivo de mulheres de nome “Grupo de Resgate de Parteiras do RS”, fundado pela autora junto a outras pesquisadoras, educadoras populares, doulas na tradição, jovens parteiras na tradição e aprendizes (pertencentes da Escola de Saberes, Cultura e Tradição Ancestral – ESCTA da em mais - coordenada pela parteira tradicional Suely Carvalho), formado em dezembro de 2016 no marco do Círculo de Sagrado Feminino de Santa Maria (RS) que funcionou até 2017 na Comunidade Tribo da Lua Vermelha, em Silveira Martins (RS), pelo interesse comum de procurar parteiras anciãs no Rio Grande do Sul, para fazer um resgate e reconhecimento dos saberes populares femininos ainda vivos nas mulheres dessa terra gaúcha. Além de ter como grande intenção colocar esse resgate dentro

das iniciativas de pesquisa e extensão universitária, nesse caso como parte duma dissertação no Programa de Pós-graduação em Extensão Rural.

A dissertação tem duas perguntas guia: 1- Como são as experiências ausentes identificáveis nas narrações de vida de mulheres parteiras anciãs? 2- Como pode se fazer um resgate desses saberes populares femininos?

Por objetivo geral tem se o intuito de **indagar as experiências desperdiçadas pela ciência moderna nas narrações e em diálogo com parteiras rurais e urbanas anciãs do RS. Isso vai acompanhado pelos** objetivos específicos de **analisar as narrações das parteiras sob o olhar da sociologia das ausências e o de narrar a experiência do movimento de mulheres pelo resgate de saberes populares femininos sob a aproximação da sociologia das emergências.**

Nossa pesquisa, qualitativa e exploratória, é narrativa, desde seu método desencadeante até sua produção teórica. Instalasse dentro da virada narrativa, como forma de fazer ciência desde o entendimento de relatos de vida individuais que são reflexo de processos sociais complexos, neste caso de mulheres anciãs do RS. Utilizaram-se as técnicas de investigação da entrevista direta e a observação participante, contando também com um registro audiovisual (fotografias e vídeos) amplo.

A pesquisa considerasse transdisciplinar - pode ser atravessada por muitos olhares -, as teorias que a sustentam são os trabalhos propostos pelo professor Boaventura de Sousa Santos no intuito de fazer uma epistemologia que nascera do sul, no demanda de reconhecer os conhecimentos ausentes e emergentes que a ciência moderna deixou vedados ou proibidos. Conjuntamente com um diálogo de saberes com os trabalhos do movimento feminista, mais especificamente os propostos pelas autoras Vandana Shiva e Lorena Cabnal, entre outras. Foi feito, além disso, uma revisão bibliográfica e de documentos que colocam em discussão a medicalização do corpo feminino, a parteria, os saberes ancestrais e as práticas das mulheres para o cuidado de sua saúde.

Achou-se necessária uma pesquisa nesta temática pela desconfortável realidade de se encontrar em pessoa, com um saber científico e filosófico linear dentro da extensão rural, onde os saberes populares e principalmente os saberes femininos – economia dos cuidados, medicina popular, organização comunitária - são deixados às margens da ciência, sem escuta e sem diálogo continuado, mas que pelo incansável trabalho de pessoas isoladas dentro da academia que tentam no cotidiano fazer da extensão rural seu verdadeiro sentido, ou seja, o dialogo de saberes. Como propõe o professor Santos, se faz necessária nestes momentos de transição no mundo uma extensão ao reverso da qual conhecemos, onde os saberes populares

sejam trazidos para dentro das universidades e instituições de formação. Onde o saber científico se comprometa num processo de desaprender, “temos que criar uma contra-universidade dentro da universidade” (SANTOS, 2013) e para isso é que também a presente pesquisa trabalha por deixar de ser isolados e isoladas propondo diálogos de saberes reais e sustentáveis no tempo, dentro das universidades.

Também foi necessária essa dissertação pelo interesse pessoal e grupal de tentar achar e concretizar no resgate, nas visitas, nas conversas, no intercâmbio, no trabalho de campo mesmo, se transformar em guardiãs duma semente crioula bem feminina/feminista que pode se perder, como um fogo que ainda está aceso mas que precisa com urgência de mais madeira.

Nessa intenção de cuidar o fogo dos saberes populares femininos e entendendo que uma aproximação para isso é ativar o diálogo possível com a academia em outubro de 2017 aconteceu o 1º Encontro de Parteiros do RS dentro da UFSM, com o apoio da pós graduação, de grupos de pesquisa e extensão das áreas médicas, artísticas e sociais da UFSM e de ONG's externas. Nesse encontro foram escutadas e honradas as experiências de quatro das oito parteiras entrevistadas nesta pesquisa, participaram mais de 150 pessoas, não só estudantes, se não familiares de estudantes, familiares das parteiras, mulheres que acompanham processos de mulheres, artistas da cidade de Santa Maria, RS e público em geral.

Com o mesmo intuito foi que pessoalmente me tornei doula na tradição e ao longo do 2018 fiz parte duma equipe de nascimento na Argentina, trabalhando no acompanhamento da gestação, parto e pós-parto de três casais gestantes, junto a parteiras jovens formadas na Escola da Tradição.

O trabalho de campo, o Encontro de parteiras, e toda a caminhada ao redor desta pesquisa se tornou parte de meu trabalho cotidiano e ainda mais grande que seus próprios objetivos acadêmicos. Assim foi que nasceram muitas perguntas na intenção que um percorrido bem subjetivo seja possível de expor como dissertação. Então foram achadas e escolhidas as ferramentas que disponibilizam as epistemologias do sul, as propostas da pesquisa narrativa e o olhar feminista para tentar dar uma olhada transdisciplinar, ampla e complexa no diálogo com as narrações de vida de parteiras anciãs do Rio Grande do Sul, quilombolas, descendentes alemãs e italianas, afrodescendentes e indígenas. Elas são as protagonistas desse trabalho onde o mais importante foi escutá-las e analisar suas falas em função dum interesse político e artístico além de científico, que é fazer outro mundo possível, onde não só os conhecimentos ocidentais e seus linguajes sejam aprovados e legitimados pelo discurso hegemônico da ciência e onde as experiências de vida, os saberes ausentes e as construções emergentes de outras formas de nos relacionar possam se expressar e legitimar.

2 PERCURSO TEÓRICO

*“Na prática a gente vai adquirindo, a prática a gente adquire(...),
é, isso aí! Diz que mais vale a prática do que a gramática”
(Dona Paulina, parteira de Jari RJ. 2017).*

O primeiro capítulo vem nos indicar e organizar o caminho desde o intuito de atravessar as experiências já vividas no trabalho de campo com a caixa de ferramentas¹ que são pensamentos/conceitos/teorias chaves que dialogam e interpretam essa prática. Na crença que o fazer prática-teoria-prática, nessa ordem, é o percorrido que pode nos levar até a resultados mais reais e significativos para as comunidades, não apenas para a academia.

Nessa intenção, de construir nosso objeto de estudo desde o percurso teórico, é que partimos das teorias desenvolvidas pelas feministas comunitárias da América Latina e do ecofeminismo, para chegar a incluir elas nas Epistemologias do Sul propostas pelo professor Boaventura de Sousa Santos (2002), para, desde aquele, se abrir o leque de olhares transdisciplinares, críticos e alternativos teóricos e metodológicos que pudessem nos facilitar o trabalho da análise e discussão. Na nossa pesquisa que tem como objetivo principal indagar e reconhecer nas “experiências desperdiçadas” aqueles saberes ausentes e nas potencialidades emergentes o resgate de saberes populares femininos presentes nas narrações de parteiras anciãs do RS e o movimento de busca que faz parte, além de colocar no centro o necessário diálogo de saberes.

Por isso, acreditamos numa ciência em ação consciente e capaz de favorecer a visibilidade das diversidades do saber-fazer e o diálogo de saberes ancestrais e populares com os saberes científicos plurais. Assim as epistemologias do sul interpelam o lugar da ciência como cena e espaço onde se define o saber hegemônico até a necessária abertura a todos os olhares, experimentações e compressões da realidade que não tenham como absoluto componente legitimador o olhar teórico ocidental. Como repete Santos em suas declarações e entrevistas: “as epistemologias do sul não são figurativas, são os conhecimentos nascidos na

¹ Segundo Foucault, temos que entender as teorias como uma caixa de ferramentas onde “não se trata de construir um sistema senão um instrumento, uma lógica própria às relações de poder e às lutas que se comprometem ao redor delas. Que a busca pode se fazer aos poucos, partindo duma reflexão (necessariamente histórica nalguma de suas dimensões) sobre situações dadas” (1985, p. 85)

luta de quem sofrem e sofreram o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado” (SANTOS, 2013)

Então, este capítulo vai se aprofundar sobre os procedimentos sociológicos destas epistemologias do sul como reveladoras de produções, conhecimentos, valores e experiências anti-imperialistas, a partir das propostas de uma sociologia das ausências e outra das emergências. Que juntas possam nos colocar na possibilidade de trazer para a discussão "conhecimentos-outros" (SANTOS, 2011, p. 12) – não só os conhecimentos ocidentais – ao olhar nas narrações e lembranças de parteiras que ainda são no presente (amplo em temporalidade e espacialidade), as diversidades vedadas e os futuros mais próximos e reais em contraposição com o pensamento linear e mono-culturalizante da ciência moderna eurocêntrica onde o futuro é indefinidamente amplo.

Mas, nos primeiros apartados deste movimento de prática-teoria-prática valorizamos como importante começar pela particularidade que tem esta pesquisa, que trabalha investigando sobre os corpos-territórios femininos, os saberes populares femininos e as práticas de cuidado que tem as parteiras de ontem que são hoje. Para isso são tomados os pensamentos-chaves da autora Silvia Federici (2010) ao respeito do corpo feminino e os saberes dele diminuídos e invisibilizados pela ampliação do capitalismo patriarcal, na caça às bruxas na Europa e no mundo, e como essa caça foi se repetindo ao longo das crises do capitalismo, como na metade do século XX com a imposição da medicalização do corpo feminino de maneira total e o afastamento, justificado nas leis, das parteiras tradicionais no mundo e especialmente no Brasil na ditadura militar - hoje sendo resgatado pelo trabalho de inumeráveis grupos sociais-. Tentando colocar nosso olhar onde o saber do corpo feminino e os ofícios e serviços que estiveram ancestralmente ao seu cuidado foram tirados das mãos das mulheres do mundo inteiro, para ser moeda de troca no mercado, no início do capitalismo e em todas suas etapas.

Além disso, procurei que neste capítulo possa se historiar sobre a colonização do corpo feminino, que teve, entre outras consequências, os intentos de afastamento das parteiras na cena do parto. Parteira que é sujeito histórico, político, cultural e econômico das sociedades desde tempos antigos. Para isso, se faz uma revisão de alguns textos da literatura científica na temática da América Latina, procuramos saber o que se diz sobre as atividades das parteiras, os espaços de ação, as tarefas, as características e as perseguições e criminalizações que se deram ao redor dum ofício que hoje pode estar se perdendo, mas que ainda está vivo nas comunidades rurais ou periféricas e nos resgates feitos pela juventude. Neste sentido os textos constituem nosso estado da arte do tema de pesquisa.

Colocamos o foco em facilitar um diálogo entre as epistemologias do sul com as buscas teóricas dos feminismos, porque de fato se a história universal tem um ator mais que invisibilizado, oprimido e calado na ciência, na arte, no mercado, até na vida cotidiana é a mulher, com seus saberes, percursos, costumes e trabalhos para manter, sustentar, construir e até lutar contra o sistema patriarcal. Sem esquecer que tem sido a mulher quem vem perdendo entre suas atividades mais cotidianas e íntimas às práticas e saberes sobre seu corpo bem como sobre sua terra, por exemplo, no espaço do parto e no cuidado dele, sendo ele medicalizado nas justificativas da racionalidade instrumental.

Daqui a diante vamos fazer um percurso por cada conceito que acompanha o diálogo entre teoria e prática desta pesquisa, com o intuito de nos aproximarmos das profundezas das categorias que com certeza nos dão argumentos discursivos e ferramentas para a análise dos resultados.

2.1 A SOBERANIA DO CORPO FEMININO: O PARTO E O RESGATE DOS SABERES AO REDOR DELE

“As mulheres sempre foram curandeiras. Elas foram as primeiras médicas e anatomistas da história ocidental. Eram também enfermeiras, conselheiras e realizavam abortos. Foram as primeiras farmacêuticas com seus cultivos de ervas medicinais, compartilhando os segredos dos seus usos. Durante séculos, as mulheres foram médicas sem diploma, excluídas dos livros e das palestras, aprendendo umas com as outras e passando suas experiências entre vizinhas e de mãe para filha. As pessoas as chamavam de mulheres sábias, ainda que para as autoridades fossem bruxas ou charlatonas. A medicina forma parte da nossa herança como mulheres, é nossa história, nosso direito inato” (EHRENREICH; ENGLISH, 2006, p. 3)

A presente pesquisa tem um forte viés feminista do sul, que é valorizado e necessário inclusive para a construção do olhar diverso das epistemologias do sul. Nesse marco atendemos as propostas teórico epistemológica e militante do feminismo comunitário organizado pelas autoras, pesquisadoras e militantes indígenas Lorena Cabnal (da comunidade indígena maia-xinka da Guatemala) e de Julieta Paredes (da comunidade indígena Aymara da

Bolívia). Neste feminismo procura-se desde o corpo e para o corpo trabalhar simultaneamente:

[...] por conquistar un Espacio (en el que podamos vivir sin violencia y con libertad para ejercer nuestra sexualidad y nuestros placeres), recuperar un Tiempo nuestro, producir un Movimiento (capaz de obtener espacios de decisión y participación política) y restituir una Memoria de conocimiento sobre nuestros cuerpos de mujeres. (DORRONSORO, 2010b, p. 205 - 206).

Nas últimas palavras da citação fica claro a necessidade de nos aproximarmos deste tipo de feminismo, seu trabalho pelo resgate das memórias ancestrais e a prática cotidiana desses saberes para que não se percam. Na “Red de Sanadoras Ancestrales del feminismo Comunitario”, da que faz parte a autora Cabnal, se torna uma prática militante colocar em ação esses “saberes fazer” da memória de conhecimento na saúde, cuidado e desfrute dos corpos de mulheres que participam da rede e compartilham eles. Na mesma dinâmica, encontramos as ecologias que Santos propõem para trabalhar as ausências, questão que vamos ir mergulhando mais adiante para integrar o feminismo, ali onde são convocadas e construídas as epistemologias do sul.

Seguindo, os temas da soberania do corpo feminino e os saberes populares das mulheres, no cuidado e nos partos, são centrais, nesta divisão do pensamento abismal que nos traz Santos, nos encontramos com aquele corpo de mulher, aqueles saberes, aqueles ofícios e acontecimentos que ficaram do outro lado, desse lado onde não existe, onde não se vê e onde se produz para que se continue assim. Onde o que fica do outro lado é receita dos efeitos da violência, a discriminação, o extrativismo, a modernização, a tecnificação, a industrialização, a medicalização, entre outros processos nocivos. Esses processos de controle, restrição e repressão do corpo, de depreciação dos saberes diversos, onde a mulher como um todo tem sido a protagonista do não existente junto com a natureza tratada como recurso e onde as experiências foram desperdiçadas e é aí onde também se gestam as lutas.

Daqui para frente fazemos um percorrido pelos conteúdos que vão nos ajudar na construção do conceito de soberania do corpo, saberes populares femininos e vão nos dar um panorama geral do espaço do parto como acontecimento social e íntimo da mulher no Brasil, para depois, no próximo apartado, chegarmos nesse ofício que nos convoca que é a arte de partejar.

Então, para começar colocamos nosso olhar sobre o corpo, como aquele prisma onde olhamos o mundo e nos reconhecemos nele, onde se resgatam as memórias e moram os saberes, corpos individuais e coletivos, corpos femininos com histórias. Nessa perspectiva os

feminismos têm aportado um olhar transversal que pode se integrar em qualquer análise, estudo, pesquisa, ou além disso, também nas nossas vidas cotidianas (CRESPO, 2017). Mas também, neste sentido, são transversais as noções de colonização do corpo feminino, a medicalização dele e o espaço de parto como último espaço onde o pensamento patriarcal e as lógicas capitalistas conseguiram mexer, e pelos quais os saberes populares femininos e as práticas foram se perdendo. Talvez o último seja aprofundado ao longo do marco teórico, já que é um plano de fundo que pinta tudo e que viemos detalhando desde o início com as propostas duma outra epistemologia que seja do sul.

Portanto, nossa atenção está colocada no corpo feminino para podermos nos aproximar desde uma escala cotidiana e simples - porque todo mundo tem corpo e pode identificar nele, se presta atenção, sobre seus sentimentos, desejos e até limites impostos – até algumas noções que achamos úteis para nossa pesquisa, já que trabalhamos com a intenção de indagar e compreender nas narrações sobre as experiências de vida de mulheres parteiras anciãs e o movimento de resgate de seus saberes com a ideia de visibilizar e valorizar as experiências desperdiçadas pela ciência e as monoculturas ocidentais. Nessa procura precisamos nomear e colocar em diálogo estudos do sul bem diversos para ver como o olhar patriarcal e capitalista produz o lado do não existente os acontecimentos da mulher, fazendo de seu corpo um instrumento a mais da produtividade e a colonização. Porque, se temos dúvidas cabe fazer um esclarecimento aqui, estamos falando de mulheres ajudando e colocando seus saberes populares ao serviço dum momento sagrado e único da vida de qualquer pessoa, que é o momento de nascer e parir.

Nessa procura foi que encontramos a visão do Ecofeminismo que aproxima os ecologismos aos feminismos. No “1º Congreso Internacional de Comunalidad” (realizado na Universidade de Puebla Mexico, em outubro do 2015) tem se trabalhado o ecofeminismo definindo que:

Supone una mirada crítica sobre el actual sistema social, económico y cultural que mantiene que el modelo social vigente está conformado por medio de la subordinación de las mujeres, de la colonización de los pueblos y sus tierras y de la explotación de la naturaleza, quienes no solo han sido considerados inferiores sino que también han sido invisibilizados. Además de suponer una crítica, el ecofeminismo propugna una nueva forma de mirar el mundo y la sociedad, compatible con los límites del planeta y con la reproducción social de la vida. (Grupo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo, 2015)

Para o ecofeminismo as pessoas têm duas dependências: cada pessoa ou coletividade depende da natureza e a dependência das pessoas entre sim, isso é o que garante nossa reprodução social. Por uma parte somos *eco-dependentes* e como corpos vulneráveis,

contingentes e finitos também somos dependentes do trabalho de outras pessoas, somos então *inter-dependentes*. Se explica no mesmo artigo:

Durante toda la vida, pero sobre todo en algunos momentos del ciclo vital, las personas no podríamos sobrevivir si no fuese porque otras dedican tiempo y energía a cuidar de nuestros cuerpos. Esta segunda dependencia, la interdependencia, con frecuencia está más oculta que la anterior y ha recaído históricamente en el trabajo realizado por las mujeres. Las sociedades actuales han vivido de espaldas y negando estos dos conceptos, la eco-dependencia y la interdependencia, esenciales para la sustentabilidad de la vida, esto ha generado la explotación de la naturaleza y de los cuerpos de las mujeres [...] (Grupo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo, 2015)

Da mesma forma no texto, Todos los días mi cuerpo es un territorio que libra batallas: Dialogando con el concepto cuerpo-territorio, as autoras afirmam que:

El cuerpo es un lugar que se desdobra, se expande y contrae en el acontecer de los días, de las vidas, modelándose, re-creándose e incluso distorsionándose en el encuentro con los otros y con las otras (Santa Cruz, 2010, p. 33). Hablar de la categoría cuerpo-territorio no sólo es definirla, sino mostrar lo que hay tras bambalinas, que intuyo son diálogos impregnados de negociaciones y luchas de muchas mujeres feministas y no, que han cuestionado el papel hegemónico de subordinación que la sociedad patriarcal impone al género femenino y a sus cuerpos como posesión de lo que puede ser sacrificado en aras de un control territorial. "Controlar el cuerpo de las mujeres a través de la violencia sexual [o cualquier violencia] 4, es una forma de manifestar el control territorial de los colonizados" (SEGATO, 2008, p. 35 em Grupo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo, 2015)

Em diálogo com o ecofeminismo estão as propostas e considerações do feminismo comunitário que falamos antes, que nasce desde um olhar indigenista e bem latino-americano e tem como principais vozeiras duas pesquisadoras indígenas e militantes. Para as feministas comunitárias o corpo é o primeiro território de defesa e cobra um significado especial, nesta abordagem dum elaboração epistemológica onde a defesa do corpo-terra integra a "recuperación y defensa del territorio tierra como una garantía del espacio concreto territorial donde se manifiesta la vida de los cuerpos" (CABNAL, 2010, p. 22-23). Nas palavras de Cabnal (2010, p. 23) encontramos como, para ela, as violências históricas e opressivas existem tanto no primeiro território-corpo, como para o território histórico, a terra. Assim é que o feminismo comunitário faz uma revisão do olhar dos feminismos do mundo, denunciando questões esquecidas: que as práticas patriarcais são ancestrais e não só do capitalismo, que tem presença absoluta no continente americano desde sua colonização, mas

que os povos indígenas tinham práticas assim antes disso e que o ser colônia só asseverou uma realidade existente nas culturas originárias².

No mesmo plano que o ecofeminismo, o feminismo comunitário unifica as lutas pela recuperação, respeito, e resgate da terra – e a natureza - e seus saberes e os dos corpos, mas fazendo real finca-pé nas violências exercitadas contra os povos indígenas e em especial às mulheres indígenas. Ainda fazendo essa ênfase as feministas comunitárias procuram uma superação dos desencontros com outros feminismos e movimentos de mulheres, que historicamente representaram mais um olhar ocidental ou branco, por meio do estabelecimento de alianças que permitam eliminar o patriarcado como:

[...] el sistema de todas las opresiones, todas las explotaciones, todas las violencias, y discriminaciones que vive toda la humanidad (mujeres hombres y personas intersexuales) y la naturaleza, como un sistema históricamente construido sobre el cuerpo sexuado de las mujeres³ [...] (CABNAL, 2010, p. 16).

Na proposta emergente desse feminismo também se resgata o atuar em Comunidade, “entendidas éstas como modelos de organización colectivos que se dan a todos los niveles, desde lo más local y rural, a lo más global y urbano. Comunidades pensadas y conformadas en colectivo, que hacen frente y dan respuesta a la sociedad individualista occidental”. (DORRONSORO, 2013, p. 207)

No mesmo plano Santos (2013) descreve e identifica as “presenças coletivas”⁴ desse lado do não existente, como presenças que são politizadas, muito apesar de que o pensamento abismal deixe elas desprestigiadas por não pertencerem às instituições clássicas como sindicatos ou partidos políticos que são as construtoras dos sujeitos políticos.

Nestes saberes fazer, dos corpos-território que falamos acima, podemos colocar os saberes e práticas das parteiras que são objeto de estudo desta pesquisa, como experiências que, ainda sendo não existentes para a ciência ocidental (moderna, colonial, eurocêntrica e patriarcal), ajudaram na gestação, no parto, nascimento e no pós parto como acontecimentos e passagens na vida de milhares de mulheres junto com a sabedoria da terra, no uso de ervas, na

² A esse respeito a Mirella Faur (2011), escritora e líder espiritual no movimento conhecido como o Ressurgimento do Sagrado Feminino, o retorno da Deusa na Brasília, estuda sobre as sinais da arqueologia que indicam que o patriarcado na Europa e Oriente antigo tem se iniciado bem seguido do neolítico com a morte das Deusas mulheres ao mesmo tempo que o início das tecnologias de guerra.

³ Torna-se necessário neste apartado deixar claro que nem o ecofeminismo nem o feminismo comunitário propõem a ideia determinista de que mulheres e meio ambiente natural tem proximidade percebidas como naturais, ou seja não a naturalização do papel das mulheres com responsabilidades diferentes dos homens porque seriam mais próximas da natureza.

⁴ Conceito que o professor Santos explica na Ponencia sobre Descolonización, las epistemologías del sur na Universidade Autónoma da Cidade de Mexico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZnMYIDNOJEo>>.

alimentação ou na observação das luas, para dizer alguns exemplos. Nesse corpo-território que aparece e reaparece nesses saberes adquiridos na acumulação do fazer e nas histórias das ancestrais passadas na oralidade.

Porém, aqui temos que nos perguntar sobre esses saberes populares femininos, que viemos dizendo que tem sido silenciados ou até proibidos por serem valorizados como ameaça⁵ para a cultura patriarcal e sua expressão na biomedicina. A pesquisadora brasileira Mani Alvarez (2012) se aproxima a esses saberes desde seus estudos sobre curandeiras e o sagrado feminino contando que: “as mulheres entendem e conhecem as plantas que curam; compreendem os ciclos da Lua, das estações que vão e vem ao longo da roda do Sol pelo céu. Elas têm um pacto com essa fonte sábia e misteriosa que é a Mãe Natureza”. São saberes populares femininos que nascem da própria experiência de vida, que iam sendo passados de geração em geração, cuidando uma tradição não estática, já que se enriquecia com as vivências que trazia cada acontecimento, que permitia e continua permitindo dar sentido à vida e ao mundo. As feministas americanas Ehrenreich e English já escreveram nos anos 70’ em seu livro “Bruxas, parteiras e enfermeiras” que aquela história das mulheres ao cuidado não é linear:

[...] e desde que a instituição médica passou a exercer seu poder sobre os corpos, as resistências dos conhecimentos tradicionais se mantiveram. Alguns dizem ‘antigamente, quando as bruxas existiam...’, mas as bruxas nunca deixaram de existir. E os conhecimentos que são passados de mãe para filha, de avó para neta, de vizinha para vizinha, de amiga para amiga, são os elementos que fazem essa história ser presente” (EHRENREICH; ENGLISH, 2006, p.1).

Vem somar nesta visão os estudos pós-coloniais, também nascidos no sul, desde os quais é feita uma crítica útil para observar sobre esses saberes, já que a produção de saber que temos é parte de um projeto de sociedade que, por se pretender hegemônica e universal, impede o desenvolvimento da diversidade de saberes e experiências, produzindo assim uma assimetria nos saberes derivados da colonialidade do poder, isso que para o professor Santos é a injustiça cognitiva.

Na mesma linha se colocam os aportes da pesquisadora indiana, agroecóloga e feminista Vandana Shiva, que chama de colonização intelectual àquela que gera as monoculturas da mente, e caracteriza o sistema de saber dominante enquanto um sistema

⁵ “É muito ousado uma mulher ter controle sobre seu próprio corpo, e ao mesmo tempo à reprodução humana. Portanto, o patriarcado e o regime heterossexista vêm promovendo desde a Inquisição até os dias atuais o distanciamento das mulheres de seus processos fisiológicos (“naturais”) e emocionais. Essa alienação cria uma estrutura social poderosa que busca submeter e controlar as mulheres. Mas as bruxas estão despertando” (EHRENREICH; ENGLISH, 2006).

local, com base definida em cultura, classe e gênero bem específicos, cujas formas de estruturação e legitimação, assim como suas práticas e sua organização social, geram grande desigualdade e dominação. Os sistemas modernos de saber provêm de uma cultura “ultradominadora e colonizadora [...] e são, eles próprios, colonizadores” (SHIVA, 2003, p. 21).

Diversos estudos feministas demonstraram que a medicina, e mais especificamente a obstetrícia, se desenvolveu como um campo eminentemente masculino, tomando como norma o corpo do homem, ajudando a construir e reproduzir diversos preconceitos de gênero, transformando em tabus processos naturais e silenciando necessidades e saberes próprios dos corpos femininos. Cabe esclarecer aqui que foi desde a colonização do território-corpo/território-histórico da América iniciada nos 1492 que as práticas e saberes populares femininos, no caso dos povos indígenas, foram aos poucos perseguidos, proibidos, criminalizados, escondidos e até esquecidos. Porém, ainda fazendo história só desde o século XIX é muito anterior o processo de caça às bruxas, que para a Europa foi em simultâneo com a colonização da América e a transição do feudalismo ao capitalismo, temática que vamos abordar sob os estudos da pesquisadora Silvia Federici no próximo apartado.

No mesmo sentido, é importante reconhecer que os estudos pós-coloniais, que tem como principais referentes a Anibal Quijano e Arturo Escobar, mostram como a lógica utilitarista própria do capitalismo moderno, se tornou o fio condutor do modelo biomédico atual e em particular na obstetrícia que tem na cesariana sua maior representante (PIMENTEL)

[...] los “feminismos poscoloniales” son movimientos político-sociales complejos y dinámicos que pretenden transformar las relaciones asimétricas de opresión entre los sexos, a partir del cuestionamiento de categorías, conceptos e ideas, en relación al género, con la finalidad de proponer nuevos significados que consideren las experiencias de mujeres provenientes de realidades invisibilizadas. [...] resulta claro que las tres teóricas están comprometidas con la visibilización de realidades y experiencias de mujeres de contextos marginados, es decir, mujeres consideradas inexistentes dentro de sus propios lugares de enunciación, en tanto habitantes paradigmáticas del otro lado de la línea. (RON ERRAEZ, 2014, p.37)

A pesquisadora Pimentel em seu avanço de tese - consultada para construir um estado da arte - se aproxima da nossa temática de estúdio definindo que:

O modelo de assistência ao parto foi remodelado com a consolidação da instituição médica e do projeto de industrialização da sociedade moderna. Se, antes, o parto se configurava dentro de um modelo altamente subjetivo, o desenvolvimento da técnica e do saber médico corroboraram o processo de normatização da vida privada e, no caso específico do objeto deste texto, do parto. (PIMENTEL, 2014, p. 4)

Ao tempo, então, o parto e os saberes que integravam esse acontecimento feminino foram se modificando para cumprimentar com o controle sobre os corpos-territórios femininos, a assimetria dos saberes e a dominação de gênero. Tal dominação, fruto do modelo de sociedade patriarcalista, pode ser claramente percebida no modelo biomédico de hoje e ontem, no mundo e no Brasil particularmente.

Outra tese consultada foi da pesquisadora Santos Pereira, do Maranhão, que estuda como, até o aparecimento da biomedicina moderna ocidental, as mulheres da América pariam seus filhos em casa, assistidas por outras mulheres que sabiam “aparar crianças” (2011). A autora diz: “Os acontecimentos acerca da gravidez, do parto e do cuidado com as crianças eram decifrados por práticas e gestos de uma cultura essencialmente feminina que ainda trilhava equidistante ao olhar da Medicina” (2011). Sobre como a biomedicina foi ocupando o espaço das mulheres vamos descobrir no apartado seguinte.

2.2 CONTEXTO BRASILEIRO, DE HOJE E ONTEM

No Brasil colonial o parto era um evento de mulheres, assim diz Del Priore (1993) em seu livro *Ao sul do Corpo*, só num parto difícil se requeria a participação de outras parteiras com mais experiências, da vizinhança toda, tornando-o um evento coletivo mas não um evento biomédico ou patológico. O autor ressalta que as mulheres se valiam de rezas e benzimentos, bem como de instrumentos do mundo doméstico, como a bacia, a tesoura, para cortar o cordão umbilical e da garrafa de cachaça, para limpar a tesoura, assim como do azeite, óleo ou banha, para as massagens – o parto era um momento de solidariedade entre mulheres que contavam com a ajuda das parteiras (DEL PRIORE, 1993).

Mas não foi sempre assim, os saberes sobre o parto e o espaço de parto em si foram se colonizando com a instauração das primeiras escolas de medicina, no início do século XIX, na Bahia e no Rio de Janeiro e com as posteriores certificações – feitas por médicos homens - ou cursos obrigatórios para exercer o ofício da parteira que se solicitaram, já no princípios ou metade do século XX, dependendo do estado. Isso reafirmou em território brasileiro a prática dum determinado tipo de saber: o biomédico. Esse saber foi gradativamente desqualificando todo e qualquer outro tipo de saber que não estivesse de acordo com o modelo de pensamento acadêmico hegemônico. “A instauração do hospital como local oficial e institucionalizado de assistência ao parto pode ser considerada como um dispositivo da colonialidade do saber”

(PIMENTEL, 2014) com a medicalização do corpo feminino, na medida em que se sobrepôs às práticas e saberes populares. Reforçando a hierarquização dos saberes com um forte viés de gênero, já que o desenvolvimento da biomedicina é um lugar historicamente masculino⁶ que atua sobre os corpos-territórios e saberes populares femininos.

O livro “Bruxas, Parteiras e Enfermeiras”, publicado pela primeira vez por The Feminist Press, escrito por Barbara Ehrenreich e Deirdre English em 1973, virou uma referência, assim como uma grande contribuição para o resgate da história da saúde das mulheres nos EUA e em todo o mundo. Na edição brasileira deste, se conta sobre os acontecimentos que levaram ao Brasil ser um dos países com maior porcentagem de cesarianas do mundo (dados da OMS) e como isso foi acompanhado pela transformação do espaço de parto e o afastamento das parteiras⁷ tradicionais ou empíricas - para nomear elas de alguma forma. Tal como contam as autoras desse livro:

[...] a transformação do significado do cuidado do nascimento e do parto passa tanto por desacreditar os saberes e práticas locais quanto proibi-las e substituí-las por práticas e saberes fora de contexto cultural. Com a vinda da família real portuguesa em 1808, muitas parteiras europeias foram trazidas para o recém-proclamado Reino do Brasil. Logo em seguida, fundou-se a primeira escola de medicina no Rio de Janeiro, que mais tarde formaria parteiras diplomadas. Porém, as parteiras tradicionais locais (indígenas, caboclas, negras) obviamente não foram incluídas neste processo. (EHRENREICH; ENGLISH. 2006, p. 57).

Nesse contexto, só mulheres jovens de origem europeia podiam ingressar nos cursos, e assim aos poucos foi se propagando primeiramente nas cidades até as regiões rurais que somente as que possuísem diploma poderiam exercer a parteria.

Seguindo, com o processo de modernização em auge e o crescimento da população das capitais, as políticas de saúde pública incentivadas pelo crescente movimento higienista no final do século XIX traziam um discurso sobre a puericultura e a importância da maternidade para a nação. Como resultado, o parto que até então era um evento familiar de mulheres começa a ser retirado do domicílio e transferido ao hospital, passando a ser visto como um evento perigoso e que requer cuidados médicos. A consequência da institucionalização do atendimento ao parto nos hospitais foi a organização da formação com qualidade técnica das profissionais que faziam esses atendimentos (EHRENREICH; ENGLISH, 2006). O movimento higienista foi simultâneo com a urbanização das cidades, o saber científico, social

⁶ Um dado interessante: nos cursos de medicina nas universidades do Brasil só na disciplina “Parto” se estudava o corpo feminino, entendendo que o corpo feminino tinha que ser estudado só em sua capacidade e qualidade de reprodutor.

⁷ Sempre que dizemos Parteiras vamos falar do trabalho de parteiras que não receberam formação acadêmica para exercer seu ofício.

e biomédico foi se tornando o principal e mais importante para o controle das populações e o único possível.

Ao tempo que até a década de 1930 o curso de parteira permaneceu reduzido a uma espécie de curso técnico subordinado aos cursos de medicina, de fato muitos relatos contam que a disciplina Parto no curso de medicina era uma das menos populares. A partir da década de 1960, muda de curso de técnico/médio para superior, e em 1970 o curso não é incluído no departamento de medicina e acaba se integrando à Escola de Enfermagem, composto por um corpo docente só de mulheres. Que as docentes sejam só mulheres tem mais a ver com um olhar patriarcalista que feminista, já que as enfermeiras obstétricas ficam embaixo e as ordens dos médicos homens encarregadas das tarefas femininas de alimentação e limpeza – uma maioria passiva e silêncios (EHRENREICH; ENGLISH, 2006)

Nesses mesmos anos, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, se faziam cursos organizados pela saúde pública para regularizar o trabalho de parteiras tradicionais, com o fim de doutriná-las nos princípios higienistas, no uso de luvas, injeções, medicamentos e soros, além de ensinar para elas como fazer registros dos partos e sobre a importância de ter a observação dum médico de sua cidade, que esteja informado sobre os partos que iam atender para auxiliar em caso de urgência. Nos cursos muitas parteiras conseguiam ter algum tipo de certificação – como parteiras leigas ou empíricas - para trabalhar sem serem perseguidas, principalmente nas zonas rurais onde as políticas públicas e o interesse de mercado demoravam um pouco mais a chegar.

Nesse período histórico do mundo - pós 2ª Guerra Mundial - houve um movimento mundial de inserção das tecnologias da guerra na industrialização da produção de bens e serviços, o que para o obstetra Michel Odent (2003) foi a industrialização da agricultura e do parto, em simultâneo.

Além de ser um novo mercado para todo o investimento feito para a guerra, ela acompanha o fortalecimento de um novo paradigma cultural, mais mecanicista e tecnocrático que passou a atravessar todos aspectos da vida, não somente na agricultura. (...) Na área obstétrica, a criação de ferramentas e anestésicos consolida a ideia de parto como um evento patológico e perigoso. (EHRENREICH; ENGLISH, 2006, p. 59).

Como consequência, na Europa, nos EUA ou no Brasil, o que aconteceu foi a gradual exclusão de parteiras da assistência ao parto, pois não se encaixavam nesse modelo intervencionista que tinha como utopia e promessa o parto sem dor e sem riscos.

O obstetra Odent, promotor mundial do parto respeitado, fala desde o outro lado do atlântico e observa que:

O principal ímpeto de eliminar as parteiras disfarçava no pretexto de melhorar a assistência. Porém, os reais motivos eram econômicos. As parteiras não apenas limitavam o volume de negócios para os médicos, mas, uma vez que a clientela tendia a ser pobre, o “material” com o qual as novas gerações de obstetras podiam ser treinadas também se reduzia. Em tal contexto, a hospitalização se disseminou mas cedo que na Europa. (ODENT, 2003, p. 45)

No meio, então, as parteiras tradicionais, aquelas que entendemos que foram formadas por suas mães, madrinhas, vizinhas pela transmissão oral ou pela mesma experiência vivida, mesmo sendo afastadas das cenas do parto por causa da institucionalização nunca sumiram, continuaram e continuam atuando nas mais diversas regiões do Brasil, apoiando mulheres que não possuem acesso a nenhum serviço de saúde institucional ou que escolhem parir em casa.

Foi particular no Brasil a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) na década de 1980, que com uma perspectiva de saúde universal abriu portas a capacitação das parteiras tradicionais e a inclusão das mesmas no sistema de saúde.

Essa aproximação aconteceu no ano 2000 quando o Ministério da Saúde criou um programa de trabalho junto às parteiras tradicionais. É discutível a eficácia do programa, bem como a relação do Estado e sua relação de poder com as práticas étnico-culturais das parteiras”, (EHRENREICH; ENGLISH, 2006, p. 60).

É assim que podemos ler na profissionalização e inclusão nas instituições das parteiras como uma forma de limitar seus saberes diversos só aos biomédicos.

Também o país conta com a formação não institucional de “Parteria na tradição” na ONG C.A.I.S do Parto (Centro Ativo de Integração do Ser) com sua Escola de Saberes, Cultura e Tradição Ancestral (ESCTA), que desde 1991 é coordenado pela parteira tradicional Suely Carvalho, em Olinda Pernambuco, que hoje tem espaços de formação em outros países e funciona em redes com outros grupos de parteiras tradicionais da América Latina e da Espanha.

Poderíamos continuar falando aqui sobre o corpo feminino, os saberes perdidos e por resgatar, e as autonomias e desconstruções por conseguir; poderíamos continuar nos perguntando sobre como esse corpo-território feminino foi sendo cada vez mais um corpo reprodutor⁸, que podia ser manipulado até em suas expressões e processos mais cotidianos e

⁸ O processo histórico de medicalização do corpo feminino passa, necessariamente, pela idéia de que existe uma natureza biológica determinante e dominante da condição feminina. É justamente nesse fator que a medicina se apodera do saber corpo das mulheres. O corpo da mulher é, por sua natureza, para garantir a reprodução da

íntimos, como são sua higiene, sexualidade, prazeres ou as formas de se cuidar e com quem cuidar ele.

Ou como a biomedicina foi se preparando durante três séculos para ocupar o lugar das parteiras e transformar o parto num evento médico, sabendo que o saber do parto tem grande impacto do controle científico sobre o corpo da mulher. Além da realidade preocupante que vive o Brasil ao redor do espaço dessacralizado e desrespeitado das mulheres e seus partos. Mas nesta pesquisa se faz necessário, para continuar na construção de nosso objeto de estudo parar no papel da parteira, seu ofício, sua história, para isso no próximo apartado teórico vamos nos aproximar aos estudos feitos pela autora Silvia Federici a respeito da caça às bruxas nos albos do capitalismo e em todas as crises deste. Para assim poder conhecer mais ainda sobre essa semente que ainda está viva em nós e em nossas vizinhas e achar nisso as ferramentas para a análise das narrações de vida das parteiras entrevistadas.

Para ele, ela era uma mercadoria fragmentada cujos sentimentos e escolhas raras vezes eram consideradas: sua cabeça e seu coração estavam separados de suas costas e mãos, e divididas de seu útero e vagina. Suas costas e músculos eram forçados no trabalho do campo (...) às suas mãos se exigia cuidar e nutrir o homem branco (...) sua vagina, usada para o prazer sexual dele, era a porta de acesso ao útero, lugar para os investimentos dele – o ato sexual era o investimento de capital, e o filho, a mais-valia acumulada”. (FEDERICI, 2017, p. 113)

2.3 O OFÍCIO DA PARTEIRA, A SEMENTE CRIOLA VIVA

- Você acha possível eu fazer uma dissertação na extensão rural pesquisando sobre o resgate de saberes das parteiras rurais?

- Irmã, nós lutamos faz anos por cuidar e reproduzir as sementes crioulas, fazemos agroecologia no nosso quintal, participamos da economia solidária, com as parteiras é a mesma coisa, vai sumir, se desvanecer se não cuidamos desses saberes, se não cuidamos delas. As parteiras estão morrendo ou sendo caladas como as sementes, como as outras economias, como tudo o que não é oficial.

(Diálogo tido entre a jovem parteira na tradição Mariana Gomes de Caçapava, RS com a pesquisadora Jimena Sol Ancin, em dezembro de 2016)

Para finalizar com o percorrido teórico desde os feminismos, vem se somar na construção de nosso objeto de estudo o pensamento chave da autora Silvia Federici (2010) e

espécie humana, e isso faz acontecer o nascimento da obstetrícia médica (DO NASCIMENTO, DOS SANTOS, ERDMANN, DO NASCIMENTO JUNIOR, CARVALHO, 2009).

de outras pensadoras que vem colocar outro olhar mais profundo sobre a necessidade de fazer uma ciência feminista, que olhe sobre a realidade cotidiana da mulher, a divisão do trabalho produtivo do reprodutivo e a acumulação primitiva do capitalismo erguido sobre o labor da mulher. Para nos aproximar na caça às bruxas como um movimento onde os saberes profundamente relacionados no fazer – os saber-fazer, os saberes do corpo feminino e os ofícios e serviços que estiveram ancestralmente ao seu cuidado, foram tirados das mãos das mulheres do mundo inteiro pela violência do capitalismo – em irmandade com o patriarcado -, para ser moeda de troca no mercado, no início do capitalismo e em todas suas etapas⁹.

As pesquisadoras de FLACSO Ecuador, Cristina Cielo e Cristina Vega (2015) fazem uma releitura desde o sul, do livro “Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva” da Silvia Federici (2010), onde colocam a atenção no percorrido de capitalismo até atualidade em relação com a violência contra a mulher, a reprodução e os comuns. Para iniciar por alguma data, as autoras colocam a crise da população que teve nos séculos XVI e XVII como fundamental para observar como a procriação tornou-se num problema central e num assunto de Estado. Foi então iniciado o controle sobre o corpo das mulheres como instrumento para a acumulação, mas antes tiveram que despojar as mulheres de seus próprios corpos e dos saberes próprios numa “sociedad ginocéntrica” (CIELO; VEGA, 2015). A caça às bruxas na Europa e na América foi o dispositivo violento dirigido a tal objetivo¹⁰. “Los «crímenes reproductivos y sexuales justificaron una inmensa represión que aún hoy perdura” (Idem; 2015), com isso foi se vivenciando para as mulheres um reordenamento da reprodução biológica e sexual agora em controle do estado e por isso do mercado, mas acompanhada pela perda da terra e os meios de existência. As mulheres apresentaram batalha, mas foram derrotadas na perseguição e caça às bruxas.

Federici aposta mais um pouco e diz que a perda da terra e os meios foram compensados por um “pacto interclasista entre varones gracias a una apropiación ulterior: la de las mujeres. La *conversión de las mujeres en comunes* implicó una nueva división (hetero)sexual del trabajo” (Idem; 2015). Isso significa que as mulheres foram privatizadas, ou seja, seu trabalho ficou do lado reprodutivo sendo apropriado, desvalorizado y

⁹ O exemplo de crise global do capitalismo já citada antes é a década dos 70' onde em América Latina e na Europa o modelo fez tudo o possível por manter ao patriarcado em sua dominação e destruir toda expressão de luta a partir de ditaduras cívico militares para instalar as medidas neoliberais onde a modernização da biomedicina, junto com a modernização dos espaços de trabalho deu por uma parte o afastamento das mulheres dos saberes populares femininos que ainda ficavam e por outro a transformação das mulheres em operárias, abrindo a possibilidade de sair para a esfera pública, mas não deixando de estar do lado dos explorados e exploradas do mundo e continuando com a invisibilização do trabalho reprodutivo.

¹⁰ “algo que ni Karl Marx ni Michel Foucault llegaron a mencionar” (CIELO; VEGA, 2015)

naturalizado, ficando só a mercê do salário dos homens para viver. Esses processos de “desposesión salarizada con apropiación de mujeres y una cantidad considerable de plustrabajo disciplinado” (Idem, 2015) são os que Federici significa como os que deram aquela acumulação primitiva na fundação do capitalismo na Europa, e na América foi a escravidão que deu uma injeção constante e definitiva ao desenvolvimento capitalista.

Para Federici, a transição do capitalismo implicou a destruição de recursos, de laços, de saberes e a destruição de formas de resistência “en definitiva, destrucción de lo que la autora entiende como común” (Idem; 2015). Todas aquelas formas previas de reprodução humana e em relação com a natureza foram eliminadas, mas outras baseadas na privatização das mulheres, seus corpos e seu trabalho ocuparam seu lugar. Repetindo essa fórmula nos processos de liberalização econômico do terceiro mundo, dos anos 90’ ou 2000, onde as mulheres por serem ainda as mantenedoras da reprodução invisível ficaram na linha de fogo (Idem; 2015).

Nesse marco, ofícios e práticas que tinham a ver com aquela “sociedad ginocéntrica” (Idem, 2015) foram ficando na obscuridade, sendo perseguidos ou deslegitimados pelo Estado, a ciência ocidental e a cultura patriarcal. Mas o ofício da parteira não conseguiu ser tirado ainda hoje, isso traz várias inquietudes: Será que a parteira nunca desapareceu porque seu labor tinha a ver com uma intimidade onde o capitalismo não conseguia mexer? Será que os saberes sobre o parto foram uns dos poucos que as mulheres conseguiram preservar e resistir de ser tirados? Será que o processo da caça às bruxas ou os demais processos de violência contra a mulher deixaram esses saberes enfraquecidos? O que sabemos sobre a parteria? E podem seguir as perguntas, mas vamos continuar nos perguntando por esse ofício até chegar algum lugar.

Se poderíamos indicar, então, um ofício dos mais antigos que ainda continua suscitando curiosidade e muitos mitos com certeza a Parteria seria esse ofício. Poucas coisas sabemos dele, porque tem sido um saber-fazer desses que ficou do lado dos não existentes e além disso foi feito historicamente por mulheres detentoras do saber do partejo que praticavam a medicina de outras maneiras possíveis dentro de seus cotidianos¹¹.

Na revista vasca Emakunde “Los saberes de las mujeres” de 2009 pode-se ler que:

[...] sabemos muy poco acerca de las mujeres que a lo largo de los siglos se dedicaron a atender a las parturientas y a aliviar los males que siempre han acuciado al ser humano, aprendieron a utilizar las plantas, a elaborar ungüentos y jarabes, a

¹¹ Em relação ao cotidiano, percebem-se os saberes e fazeres, e as relações e o modo de vida na família e na comunidade em todos os aspectos, como diz Michel de Certeau (1999): “o cotidiano se inventa de mil maneiras”

discernir las enfermedades a través de la experiencia de incontables generaciones, transmitida de forma oral, pues no dejaron testimonios escritos y la escasa información existente que nos ha llegado, lo ha sido por mano de los inquisidores, las actas de los juicios y las opiniones de estudiosos que se han interesado en el tema (REVISTA EMAKUNDE, 2009).

A ciência moderna tem desprezado bastante a história oral como construtora de saber. Porém, “cuando el concepto masculino del mundo superó al femenino, las mujeres sabias fueron sustituidas por los sacerdotes y relegadas sus prácticas, transmitidas durante generaciones”. (REVISTA EMAKUNDE, 2009) O conceito masculino não superou ao feminino por geração espontânea, se não que veio da mão duma imposição violenta do capitalismo, como já falamos mais acima. Conta Federici numa entrevista à Revista Cult

Até aquele momento existiam mulheres com acesso à terra¹²: eram lavradoras, pedreiras, parteiras e curandeiras. Mulheres que possuíam conhecimentos e relação com a natureza, e que, principalmente, tinham autonomia sobre seus corpos, decidindo elas mesmas sobre sua saúde sexual. Ali, os processos reprodutivos estavam em pé de igualdade com a produção. (D'ANGELO, 2017).

A caça às bruxas, para Federici, teria vindo como uma forma de sequestrar das mulheres toda a autonomia de que desfrutavam. As “bruxas”, postas como “servas do diabo”, eram todas mulheres sábias, independentes, irreverentes e muitas vezes pobres e solteiras. Enquanto morriam nas fogueiras, queimava junto com elas a resistência ao incipiente capitalismo, capitalismo apoiado além do estado pela igreja católica e protestante sendo a mão direita da inquisição. “Ocorreu assim, muito lentamente, uma separação da produção e da reprodução, e uma hierarquização da divisão sexual do trabalho”, diz Federici, explicando que, enquanto as mulheres eram condenadas como bruxas ou relegadas ao lar, os homens passaram a trabalhar fora de casa e a receber um pagamento por isso. O que sobrou para as mulheres, então, foi o trabalho reprodutivo – ter filhos, ou, em outras palavras, reproduzir a mão de obra. O ofício da parteria¹³, que entre aquelas mulheres de finais da idade média era uma das práticas mais comuns dentro das definidas como bruxaria, foi sendo deixado de lado

¹² Parece que aqui também é possível fazer a relação com os conceitos de corpo-território explicados mais acima.

¹³ “O desaparecimento das parteiras tradicionais no começo da Europa moderna teve outras conseqüências para a saúde e bem-estar das mulheres. É digno de nota que as mulheres perderam o controle sobre sua fertilidade. Já em 1600 as mulheres, em algumas partes da Europa, comumente tinham acesso a cerca de 200 contraceptivos e produtos abortivos, tanto de natureza vegetal quanto mecânica. Dentro da Europa, o declínio do trabalho das parteiras solapou o conhecimento tradicional da contracepção - um conhecimento que passava através da rede de relações entre as mulheres, de mãe para filha e de parteira para vizinha. Como resultado, as mulheres europeias do século dezanove tiveram mais filhos que suas avós e entendiam menos acerca de seus corpos.” (SCHIENBINGER, Londa. O feminismo mudou a ciência?. Bauru, SP: EDUSC, 2001, p.210).

do relato histórico oficial e do reconhecimento público, para ser igual as feiticeiras, tão perseguidas como procuradas.

Por ter sido implantada de forma tão gradual, a opressão feminina e seu afastamento do trabalho passaram a ser vistos como normais, quando, na verdade, “eram bases criadas para o sistema capitalista, e que funcionam até hoje” (FEDERICI in D'ANGELO, 2017). No caso do ofício da parteira, além de ficar dentro das atividades de bruxa, transformando-se em tabu junto às atividades de prazer, sexualidade e genitalidade feminina, ficou dentro dessas atividades reprodutivas e domésticas que nada tinham a ver com um trabalho ou serviço entendido como produtivo, como um ofício e menos ainda como saberes que possam se reconhecer ou visibilizar. Assim historicamente as parteiras foram afastadas da cena da saúde feminina com a perseguição e caça às bruxas. Para por fim, nos últimos séculos, serem criminalizadas em sua atividade e no melhor dos casos institucionalizadas pela biomedicina, que tirou delas todos os saberes da diversidade de culturas e territorialidade que possam ter a ver com o saber-fazer tradicional e popular que nasce e se alimenta da experiência, para atravessar esses corpos de parteiras com os saberes mono-culturais, organizados e legitimados pela ciência moderna eurocêntrica.

Para Federici a caça às bruxas, como já dizemos, é um mecanismo que se repete, ainda que com outras roupagens, sempre que o capitalismo passa por alguma crise e precisa se reafirmar. No livro, ela cita como exemplos a perseguição e catequização dos povos nativos durante os processos coloniais na América e na África, os processos de escravidão, a Guerra Fria e, atualmente, a crescente violência contra mulheres, negros e grupos LGBTI (lesbianas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgenero e intersex), no que ela chama de um processo de “colonização global”. Para a autora existe uma caça às bruxas que é por acusação direta: “você é bruxa”; mas também tem existido e existe uma outra caça que é a indireta, que se leva a cabo pela criminalização das práticas e saberes que não gostam ao Estado porque permitem a autonomia das mulheres e não podem exercer seu controle (FEDERICI in D'ANGELO, 2017).

“Estamos acostumados a pensar na caça às bruxas como algo que já passou, mas sempre que o capitalismo bambeia, voltamos a experimentá-la. É uma “história do presente”, coloca a autora (2017). De fato nos relatos das parteiras que foram entrevistadas, no trabalho de campo da presente dissertação, podemos ver como seu afastamento da cena do parto foi principalmente nos inícios da ditadura brasileira (1964), onde os mecanismos de opressão do Estado foram colocadas aos fins de limitar todas as autonomias do povo, entre elas as da

saúde popular, as formas diversas de parir, nascer, curar¹⁴ e cuidar, e promover assim a revolução verde na saúde e no parto, o que antes chamamos de industrialização do parto.

Porém, Federici denota em muitas entrevistas um olhar otimista, já que acha necessário indicar que sempre houve resistência às imposições capitalistas – durante a primeira caça às bruxas, por exemplo, muitas mulheres capturadas pelos tribunais preferiam morrer a delatar outras “bruxas”. Hoje, ela vê que essa resistência persiste: “Quando vejo mulheres unidas, trabalhando juntas para traduzir um livro sobre resistência feminina, sei que a força dessas bruxas ainda está viva”, diz Silvia Federicci na entrevista de D'Angelo (2017). Não sem sentido é que o trabalho de campo desta pesquisa faz parte dum movimento de mulheres em busca de resgatar os saberes de suas ancestrais, que pelo mesmo mercado da biomedicina e da ciência ocidental foram silenciados.

Na atualidade, Federici está denunciando um ataque sistemático sobre a reprodução e contra as mulheres no processo atual no mundo globalizado e principalmente no terceiro mundo, mas para ela isso não deixa de desatar novas lutas pelo controle, soberania e respeito dos nossos próprios corpos-território, como temos feito referência nos trabalhos das feministas comunitárias ou as ecofeministas. Visibilizar as rebeliões e as formas de cooperação, que tem seu lugar fora da lógica do capital e do patriarcado e que sempre existiram, mas que a ciência ocidental não olhava para elas, mais que como exóticos ou atrasados - o que para o professor Santos caberia no intuito de des-mercantilizar parte da vida (SANTOS, 2013) como um dos passos na frente - para Federici são o embasamento onde fundar as lutas sociais e feministas contemporâneas, em e além do salário.

Assim, ficam em nós muitas perguntas das noções de Federici a respeito do ofício da parteria em específico, vamos dizer algumas: se a mulher ficou relegada na esfera reprodutiva, não assalariada, silenciada e ausente da história do capitalismo e da ciência moderna a parteria que é um ofício, mas também um saber comum para a mulher antiga, como ficou esse saber-fazer depois de feita a divisão efetiva da produção da reprodução? Conseguiu se manter vivo na obscuridade do que era íntimo da mulher? Se tudo o que tem a ver com o corpo feminino e seus prazeres foram transformados em tabu o parto e os saberes sobre o parto foram tabu? Será que tanto o espaço do parto como o ofício de partejar ficou como último bastião¹⁵ dos saberes populares femininos que viviam e vivem no espaço do reprodutivo? Se os saberes

¹⁴ Nesse tempo os curandeiros e as curandeiras do Brasil passaram a ser vítimas de perseguição, tortura e até ficaram pressas muitas pessoas por praticar outras formas do curar.

¹⁵ Laura Gutman (2011) psicóloga dedicada ao sagrado feminino diz que bem depois de tirar todos os saberes ancestrais das mulheres, foi o parto o último em tirar das mãos da mulher, que começo mais evidentemente na metade do século XX e continua sendo tirado até hoje, com parteiras e mulheres que escolhem parir sozinhas sendo perseguidas por leis controladoras e limitantes dos desejos do corpo feminino.

populares femininos do parto se transformaram numa ameaça para a ciência ocidental e o sistema capitalista que procurava controlar a vida toda, porque não foram tiradas por completo das mãos das mulheres? Será que a resistência do cotidiano, o silenciamento, a ausência e até a natureza de poder ser corpos gestantes beneficiou a permanência dum ofício ancestral, ou será a mesma necessidade de atenção na saúde que o sistema não conseguiu atender em todo o mundo, nem sequer na atualidade, foi a oportunidade para sobreviver? É um erro falar da parteria como um ofício quando inicialmente não tentava ser mercantilizado? Mas, na real, poderíamos falar de qualquer atividade que coloque na prática os saberes populares femininos como um ofício? Como o da curandeira, da ervateira, da parteira, da rezadeira, da bruxa? Parece bem difícil dar respostas para estas perguntas, no entanto vamos tentar nos aproximar e entender, de mão das propostas teóricas e práticas das epistemologias do sul e trabalhar na nossa tentativa de fazer sociologia das ausências, nessas narrações de vida de parteiras anciãs do Rio Grande do Sul que representam – como hipótese- uma última geração que recebeu da mão de suas vovós ou da vizinhança os saberes populares femininos ao redor da saúde feminina, o parto, a gestação e até o aborto.

Parteras y herboleras han desaparecido de nuestro entorno debido a la tecnología y a los nuevos modos de vida, pero llama la atención que en la actualidad se perciba un retorno cada vez mayor a las fuentes de la medicina tradicional y al parto natural. Quizás aún estemos a tiempo de recuperar, al menos en parte, el conocimiento acumulado por generaciones de mujeres. (REVISTA EMAKUNDE, 2009).

Dizem as pesquisadoras vascas, e é que ainda estamos a tempo, as parteiras que conseguiram sobreviver aos flagelos do século XX estão vivas e ansiosas por compartilhar sua sabedoria, muitas delas tomadas pelas novas tecnologias e o pensamento abismal foram deixadas de lado ou tratadas como uma relíquia antiga, não podendo, nem valorizando como importante ou necessário passar os saberes de suas avós para outras mulheres. Por último, essa é a nossa mais simples intenção de pesquisa, somar uma pitada de terra fértil para essa semente crioula ainda viva.

A Inquisição cumpriu um papel impactante na tentativa de exterminar as mulheres e pessoas em geral que possuíam o conhecimento sobre autocuidado, numa tentativa de controlar as pessoas. Mas como as raízes são fortes, aguentaram e aos poucos seus brotos vão virando fortes folhas, flores e novas sementes, nesta terra fértil que é a insistência, a curiosidade, a resistência, a busca por uma vida mais integral e conectada. (EHRENREICH; ENGLISH, 2006).

2.4 EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Para o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2010), o pensamento moderno ocidental é um *pensamento abismal*¹⁶, que divide a realidade em dois universos distintos: o universo “*de este lado de la línea*” que contém tudo aquilo que é considerado válido para o pensamento norte centrico dominante – patriarcal, capitalista, eurocentrico, antropocentrico e androcentrico-; e, o universo “*del otro lado de la línea*”, que contém tudo aquilo considerado inexistente, intrascendente e insignificante.

No olhar de Santos (2002), ele faz uma crítica ao modelo de racionalidade, o que chama de *razão indolente* e coloca na sua frente outro modelo não totalizante, que designa como *razão cosmopolita*. Procura fundar assim procedimentos sociológicos nesta razão cosmopolita: a sociologia das ausências, a sociologia das emergências, a ecologia dos saberes e o trabalho de tradução.

Os pontos de partida são três. Em primeiro lugar, a compreensão do mundo excede em muito a compreensão ocidental do mundo. Em segundo lugar, a compreensão do mundo e a forma como ela cria e legitima o poder social tem muito que ver com concepções do tempo e da temporalidade. Em terceiro lugar, a característica mais fundamental da concepção ocidental de racionalidade é o fato de, por um lado, contrair o presente e, por outro, expandir o futuro. A contração do presente, ocasionada por uma peculiar concepção da totalidade, transformou o presente num instante fugidio, entrincheirado entre o passado e o futuro. Do mesmo modo, a concepção linear do tempo e a planificação da história permitiram expandir o futuro indefinidamente. Quanto mais amplo o futuro, mais radiosas eram as expectativas confrontadas com as experiências do presente.

Uma racionalidade cosmopolita, nesta fase de transição, terá de seguir a trajetória inversa: expandir o presente e contrair o futuro. Só assim será possível criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no

¹⁶ “El pensamiento occidental moderno es un pensamiento abismal. Este consiste en un sistema de distinciones visibles e invisibles. Las invisibles constituyen el fundamento de las visibles y son establecidas a través de líneas radicales que dividen la realidad social en dos universos, el universo de «este lado de la línea» y el universo del «otro lado de la línea». La división es tal que «el otro lado de la línea» desaparece como realidad, se convierte en no existente, y de hecho es producido como no existente. No existente significa no existir en ninguna forma relevante o comprensible de ser. Lo que es producido como no existente es radicalmente excluido porque se encuentra más allá del universo de lo que la concepción aceptada de inclusión considera es su otro. El pensamiento abismal moderno sobresa en la construcción de distinciones y en la radicalización de las mismas. Sin embargo, no importa cómo de radicales sean esas distinciones ni cómo de dramáticas puedan ser las consecuencias del estar en cualquier lado de esas distinciones, lo que tienen en común es el hecho de que pertenecen a este lado de la línea y se combinan para hacer invisible la línea abismal sobre la cual se fundan. Las intensas distinciones visibles que estructuran la realidad social en este lado de la línea están erguidas sobre la invisibilidad de la distinción entre este lado de la línea y el otro lado de la línea” (Santos, 2010).

mundo de hoje. Por outras palavras, só assim será possível evitar o gigantesco desperdício da experiência de que sofremos hoje em dia. Para expandir o presente, o autor trabalha numa sociologia das ausências; para contrair o futuro, uma sociologia das emergências.

Dado que vivemos, como mostram Prigogine (1997) e Wallerstein (1999), numa situação de bifurcação, a imensa diversidade de experiências sociais revelada por estes processos não pode ser explicada adequadamente por uma teoria geral (SANTOS, 2002). Em vez de uma teoria geral, proponho uma teoria ou um processo de tradução, capaz de criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis.

Neste marco é que, Boaventura propõe-se em desenvolver as Epistemologias do Sul para olhar no “outro lado da línea”. Primeiramente, para o autor as Epistemologias do Sul são uma demanda de novos processos de produção, de valorização dos conhecimentos validados, científicos e não científicos que compõem novos relacionamentos entre diferentes tipos de conhecimentos, que fazem parte das práticas das classes e grupos sociais que tem sofrido sistematicamente a destruição, opressão e discriminação causada pelo capitalismo, o colonialismo e as naturalizações da desigualdade que se tem desenvolvido, como o valor de troca, a propriedade individual da terra, o sacrifício da mãe terra, o racismo, o sexismo, o individualismo, o material acima do espiritual e os demais mono-cultivos da mente e da sociedade – económicos, políticos e culturais– que tentam bloquear a imaginação emancipadora e sacrificar as alternativas (SANTOS, 2002). Neste sentido, são epistemologias no plural como premissa, já que não é uma epistemologia que só compõe-se das teorias sociológicas de Santos, senão que integra muitas outras, inclusive o olhar feminista, e é dum sul não geográfico senão metafórico: o Sul anti-imperial. Se constituindo como metáfora do sofrimento sistemático produto do capitalismo, colonialismo e as formas mais antigas apoiadas neles como o patriarcado¹⁷.

É importante que observemos a perspectiva das Epistemologías del Sur desde o seguinte ponto de partida:

Desde la conquista y el comienzo del colonialismo moderno, hay una forma de injusticia que funda y contamina todas las demás formas de injusticias que hemos reconocido en la modernidad, ya sean la injusticia socioeconómica, la sexual o racial, la histórica, la generacional, etc., se trata de la injusticia cognitiva. No hay peor injusticia que esa, porque es la injusticia entre conocimientos. Es la idea de que existe un sólo conocimiento válido, producido como perfecto conocimiento en gran medida en el Norte global, que llamamos la ciencia moderna. No es que la ciencia moderna sea en principio errónea, lo que es errado, o criticado por las

¹⁷ Quando falamos do patriarcado como forma de relacionamento e dominação mais antiga que o capitalismo temos como basamentos os conceitos do feminismo comunitário ao significar o patriarcado desde sua ancestralidade

Epistemologías del Sur, es este reclamo de exclusividad de rigor. Desde nuestro punto de vista este contexto tiene en su base un problema epistemológico, de conocimiento, y es por ello que es necesario empezar por las Epistemologías del Sur (SANTOS, 2011, p. 16).

Nessa caminhada é que o autor coloca a necessidade de uma dupla escavação arqueológica: escavar na bagunça cultural produzida pelo cânon da modernidade ocidental para descobrir as tradições e alternativas que dela foram expulsas; e escavar no colonialismo e no neocolonialismo, para descobrir os escombros das relações dominantes entre a cultura ocidental e as outras culturas, outras relações possíveis mais recíprocas e igualitárias. Esta escavação não se faz por interesse arqueológico. Nosso interesse é identificar em esses resíduos e nessas ruínas fragmentos epistemológicos, culturais, sociais e políticos que nos ajudem a reinventar a emancipação social. Que mais “ruínas emergentes” que o legado das parteiras sendo escutadas? Mulheres que sem ter reconhecimentos do “rigor científico” de suas práticas e sendo produto da tradição familiar de parteiras, transmitindo seus saberes na cotidianidade e de maneira oral e prática exerceram a medicina popular e o cuidado dos corpos femininos ao parir.

Para fazer aquela escavação temos que voltar ao conceito de “experiências desperdiçadas”, nomeada mais acima, para entender que as experiências sociais e os saberes que nelas se desenvolvem, tais como o das parteiras de zonas rurais e periféricas, que tem em todo o mundo são muito mais amplos e variados do que a tradição científica – biomédica - ou filosófica ocidental conhece e considera importante. “É uma riqueza social desperdiçada. É deste desperdício que se nutrem as ideias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim, e outras semelhantes”, marca Santos no texto “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências” (2002).

O autor para combater o desperdício da experiência, propõe tornar visíveis as iniciativas e os movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, de pouco serve recorrer à ciência social tal como a conhecemos, também ela responsável pela reprodução do olhar patriarcal e eurocêntrico da ciência em geral que esconde e desacredita a diversidade. Nosso desafio está dado na necessária produção dum modelo diferente de racionalidade. “Sem uma crítica do modelo de racionalidade ocidental dominante pelo menos durante duzentos anos, todas as propostas apresentadas pela nova análise social, por mais alternativas que se julguem, tenderão a reproduzir o mesmo efeito de ocultação e descrédito” (SANTOS, 2002, p. 238).

Assim que as Epistemologias do Sul também são profundamente históricas, partindo dumas outras histórias que não são as da história universal do Ocidente. Há outras histórias e elas constituem o trabalho presente e futuro das Epistemologias do Sul. Trabalho que tem que

ser teórico-empírico sobre o presente, o presente como um passado incompleto. O procedimento para isso é a *sociologia de las ausências*. Mas, também é preciso o trabalho teórico-empírico sobre o futuro, aquele presente "incumplido", para o autor. No caso, todos nós atuamos no presente e nunca no futuro, assim é que se produz a forma do incumprimento, questão que as Epistemologias do Sul ativam através da *sociologia das emergências*.

Neste trabalho duplo, proposto pelo autor, sobre o presente como um passado incompleto e como um presente incumplido é que colocamos nossa intenção – como hipótese de nosso trabalho - em fazer uma sociologia das ausências sobre as narrações e as experiências desperdiçadas das parteiras anciãs, como esse passado incompleto e o trabalho do “Grupo de Resgate de Parteiras do RS”, como o presente da sociologia das emergências que nos orienta a ampliar o horizonte de possibilidades e alternativas do futuro, olhando nesse passado que não se conta. Mas não podemos ampliar o horizonte de possibilidades, sem ampliar o horizonte das inteligibilidades, como se desenvolve e amplia este horizonte das inteligibilidades? A resposta que dá Santos é a seguinte: “através de dos procedimientos, que son la ecología de los saberes y la traducción intercultural” (SANTOS, 2011, p. 18). Até aqui seria, um resumo das Epistemologias do Sul, que surgem num período de transição do mundo. No apartado seguinte trabalhamos pontualmente sobre as sociologias propostas, a ecologia e a tradução como procedimentos chaves para facilitar o diálogo de saberes que intencionamos desde o início desta dissertação.

2.5 SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS E DAS EMERGÊNCIAS

A sociologia das ausências e das emergências nasce como o resultado de uma busca por gerar uma distância às teorias críticas eurocêntricas – que segundo o autor também são geradoras desse “pensamento abismal”- que possa atender aos momentos de transição que está vivendo a América Latina toda, e a modernidade nela. E como o mesmo autor denota: “La distancia que propongo con relación a la tradición crítica eurocéntrica tiene por objetivo abrir espacios analíticos para realidades «sorprendentes» (porque son nuevas o porque hasta ahora fueron producidas como no existentes), onde puedan brotar emergencias libertadoras” (SANTOS, 2010, p. 19). Mas ao fazer distância estamos simultaneamente dentro e fora do que se critica, dessa forma o autor torna possível sua dupla sociologia transgressiva das ausências e das emergências. Isso que ele chama como “una demarche epistemológica que consiste en contraponer a las epistemologías dominantes en el Norte global, una epistemología del Sur” (SANTOS, 2010, p. 16).

Achamos importante indicar aqui que, nossa pesquisa tenta fazer e abraçar as propostas de Boaventura de Sousa Santos como marco teórico e prático possibilitante de um percorrido para a construção do objeto de estudo mais a fim de nosso entendimento sobre uma ciência em ação¹⁸. Nesse marco, trabalhamos com o intuito de trazer ao tapete uma sociologia das ausências que mostre o que não existe ou foi ativamente produzido como não existente, “La no existencia es producida siempre que una cierta entidad es descalificada y considerada invisible, no inteligible o desechable. No hay por eso una sola manera de producir ausencia, sino varias. Lo que las une es una misma racionalidad monocultural” (SANTOS, 2010, p. 15).

Nosso objetivo empírico - e o objetivo da sociologia das ausências - é impossível desde o ponto de vista das ciências sociais convencionais, onde o olhar biomédico e os saberes ocidentais modernos seriam o pensamento único ao ser respeitado, estudado e reproduzido. A sociologia das ausências trata “de transformar objetos imposibles en objetos posibles, objetos ausentes en objetos presentes” (SANTOS, 2010, p. 16).

Para isso, o autor faz distinção entre cinco tipos de produção de ausência ou não existência: “el ignorante, el retrasado, el inferior, el local o particular y el improductivo o estéril” (SANTOS, 2011, p.30). Para Santos “el ignorante” é a lógica mais poderosa, ela deriva da monocultura do saber e o rigor do saber. Consiste em transformar a ciência moderna e a alta cultura nos critérios únicos de verdade e de qualidade estética. Se não é legítimo para esses critérios é declarado inexistente e essa é a forma da ignorância e da incultura.

A segunda lógica “el retrasado” deriva da monocultura do tempo linear, onde a história só tem um sentido e direção única e conhecida.

Esta lógica produce no existencia declarando atrasado todo lo que, según la norma temporal, es asimétrico con relación a lo que es declarado avanzado. En los términos de esta lógica, la modernidad occidental ha producido la no contemporaneidad de lo contemporáneo, la idea de que la simultaneidad esconde las asimetrías de los tiempos históricos que en ella convergen. El encuentro entre el campesino africano y el funcionario del Banco Mundial en trabajo de campo ilustra esta condición, un encuentro simultáneo entre no contemporáneos. En este caso, la no existencia asume la forma de residualización, la cual, a su vez, ha adoptado, en los últimos dos siglos, varias designaciones, la primera de las cuales fue la de lo primitivo o salvaje, siguiéndole otras como la de lo tradicional, lo premoderno, lo simple, lo obsoleto o lo subdesarrollado” (SANTOS, 2011, p. 31).

2 “Una ciencia en acción, como expresa la profesora Sandra Massoni(2011). Hacer ciencias sociales que nos permitan organizar conceptos teóricos que, a su vez, fomenten otras prácticas y que cuestionen el sentido común hegemónico para pensar otra sociedad. Necesitamos, una “recombinación de las formas de trabajo cognitivo y de las formas de saber por fuera de ladominación del paradigma capitalista, fuera de la dominación del principio de ganancia3” (Colectivo Situaciones, 2009: 89). La posibilidad de la autoorganizacion y autogestión del trabajo cognitivo son una realidad permanente y una necesidad para el cambio. Debemos continuar recuperando la mente de las ciencias humanas después de un largo y frío invierno objetivista (Bruner, 1990)” (ANCIN, 2014: p. 5)

Mas como podemos olhar, no exemplo que utiliza o autor, a concepção adotada pela modernidade ocidental, a partir da secularização que a escatologia judaico-cristã nunca eliminou, nem mesmo no Ocidente, outras concepções como o tempo circular, a doutrina do eterno retorno e outras formas que não se deixam captar adequadamente nem pela imagem de linha nem pela imagem de círculo (SANTOS, 2002).

A terceira “el inferior” deriva da lógica da classificação social que se acenta na monocultura da naturalização das diferenças. Ela distribui a população por categorias que naturalizam as hierarquias. “La clasificación racial y la clasificación sexual son las manifestaciones más señaladas de esta lógica” (SANTOS, 2011, p. 31), nesta lógica é negada a intencionalidade das hierarquias sociais. Para o autor a classificação racial tem sido a mais aprofundada pelo capitalismo, mas para nossa pesquisa cabe dizer que também e não menor tem sido a classificação sexual, que expressa-se fortalecida pelo capitalismo em sua irmandade com o patriarcado, colocando em inferioridade e não existência às mulheres, como se fosse natural. “Quien es inferior lo es porque es insuperablemente inferior y, por consiguiente, no puede constituir una alternativa creíble frente a quien es superior” (SANTOS, 2011, p. 31).

Na quarta lógica, “el local o particular”, é a produção de inexistência pela lógica da escala dominante. “En la modernidad occidental, la escala dominante aparece bajo dos formas principales: lo universal y lo global (...) La globalización es la escala que en los últimos veinte años adquirió una importancia sin precedentes en los más diversos campos sociales” (SANTOS, 2011, p. 32). Neste sentido tudo o que não está presente no globo não existe, as entidades e realidades particulares ou locais são, para esta lógica, incapazes de serem alternativas credíveis por não existir no modo universal global.

No fim, a quinta lógica “el improductivo o estéril” deriva da lógica productivista, a monocultura dos criterios de produtividade capitalista. “En los términos de esta lógica, el crecimiento económico es un objetivo racional incuestionable y, como tal, es incuestionable el criterio de productividad que mejor sirve a ese objetivo. Ese criterio se aplica tanto a la naturaleza como al trabajo humano” (SANTOS, 2011, p. 32). Nesse plano se produz a inexistência, partindo da definição de que são improdutivos a natureza e o humano de não ser tratando como recursos para o mercado e de mercado. No caso, um dos trabalhos mais tratados dessa forma é o trabalho doméstico, por ser do âmbito da reprodução, feito historicamente por mulheres, que segundo esta lógica corresponde ao trabalho improductivo por isso ausente e inexistente.

As cinco formas de não existência, pelas que passamos no presente apartado, são produzidas e legitimadas pela razão eurocêntrica dominante, porque as realidades que aparecem como obstáculos ao respeito das realidades que contam como importantes: as científicas, avançadas, superiores, globais e produtivas. “Son, pues, partes des-cualificadas de totalidades homogéneas que, como tales, confirman lo que existe y tal como existe. Son lo que existe bajo formas irreversiblemente des-cualificadas de existir” (SANTOS, 2011, p. 32).

Porém, na frente destas cinco monoculturas o autor propõe cinco ecologias diferentes para fazer possível a sociologia transgressiva das ausências: a ecologia de saberes frente a monocultura do saber e do rigor científico, a ecologia das temporalidades frente à monocultura do tempo linear, a ecologia dos reconhecimentos frente à lógica da classificação social, a ecologia trans-escalas frente à lógica global e a ecologia de produtividade – que na nossa pesquisa vamos transformar em *ecologia de reprodutividade ampliada* fazendo uso do conceito do professor Coraggio¹⁹ (2007)- frente à lógica produtivista.

A ecologia de saberes trabalha na identificação de outros saberes e de outros critérios de rigor que operam com credibilidade em contextos e práticas sociais declarados não existentes. Essa credibilidade contextual deve ser considerada suficiente para que o saber seja legítimo participante em debates epistemológicos com outros saberes, como o saber científico. “A ideia central da sociologia das ausências neste domínio é que não há ignorância em geral nem saber em geral. Toda a ignorância é ignorante de um certo saber e todo o saber é a superação de uma ignorância particular” (SANTOS, 1995, p. 25).

Deste princípio de incompletude de todos os saberes decorre a possibilidade de diálogo e de disputa epistemológica entre os diferentes saberes. O que cada saber contribui para esse diálogo é o modo como orienta uma dada prática na superação de uma certa ignorância. “O confronto e o diálogo entre os saberes é um confronto e diálogo entre diferentes processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias” (SANTOS, 2002, p. 250).

Neste domínio, a sociologia das ausências visa substituir a monocultura do saber científico por uma ecologia de saberes. Mas não só para superar a monocultura do saber científico, como a ideia de que os saberes não científicos são alternativos ao saber científico, já que a designação de algo como alternativo tem uma conotação latente de subalternidade. O

¹⁹ A ecologia de produtividade poderia renomear-se como ecologia da reprodução ampliada da vida seguindo as conceptualizações do professor Jose Luis Coraggio ao respeito de construir uma economia centrada na racionalidade reprodutiva: “que busca la reproducción ampliada de la vida de todos en base a la producción de valores de uso y manteniendo un balance aceptable de los trabajos humanos entre sí y con los procesos de reproducción de la energía natural” (2007).

autor exemplifica isso com o que acontece com a biomedicina e a medicina tradicional na África, entre elas não faz sentido considerar a medicina tradicional da África tão prevalente como alternativa à primeira. Santos afirma que “o importante é identificar os contextos e as práticas em que cada uma opera e o modo como concebem saúde e doença e como superam a ignorância (sob a forma de doença não diagnosticada) em saber aplicado (sob a forma de cura)” (SANTOS, 2002, p. 107).

A ecologia das temporalidades, por sua parte coloca a ideia de que o tempo linear é uma entre muitas concepções do tempo e de que, “o domínio do tempo linear não resulta da sua primazia enquanto concepção temporal, mas da primazia da modernidade ocidental que o adoptou como seu” (SANTOS, 2002, p. 251). Uma vez libertada a prática social do tempo linear e entregada à sua temporalidade própria, a atividade desse camponês africano deixa de ser residual para ser contemporânea da atividade do executivo do Banco Mundial. “Do mesmo modo, a presença ou relevância dos antepassados em diferentes culturas deixa de ser uma manifestação anacrônica de primitivismo religioso ou de magia para se tornar uma outra forma de viver a contemporaneidade” (SANTOS, 2002, p. 252).

Aqui se faz possível que a dilatação do presente – observando assim o passado incompleto - aconteça, neste caso, pela relativização do tempo linear e pela valorização das outras temporalidades.

A ecologia dos reconhecimentos, junto com a classificação social vem a desqualificação dos agentes, que incide prioritariamente sobre eles, e só derivadamente sobre a experiência social (prática e saberes) de que eles são protagonistas.

A sociologia das ausências confronta-se com a colonialidade, procurando uma nova articulação entre o princípio da igualdade e o princípio da diferença e abrindo espaço para a possibilidade de diferenças iguais – uma ecologia de diferenças feita de reconhecimentos recíprocos (SANTOS, 2002, p. 252)

A ecologia das trans-escalas, propõe-se a recuperação do que no local não é efeito da globalização hegemônica.

Ao desglobalizar o local relativamente à globalização hegemônica, a sociologia das ausências explora também a possibilidade de uma globalização contra-hegemônica. Em suma, a desglobalização do local e a sua eventual reglobalização contra-hegemônica ampliam a diversidade das práticas sociais ao oferecer alternativas ao globalismo localizado (SANTOS, 2002, p. 253)

A ecologia de “reprodutividade” – renomeada assim por nós -, finalmente, dentro da sociologia das ausências consiste na recuperação e valorização dos sistemas alternativos de

produção, das organizações econômicas populares, das cooperativas, das empresas autogeridas, da economia solidária, as economias feministas, do cuidado, etc., que a ortodoxia produtivista e mercantil capitalista ocultou ou descredibilizou.

O objetivo da sociologia das ausências nas ecologias:

[...] é revelar a diversidade e multiplicidade das práticas sociais e credibilizar esse conjunto por contraposição à credibilidade exclusivista das práticas hegemônicas. A ideia de multiplicidade e de relações não destrutivas entre os agentes que a compõem é dada pelo conceito de ecologia” (SANTOS, 2002, p. 253).

Todas as ecologias tentam trazer a ideia de que a realidade não pode ser reduzida ao que existe. Estamos construindo um realismo amplo, “que inclui as realidades ausentes por via do silenciamento, da supressão e da marginalização” (SANTOS, 2002, p. 253).

Já falamos aqui que, nosso intuito está posto em exercer a sociologia das ausências e das emergências sobre nosso objeto de estudo, como práticas de uma ciência contra-factual que “tem lugar através de uma confrontação com o senso comum científico tradicional” (SANTOS, 2002, p. 253)

Por sua parte, nossa outra pata que é a sociologia das emergências, para o professor Santos, trabalha em contrair o futuro e substituir o vazio do futuro que propõe aquele tempo linear por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que vamos construindo no presente a partir das atividades de cuidado (2011). Para explicar o conceito de emergência em si, Santos vai rever ao autor Bloch (1995) que:

[...] insurge-se contra o fato da filosofia ocidental ter sido dominada pelos conceitos de Tudo (Alles) e Nada (Nichts), nos quais tudo parece estar contido como latência, mas donde nada novo pode surgir. Daí que a filosofia ocidental seja um pensamento estático” (SANTOS, 2002, p. 254).

O possível é o mais incerto, e portanto o conceito mais ignorado do pensamento ocidental. É no possível que podemos revelar “a totalidade inesgotável do mundo” (Idem, 2002). Dessa maneira Santos junto aos pensamentos de Bloch vai nos apresentando dois novos conceitos: “o Não (Nicht) e o Ainda-Não (Noch Nicht). O Não é a falta de algo e a expressão da vontade de superar essa falta. É por isso que o Não se distingue do Nada (1995: 306)” (Idem, 2002). Quando dizemos não para alguma coisa estamos dizendo sim a algo diferente. Agora, o Ainda-Não é a proposta mais complexa, porque vai demonstrar o que existe como tendência latente, como o que está no processo de se manifestar, isso que como futuro se inscreve no presente e o dilata. “Não é um futuro indeterminado nem infinito. É uma

possibilidade e uma capacidade concretas que nem existem no vácuo, nem estão completamente determinadas” (Idem, 2002), mas que pode questionar as determinações dum dado momento.

O autor divide o Ainda-Não sobre como se expressam no subjetivo e no objetivo, para ele subjetivamente o Ainda-Não é a consciência antecipatória e objetivamente, o Ainda-Não é capacidade (potência) e possibilidade (potencialidade). Essa possibilidade no momento vivido conta com uma componente de escuridão já que nunca é inteiramente visível para si próprio, “e tem também uma componente de incerteza que resulta de uma dupla carência: o conhecimento apenas parcial das condições que podem concretizar a possibilidade; o facto de essas condições só existirem parcialmente” (Idem, 2002). Para Santos é nesta incerteza do Ainda-Não que ele encontra a possibilidade de contrair o futuro e dilatar o presente. Tendo no presente uma possibilidade incerta, “mas nunca neutra; pode ser a possibilidade da utopia ou da salvação (Heil) ou a possibilidade do desastre ou perdição (Unheil)” (Idem, 2002). É esta incerteza que torna o futuro em escasso e objeto de cuidado²⁰ e assim dilata o presente. “Em cada momento, há um horizonte limitado de possibilidades e por isso é importante não desperdiçar a oportunidade única de uma transformação específica que o presente oferece: carpe diem” (Idem, 2002). Bloch convida-nos a centrarmo-nos na categoria modal mais negligenciada pela ciência moderna: a possibilidade. “Ser humano é ter muito diante de si” (BLOCH, 1995, p. 246, in SANTOS, 2002).

A possibilidade é o movimento do mundo. Os momentos dessa possibilidade são a carência (manifestação de algo que falta), a tendência (processo e sentido), e a latência (o que está na frente desse processo). A carência é o domínio do Não, a tendência é o domínio do Ainda-Não e a latência é domínio do Nada e do Tudo, dado que esta latência tanto pode redundar em frustração como em esperança. Aqui a sociologia das emergências vem nos propor uma ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes para identificar neles as tendências de futuro (o Ainda-Não), sobre as quais é possível atuar para maximizar e conhecer as condições de possibilidade da esperança e trabalhar sobre os princípios de ação que promovam a realização dessas condições em vínculo real com a probabilidade da frustração. Neste significado a sociologia das emergências atua tanto sobre as possibilidades (potencialidade) como sobre as capacidades (potência) e o Ainda-Não tem sentido (enquanto

possibilidade), mas não tem direcção, já que tanto pode terminar em esperança como em desastre (SANTOS, 2002).

O interessante para nossa pesquisa e a construção do objeto de estudo é que a sociologia das emergências como das ausências trabalham sobre a ideia axiológica do cuidado, aquela axiologia do progresso que foi discurso e ação da ciência moderna – onde se justificou a perseguição e até desaparecimento de saberes, práticas e agentes - é substituída pela do cuidado exercida em relação às alternativas possíveis²¹ e nas alternativas disponíveis.

Esta dimensão ética faz com que nem a sociologia das ausências nem a sociologia das emergências sejam sociologias convencionais. Há, no entanto, uma outra razão para a sua não convencionalidade: a sua objectividade está dependente da qualidade da sua dimensão subjectiva. O elemento subjectivo da sociologia das ausências é a consciência cosmopolita e o inconformismo ante o desperdício da experiência. O elemento subjectivo da sociologia das emergências é a consciência antecipatória e o inconformismo ante uma carência cuja satisfação está no horizonte de possibilidades. Como diz Bloch, os conceitos fundamentais não são acessíveis sem uma teoria das emoções (1995: 306). O Não, o Nada e o Tudo iluminam emoções básicas como fome ou carência, desespero ou aniquilação, confiança ou resgate. De uma forma ou de outra, estas emoções estão presentes no inconformismo que move tanto a sociologia das ausências, como a sociologia das emergências” (SANTOS, 2002, p. 254).

Valorizamos importante, no final do percorrido teórico deixar por escrito que, ainda tendo como intenção fazer um diálogo dos conceitos chaves exposto ao longo deste capítulo sobre o feminismo comunitário, o ecofeminismo e as sociologias das ausências e das emergências, com as experiências vividas no trabalho de campo não vamos aprofundar no processo de Tradução de Santos:

A tradução é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia das emergências. Trata-se de um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto de totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogénea. As experiências do mundo são vistas em momentos diferentes do trabalho de tradução como totalidades ou partes e como realidades que se não esgotam nessas totalidades ou partes. (SANTOS, 2002, p. 262).

Tanto porque, não achamos possível fazer esse procedimento só na escrita de uma dissertação, já que para nós a tradução requer de coletivos – neste caso academia, movimento de resgate e detentoras dos saberes populares femininos dispostos para isso - e porque pensamos nesta pesquisa como um primeiro passo para nos aproximarmos das narrações de

²¹ “Cuidar do futuro é imperativo porque é impossível blindar a esperança contra a frustração, o advento contra o nihilismo, a redenção contra o desastre, em suma, porque é impossível a esperança sem a eventualidade do caixão” (SANTOS, 2002)

vida de parteiras anciãs do RS, a aquelas experiências desperdiçadas que merecem ser vistas como as alternativas disponíveis neste presente, que pode se dilatar e ver como contemporâneos e até válidos os saberes biomédicos, tanto como os saberes populares femininos historicamente calados. Também fica claro que nesta dissertação só tem voz autoras e autores que fazem teorias críticas e autocríticas a respeito da ciência moderna, mas não contamos com autores desse lado da ciência que seria o lado hegemônico, já que nos interessa colocar o ouvido nesse outro lado do não existente tanto no experiencial como no teórico que nasceu de alguma prática pessoal ou coletiva e do emocional, do que fala Bloch mais acima.

3 METODOLOGIA: AS NARRAÇÕES DE VIDA E OS RESGATES DESTAS

Estou sendo mulher, sou latinoamericana e argentina, com raízes indígenas, italianas, espanholas e vascas, estou sendo feminista, comunicadora social e militante que trabalha por processos coletivos na academia e na sociedade. No fazer desta pesquisa nos aproximamos aos outros e às outras como subjetividades que dialogam com outras subjetividades e não pode ficar por fora nosso atuar e nosso dizer. A pensadora feminista Donna Haraway (1995), diz que somos sujeitas situadas²², que temos limites e alcances no ato de olhar na realidade e nos acontecimentos de outras sujeitas, olhamos desde um lugar do mundo e desde nosso lugar conhecemos. Já o Professor Boaventura de Sousa Santos falou que o pesquisador não é neutro, para ele é preciso saber de que lado estamos, se é do lado dos oprimidos ou dos opressores. “Debemos determinar con claridad para qué y para quién sirve lo que vamos investigar y utilizar todas las metodologías a nuestro alcance” (ERRÁEZ apud SANTOS, 2014, p. 37).

Desde aqui já fica claro o lugar desde onde trabalhamos, temos escolhido a pesquisa narrativa como metodologia em nossa pesquisa social, porque colocamos a ênfase no narrativo, ou seja em como se conta, as palavras, gestos e emoções. Para esse mesmo fim o percurso metodológico foi feito através das ferramentas metodológicas qualitativas da entrevista direta com pitadas de entrevista compreensiva²³ e as observações participantes. Num primeiro momento se fez um pequeno formulário quantitativo na internet onde foram relevados dados de parteiras anciãs no Rio Grande do Sul. Deste formulário se obtiveram os

²² La investigadora feminista Donna Haraway acuñó este término para criticar aquellos supuestos epistemológicos que sustentaban la posibilidad de la existencia no sólo de un único tipo de conocimiento sino de la observación "objetiva"; en cambio, el "conocimiento situado" hace referencia a lo parcial y lo contextual de la generación del conocimiento y, por lo tanto, afirma la posibilidad de múltiples conocimientos. De entre la vasta obra de esta autora véase: "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective", *Feminist Studies*, 1988 y *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, Free Association Books, Londres, 1991.

²³ Entrevista compreensiva é “uma técnica qualitativa de recolha de dados que articula formas tradicionais de entrevista semidiretiva com técnicas de entrevista de natureza mais etnográfica. Isto na medida em que a entrevista compreensiva é o culminar técnico e epistemológico do processo de criativização a que o uso das técnicas de entrevista tem sido recentemente sujeito na pesquisa social. Já não é necessariamente concebida como uma técnica neutra, estandardizada e impessoal de recolha de informação, mas como resultado de uma composição (social e discursiva) a duas vozes, em diálogo recíproco a partir das posições que ambos os interlocutores ocupam na situação específica de entrevista (de interrogador e de respondente). A aplicação da entrevista de tipo compreensivo pressupõe a obtenção de um discurso mais narrativo que informativo, resultado da intersubjetividade que se desenrola entre entrevistado e entrevistador. Tal exercício pressupõe da parte do entrevistador uma postura criativa e de improvisação na condução da entrevista, que requer artes e manhas específicas” (FERREIRA, 2014, p. 979).

dados de 5 parteiras no RS e assim conseguimos começar com o mapeamento e as entrevistas. Tanto a difusão do formulário como o contato e visitas nas casas das parteiras foi feito pela autora da dissertação, junto com integrantes do Grupo de Resgate de Parteiras do RS, constituído principalmente por parteiras na tradição, aprendizes e doulas na tradição pertencentes da escola ESCTA e algumas colaboradoras externas.

O trabalho de campo foi feito entre março e outubro de 2017. Tendo sido mapeado 15 parteiras, e visitadas e entrevistadas oito parteiras anciãs, entre elas indígenas, afrodescendentes, descendentes de alemães e italianas, das regiões centro, leste e sul do Estado. Os nomes completos tanto das parteiras como as do Grupo de Resgate de Parteiras do RS não serão ditos, aqui nem em nenhum lugar desta dissertação, para referirmos a elas usaremos os apelidos que suas famílias gostam de usar de forma amorosa com elas, das que não temos seus apelidos vamos usar seus primeiros nomes, como uma forma de preservar suas identidades e ao mesmo tempo de valorizar como elas gostam ou gostaram de crianças ser chamadas.

Pelo mesmo objetivo desta dissertação, que é colocar a escuta nas narrações de vida de parteiras anciãs, foi escolhida a perspectiva narrativa – que nasceu com a virada narrativa nos anos 70’-, já que permite resgatar os valores da subjetividade e re-valorar a prática da fala e da narração como uma maneira de compreender o significado que damos à nossa própria percepção do mundo. É de muita utilidade, para o presente capítulo, os conteúdos organizados pela autora espanhola Rosario García-Huidobro Munita a respeito da pesquisa narrativa no seu artigo: “La narrativa como método desencadenante y producción teórica en la investigación cualitativa” publicado em 2016 na “EMPIRIA. Revista de Metodología de las Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Educación a Distancia Madrid, España”. Nesse artigo lemos:

Así, a partir de estas nuevas búsquedas en investigación social y acompañado por el giro narrativo, promovido a finales de los setenta, se comenzó a recuperar relatos olvidados y explorar diversas formas de escritura, que respondieran a la crisis de los grandes relatos hegemónicos” (GARCÍA-HUIDOBRO MUNITA, 2016, p. 159)

Nesse desafio onde se colocou a pesquisa narrativa se propõe trabalhar com quatro temas que deram resposta à virada para pensar, duma outra forma, a pesquisa social:

El primer cambio apuntó a la relación entre investigador e investigado, para señalar la importancia de que ambos están en relación y construyen en conjunto la investigación (Clandinin, 2007). Por otro lado, este tipo de investigación permitió una mayor aceptación y apertura a modos diversos y alternativos de conocer. Un

tercer cambio supuso comprender las experiencias particulares, desde lugares y contextos específicos. Desde aquí que las investigaciones feministas se han identificado y han promovido las investigaciones narrativas, lo que según Antonio Bolívar (2002) conduce a considerar esta perspectiva como una forma específica y política del discurso femenino. Por último, este nuevo enfoque unido a los planteamientos posestructuralistas, promovió un giro que fue desde el uso de los números al uso de las palabras como datos o evidencias (GARCÍA-HUIDOBRO MUNITA; 2016, p. 159)

Portanto, valoramos necessário, na nossa pesquisa, aceitar que nela a relação entre a pesquisadora, o Grupo e as mulheres entrevistadas foi o que construiu a pesquisa em si, que atender nas narrações de vida deu uma oportunidade de valoração dos diferentes modos de viver e saber, olhando nas experiências particulares, de vida, contextos e origem, fazendo uma pesquisa situada. Mas sem deixar por isso de procurar os pontos em comum e os atravessamentos do pensamento abismal. Por último, seguindo com a citação anterior, escolher a pesquisa narrativa nos aproxima numa das formas que o movimento feminista tem trabalhado para valorar o vivido como evidência, as palavras e a narrativa como método e estratégia para pesquisar e dar novos significados (GARCÍA-HUIDOBRO MUNITA; 2016 - tradução livre).

Como para nossa pesquisa é de interesse indagar sobre os saberes ausentes e as experiências desperdiçadas nas narrações das parteiras, desde o narrativo, nos aproximamos com a noção de experiência²⁴, como um saber que está intrinsecamente inserido em nossa vida e a narração (BRUNER, 2004, tradução livre), e com a visão complexa proposta pela sociologia das ausências de Santos. Mas não vamos organizar saberes nem receitas de como as parteiras faziam parto – como se fosse possível -, porque para nosso ver isso seria colocar a lógica da ciência moderna da divisão e da diferenciação em vivências e experiências que estão além disso.

Então, nos valem da narrativa como uma forma de pensar e compreender a realidade, e como espaço onde os sujeitos se constroem. A narrativa nos dá a oportunidade de chegar nesses saberes que estão enraizados nas experiências e nas relações (GARCÍA-HUIDOBRO MUNITA; 2016). Para o autor Ivor Goodson (2010) a narrativa é uma aprendizagem que sucede no processo de quem conta. Então, valorizamos a possibilidade de fazer de nossa pesquisa uma narrativa, para apreender no mesmo fazer do trabalho de campo,

²⁴ “El concepto de experiencia posee una larga tradición reflexiva en la filosofía, pero en los momentos actuales parece que está traspasando las fronteras de otras disciplinas de las ciencias sociales, tales como la antropología, la sociología y la comunicología, entre otras. La cultura contemporánea se caracteriza por la exaltación de lo vivencial, por la recuperación de la propia experiencia como valor privilegiado para la construcción del sujeto social” (ARFUCH, 2002: p. 272)

apreender das experiências sendo escutadas, sendo vividas pelas parceiras e apreender das histórias que nós mesmas, como pesquisadora e Grupo, nos contamos e refletimos desses encontros, tentando fazer uma narração que envolva aqueles pensamentos, categorias, conceitos e até fatos históricos que sejam de utilidade para compreender o que foi e está sendo vivido e aprendido.

¿Cómo a partir de la reflexión y la escucha, sobre nuestros relatos y de los otros(as), vamos aprendiendo y se va generando la experiencia de saber? Desde estos cuestionamientos la práctica narrativa fue confluendo como perspectiva epistemológica y metodológica en la investigación cualitativa (Denzin y Lincoln, 2011). Adoptar esta metodología significa comprender la narrativa como herramienta que, por un lado, nos ayuda a cuestionar la realidad desvelando los posibles significados²⁵ de lo vivido y, por otro, se despliega como un espacio reflexivo para pensar y aprender (Goodson, 2010), donde el investigador(a) se incluye en el relato para ir dando cuenta del proceso a través de sus desplazamientos (Hernández, s/f). Además, sobre esta última idea, Fernando Hernández (s/f) ha contado desde su trayectoria por la investigación narrativa, que los relatos que construyen y experimentan los investigadores pueden ser (1) de carácter memorialista para describir de la realidad, (2) también se puede utilizar el relato como dato o evidencia que se pone en contexto o relación con la voz de otros autores, o bien, (3) se puede utilizar como herramienta de diálogo interpretativo. Es decir, utilizar el relato como herramienta discursiva y reflexiva que permita conversar con los relatos para generar nuevos saberes (GARCÍA-HUIDOBRO MUNITA; 2016, p. 160).

Nesse ponto, onde as perguntas não fazem mais que se somar, achamos que fazer pesquisa narrativa nos dá as ferramentas metodológicas não só para fazer o trabalho de campo, com as entrevistas, observações e anotações pessoais ou grupais, também é uma metodologia muito útil para fazer a análise dos resultados. O relato aqui cumpre o papel fundamental porque é fenômeno para analisar, sendo o método de se fazer a pesquisa mostrando outra forma de contar e representar. Para os autores que trabalharam neste tipo de metodologia o momento da análise tem que estimular a imaginação de quem lê, pode ser com linguagem contextual, através de metáforas, descrições densas ou com um texto “vernacular” (García- HUIDOBRO MUNITA; 2016) que atende nas expressões das pessoas e no vivido, utilizando a linguagem do vivido na experiência. Em nosso caso utilizamos um pouco de cada linguagem, um trabalho em capas simultâneas, onde tentando fazer uma síntese narrativa de cada entrevista e o percorrido coletivo fazendo uma análise que coloque luz sobre as vivências, sentidos e emoções que dão respostas ou denotam inquietudes sob nossos objetivos de estudo e as categorias conceituais ou acontecimentos históricos, para ir e voltar entre nossa

²⁵ Os possíveis significados são isso que no percorrido teórico denominamos como as alternativas disponíveis desde a sociologia das ausências e as emergências.

própria narrativa geral de capas. Mostrando assim, a complexidade e a natureza transdisciplinar de nossa pesquisa.

Por último, a pesquisadora argentina Leonor Arfuch (2002) aprofunda sobre a narração de vida como uma forma de resgate da experiência individual e coletiva, que se adéqua como método nas especificidades do mundo contemporâneo. Para a autora a pesquisa narrativa e as narrações de vida constituem uma técnica eficaz na pesquisa social para ter acesso desde o individual aos acontecimentos e contextos sociais, porque podem dar conta do passado recente e os sendeiros que a história tomou.

Narrar la propia vida es la forma básica de objetivar la experiencia. He aquí el valor que convierte a los métodos biográficos en formas privilegiadas de acceso al conocimiento de lo social. Esta consideración es, sin duda, el valor fundamental que se rescata de la lectura global de la obra de Leonor Arfuch. (RIZO GARCÍA, 2004, p. 237).

3.1 O PERCORRIDO COLETIVO DO TRABALHO DE CAMPO NAS ESTRADAS DO RIO GRANDE DO SUL.

Como “presenças coletivas”²⁶ que vão se construindo e politizando, foi no andar que o trabalho de campo da presente pesquisa se iniciou, primeiro com o interesse de procurar as parteiras ainda vivas no RS de uma aprendiz de parteira na tradição da ESCTA – a Mari - junto com suas companheiras do Círculo de Sagrado Feminino de Santa Maria, onde eu fazia parte, lá pela metade de 2016. Para depois se ampliar a outras parteiras jovens, aprendizes e doulas na tradição do ESCTA do RS e colaboradoras externas de diferentes áreas para finais do mesmo ano. E foi em março de 2017 que a proposta tomou forma de pesquisa e ao mesmo tempo conseguiram se pensar em formas possíveis para gestar esse resgate em coletivo, assim nasceu o Grupo de Resgate de Parteiras do Rio Grande do Sul (grupo fechado) na rede social de Facebook onde se adicionou todas as pessoas que tiveram interesse de ajudar na procura, mas que sempre teve um núcleo de 5 mulheres em comunicação e colaboração constante e foram elas que pouco a pouco foram dialogando sobre a responsabilidade social e política que o projeto tinha.

²⁶ “Presenças coletivas” é um conceito acunhado pelo professor Boaventura de Sousa Santos (2013) num simpósio sobre as Epistemologias do Sul na Universidade Autónoma da Cidade de Mexico. O conceito faz referência naqueles grupos ou movimentos sociais que para o pensamento moderno estariam por fora das instituições clássicas que geram sujeitos políticos, mas que para ele são sujeitos politizados dumas outras formas e unidos para lutar por diferentes fines.

Para finais de março, saiu na rede social e por e-mail o Formulário de Resgate de Parteiros do RS, que fazia parte do trabalho quantitativo para uma disciplina de pós-graduação da autora, mas foi a forma que facilitou ao grupo organizar e procurar os dados vagos que já tinham de parteiras no Estado, além de que apareceram entre pessoas de fora do Grupo mais parteiras no interior. Foram preenchidos 38 formulários de pessoas do RS e encontradas 5 parteiras anciãs vivas e alguns nomes de parteiras falecidas recentemente. Para maio do mesmo ano começaram a se contatar nos telefones que apareciam nos formulários, para tentar marcar entrevistas, das 5 mulheres indicadas uma parteira de perto de Caxias do Sul RS falou, por intermédio de seu neto, não ter interesse em participar duma entrevista, outra mulher que era freira não se encontrava em condições nem físicas nem mentais para fazer uma entrevista, e as outras três restantes foram contatadas e concordaram em ser visitadas mas só 2 das 3 foram visitadas. A razão de não visitar uma delas foi por impedimentos econômicos para se trasladar até o local que fica mais longe de Santa Maria RS, que as demais mulheres.

Nesse mesmo tempo conheci a jovem parteira na tradição que seria a companheira fixa nas entrevistas, estradas de chão e correrias, a Nani de Porto Alegre. Junto com a Nani - que sendo jovem é a parteira na tradição²⁷ mais antiga no Rio Grande do Sul, autorizada pela ESCTA para exercer a parteria - e outras companheiras do Grupo que foram variando dependendo do local da entrevista e do financeiro para se movimentar, visitamos a todas as parteiras entrevistadas.

Nessa caminhada, marcamos acordos coletivos colocando metas que podiam facilitar a pesquisa e ao mesmo tempo não deixar de se importar pelo real objetivo do Grupo, eu como pesquisadora com objetivos, tempos e planejamentos pontuais e fazendo parte de um grupo, que procura fazer contato com as raízes da parteria no Estado para honrar e aprender, com as parteiras que ainda podem ensinar sobre seu ofício - que nas últimas décadas do século XX parecia estar morrendo -. Neste marco foi acordado que em todas as entrevistas que fizéssemos ia estar a pesquisadora junto a uma outra ou outras parteiras ou aprendizes na tradição, se transformando todo o Grupo em entrevistadoras, além de acordar desde o primeiro momento que o material fotográfico e audiovisual, que se tirasse deste percorrido ia ser doado para a ESCTA como uma forma de ajudar no resgate que a escola vem fazendo desde os anos 90'.

²⁷ Sempre que indiquemos “na tradição” vamos estar falando de parteiras e doulas que tem se formado na escola ESCTA coordenada desde 1991 pela parteira tradicional Suely Carvalho, que tem criado essa escola na intenção de que não se perca o ofício da parteria e continuar com a tradição de que ele seja passado de forma oral, pela experiência e na supervisão duma parteira mais experimentada para outra com menos experiência. Também em alguns trechos vamos fazer a diferenciação entre parteiras na tradição e parteiras tradicionais, essa ultima são as mulheres que para a Suely Carvalho (2015) receberam seu ofício da mão de parteiras de sua família.

A palavra “Resgate” transformou-se no objetivo fundamental do trabalho conjunto, expressado por uma parte na tarefa técnica e cognitiva da pesquisadora que tenta resgatar as narrações de vida e procurar nelas as experiências desperdiçadas e ausentes no entendimento da ciência moderna, e por outro, ser facilitadora e gestora do encontro entre duas gerações de parteiras, as jovens e as anciãs, todas no presente. Ainda sendo problematizadas essas duas tarefas paralelas; foi nas primeiras entrevistas que o processo de troca entre parteiras misturou tudo, e já não fui pesquisadora ou parte dum Grupo, só fui eu, falávamos o mesmo idioma, ainda com diferentes línguas, estávamos aí pelo mesmo motivo: honrar e reconhecer. A tarefa mais difícil veio depois, quando tive que me afastar do objeto de estudo e fazer a análise e me abrir para as teorias que podiam botar luz nessas vivências.

Foi na volta de todas as estradas percorridas e as parteiras visitadas que a pesquisa narrativa como proposta geral se fez visível e é a partir dela que esta dissertação se escreve e organiza.

Muitas perguntas surgiam no transcorrer do Grupo em ação, viajando, fazendo entrevista, procurando contatos que puderam nos guiar nas estradas e facilitar nos encontros, muitas filhas e netas das mesmas parteiras apareceram a nosso socorro. Foi lá que começamos a nos perguntar sobre aquele saber-fazer da parteira presente em cada uma das que íamos ver, com milhares de histórias vivenciadas, com mais de 3 mil partos acompanhados, e nós como entrevistadoras, e protagonistas também, aprendendo nesse fazer fazendo do resgate, em cada visita, cada caso, aprendendo no fazer daquele saber como e o que perguntar, como chegar nas profundidades sem incomodar, como resgatar esses saberes sem fazer pressão, entendendo do percorrido particular e compartilhado por todas as mulheres, de ter sido além de muito amadas nas suas comunidades também muito perseguidas. Uma parte do resultado obtido é a presente dissertação, além dela mais ecos do resgate vieram e vão vir.

3.1.1 As parteiras visitadas

No final deste capítulo metodológico queremos apresentar cada uma das mulheres entrevistadas, não como casos a analisar, senão como mulheres que tem em comum serem detentoras de um saber popular feminino, que fomos procurar em suas falas, nas próprias narrações de vida que elas mesmas começavam a construir com a única pergunta de: a senhora foi parteira?

Todas elas são maiores de 70 anos e faz tempo que não exercem seu ofício, só uma das visitadas é mais jovem e ainda trabalha mas não é colocada dentro desta pesquisa. A primeira foi a Dona Neca de São Martinho da Serra RS, avó de uma colega da pós-graduação – a Josi - descendente de italianos, agricultura e como ela mesma se define “ajudante de parteira e aprendiz de minha avó”. Seguiu, a Dona Maria, da região periférica de Porto Alegre RS, afrodescendente, rezadeira e parteira dessas que gostam de deixar claro que ser parteira “não é para qualquer uma”. Continuo, com a Dona Paulina, de Jari RS, que chegou para nós da mão de um vizinho dela – o professor Gustavo - que passou seu contato, afrodescendente, aposentada de costureira e parteira que ajudou trazer ao mundo a mais de mil crianças, “teve um tempo que deixei de levar registro”, diz ela se desculpando por não saber bem quantos partos foram. Há duas quadras da Dona Paulina, visitamos a Dona Morena, do mesmo contato chegamos na casa dela, branca e aposentada duma atividade – a farmácia do centro de saúde - onde colocaram ela depois de tirar toda iniciativa de ser parteira e continuar atendendo “por fora”, como diz ela, para significar o que era andar pelas estradas de chão a qualquer hora para chegar nas fazendas das mulheres que estavam em trabalho de parto.

Tomamos um breve descanso, e em junho continuamos com as visitas para a Dona Nair, avó duma estudante do CCR– a Fer -. A Nair é neta de escravos que fugiram e formaram a comunidade quilombola hoje chamada Linha Fão, em Arroio do Tigre RS, lá ela exerceu a parteria que sua mãe lhe ensinou, junto com sua irmã a Dona Vinilda, também parteira, mas quando grande foi morar em Santa Maria RS onde a visitamos umas seis mulheres. A Nair nos esperou em sua casa com um tecido preparado igual como usava para amarrar o umbigo das crianças.

Fomos mais ao sul do Estado e chegamos na casa da Dona Nini, em São Lourenço do Sul, ela é avó de outra colega da pós-graduação – a Kari -, descendente de alemães, que acompanhou 3 mil partos registrados e andou “de carroça, trator, carro e até cavalo para chegar nas casas das parturientes” e até hoje atenderia parto se pudesse se mover “de meu jeito, claro”, diz ela. Saímos da casa da Dona Nini que tem 99 anos hoje, com as jovens parteiras na tradição a Nani e a Mari, e nesse mesmo momento definimos que era muito necessário levar adiante um sonho: fazer um encontro de parteiras do RS dentro da UFSM, para realizar uma homenagem para cada parteira ao tempo que colocar para dentro da universidade a temática dos saberes populares femininos em relação ao parto. Foi no dia 6 de outubro de 2017 que esse encontro aconteceu com sucesso ao tempo que tornou-se numa ferramenta metodológica, já que foi dentro da universidade o 1º Encontro de Parteiras do RS levando para o interior da academia a quem tem o saber popular expressado em suas próprias

vidas e relatos. Foi lá onde o diálogo de saberes e principalmente a escuta ativa de alunos, alunas, pesquisadores e professores se fez tangível. Na nossa humilde intenção de gestar outra extensão rural e universitária.

Por último, fomos na capital do Estado do Rio Grande do Sul novamente para conhecer a outra Dona Maria, também afro descendente, aposentada como funcionária pública e que descobriu que sabia ajudar a parir, por necessidade da vizinhança muitos anos depois que sua avó em Livramento ensinara para ela. No final da travessia, e já por agosto chegamos numa comunidade guarani nas periferias de Viamão RS, para falar com a Dona Talcira, a única parteira ainda em atividade que temos entrevistado, uma médica popular de sua comunidade, que mostrou-se aberta a ensinar para as aprendizes que quiserem aprender com ela na prática, nos partos. Essa última parteira ficou por fora desta pesquisa, achamos responsável de nossa parte dar mais tempo e dedicação para os saberes indígenas em particular e não vai ser nesta dissertação que isso aconteça.

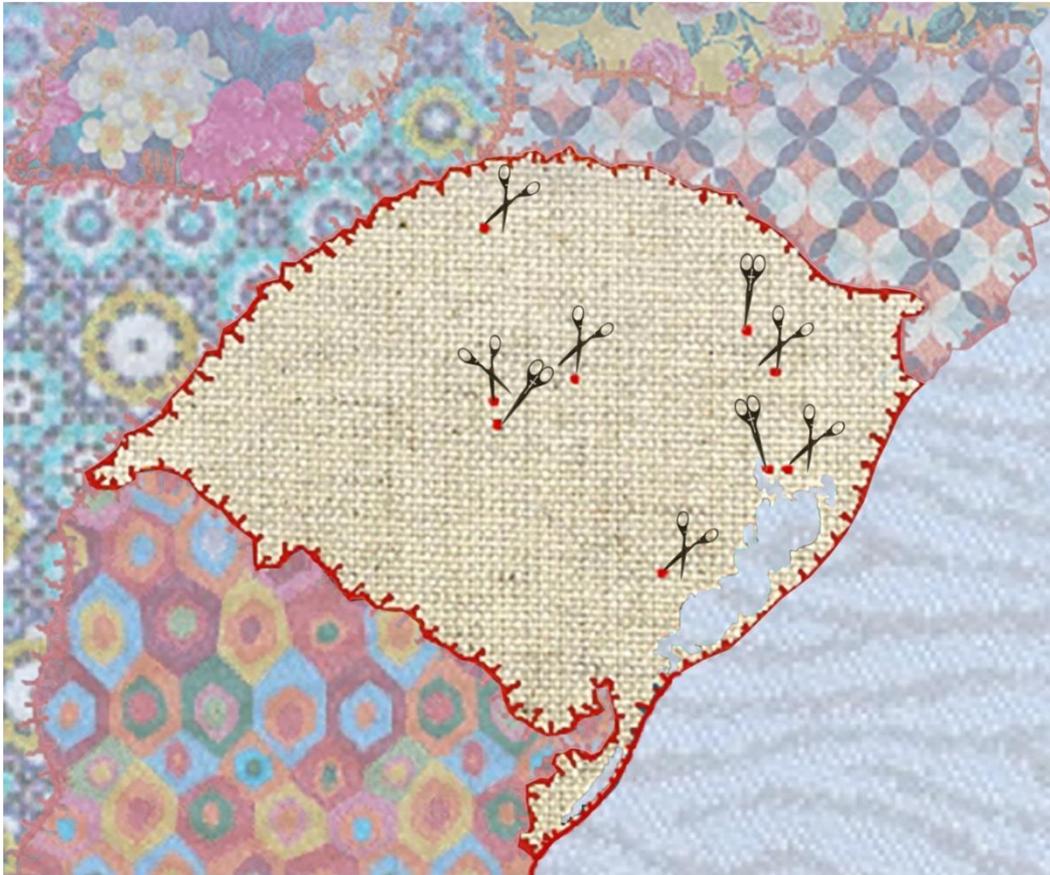
Então, foi a partir de cada encontro, das entrevistas, dos relatos que compartilharam e os diálogos que se geraram com o Grupo aquilo que transformou-se em evidências para esta pesquisa, que permite nos indagar sobre os trânsitos das vidas e os saberes populares femininos presentes. Assim a narrativa atua como um modo para se pensar e conhecer, fazendo visível o relacionamento entre quem participa do encontro “como una práctica de hacer investigación ligada a lo relacional y al saber compartido” (CASEY, 1993; MUNRO, 1998; SMITH, 2012, in GARCIA-HUIDORO MUNICA, 2016, p. 168).

Desde todas essas definições que vimos falando, tanto epistemológicas como metodológicas o processo de análise vai ser um relato que acabe evidenciando os aspectos relacionais do que envolve pesquisar com outras subjetividades e indagar em experiências, valorando também assim o espaço da entrevista como espaço simbólico e do saber. No intuito de criar um tipo de análise que não seja homogeneizante, senão que multiplique olhares para ir mostrando uma visão mais polifônica da realidade. Por isso mesmo também nossa pesquisa trabalha sobre as narrações de um número alto de mulheres, sete mulheres em sua diversidade e complexidade nos permite escrever e descobrir nelas uma polifonia de experiências, vivências e sentidos de hoje e de ontem, ao redor do ofício de partejar que pinta de maneira precária - mas não por isso menos interessante -, porque não pretende generalizar, a realidade no Rio Grande do Sul.

4 A AMPLIAÇÃO DO PRESENTE: AS NARRAÇÕES AUSENTES

*“Y hoy no pares
que ya sos parte
De esta nave sos tripulante
En este vida hay que tener coraje
Mover la sangre así”
(Femina, 2018)*

Figura 1: Mapeo coletivo



Fonte: co-criação entre a autora e o ilustrador Jean Pico Corseuil

Como quem costura uma colcha de retalhos começamos nossa caminhada até o resgate das narrações de vida de parteiras anciãs do RS. Fizemos um mapeamento com as parteiras que visitamos e as que ainda não conseguimos conhecer. Assim, o mapa do RS foi se enchendo de tesourinhas antigas, aquela ferramenta que achamos nos relatos de todas as

mulheres como ponto em comum. Tesouras diferentes como os tecidos diversos que formam uma colcha: tesouras do cotidiano, tesouras velhas, tesouras dadas por suas avós ou tesouras profissionais, que cortavam os cordões das crianças e que antes disso tinham sido desinfetadas com álcool, no fogo direto ou fervidas em panelas de casa. A mesma tesoura hoje presente nas malas das parteiras jovens que fazem parte do Grupo de Resgate de Parteiras do RS e que estiveram em cada visita, diálogo e intercâmbio nas entrevistas com as parteiras anciãs.

Trabalhar com histórias que pertencem a corpos-territórios – as parteiras do RS-, que são experiências de vidas, que são saberes situados num ponto na cartografia da Pachamama, saberes compartilhados ou esquecidos, in-visibilizados, criminalizados, medicalizados, colonizados e ausentes é fazer uma colcha de retalhos; é costurá-la com os fios vermelhos da escuta ativa²⁸, dos fios multicores que são as ferramentas da sociologia das ausências e das emergências, com as visões do feminismo comunitário e o eco-feminismo, com as mãos coletivas de muitas mulheres se movimentando para resgatar as histórias de suas contemporâneas e os saberes vivos nas mulheres de sua própria terra gaúcha. Fios que trazem o hoje e o ontem se encontrando no presente em cada ponto, neste ser sendo do agora quando fazemos a colcha para conhecer, para resgatar e para fazer duma pesquisa científica o intento de trazer o passado que está incompleto, porque contém histórias que não são a história universal ocidental, ao presente, e assim dilatá-lo. Aquele presente que às vezes parece se escorrer pelos nossos dedos das mãos, como um instante onde tudo vira passado ou futuro.

Por isso que queremos ampliar o presente, mostrar como isso que parece passado está contido no presente das narrações de vida de cada parteira e no encontro entre as parteiras anciãs e as jovens, porque é nesse acontecer onde deixamos de desperdiçar experiência social e o que já foi, volta a estar sendo no hoje das narrações. Na costura da colcha que se faz espaço analítico para realidades surpreendentes não só por novas, se não por ter sido produzida como não existentes, que brotam como emergências libertadoras para continuar. A colcha contém tecidos da diversidade cotidiana, do não existente, nela que nos abrigamos para continuar com o resgate.

A partir daqui vamos apresentar as narrações que foram negadas, os saberes do corpo, da Pachamama, da vida e da morte que podem ser resgatados dos relatos individuais que são reflexo do social, nessas vidas que outros olhares caracterizariam como antigas ou casos

²⁸ Escuta ativa: o escritor e orador Krishnamurti diz ao respeito que “si escucha sin esfuerzo, con claridade, entonces creo que esa misma escucha es el vehículo para la acción. No teneis que hacer nada sobre ello. El acto mismo de escuchar es acción” (1965). No mesmo sentido trabalhamos por construir uma escuta onde o ato de escutar-se seja a objetivo principal do encontro, depois vem outros.

isolados, nós vemos o germe dum outro presente também existente. Nessas narrações e as reflexões posteriores queremos por em valor de emergência do trabalho do Grupo de Resgate de Parteiros do RS, como presenças coletivas que vão se construindo no andar, que se costuram em olhares próprios e abrem caminhos até a contração do futuro. Porém, como dito pelas parteiras anciãs e o percorrido grupal, vamos organizar mais na frente aqueles saberes populares femininos que conseguimos nomear desde a tarefa de visibilizar, por em valor e identificar as marcas onde a produção de ausências atuou. Para, por fim, chegar a uma aproximação, um intento de tradução, daqueles saberes que conseguimos indagar em cada vida em diálogo.

Vamos também dar entidade de evidência às palavras compartilhadas sobre a vida das parteiras entrevistadas, seis mulheres dum mesmo Estado, apresentando cada uma delas, fazendo uma nova narração, própria²⁹ e subjetiva, aonde iremos tornar presente – novamente - as experiências pessoais e coletivas da caminhada da pesquisa. Pretendemos denotar os saberes fazer que elas evocam, sustentados na prática continuada, nas palavras, na oralidade, no cotidiano da memória ancestral, na contemplação e na observação, e assim descrever cada uma delas na sua própria diversidade, as particularidades, as diferenças e as similitudes nos relatos das parteiras que estiveram em interação com o Grupo de Resgate de Parteiros do RS.

O começo foi numa viagem de reconhecimento por Porto Alegre, para o Grupo se afiançar em seus objetivos e formas de trabalho, e nessa mesma semana tivemos a possibilidade de conhecer uma parteira, a primeira, a Maria. Não tínhamos câmeras de vídeo nem para tirar fotos nessa vez, mas a oportunidade estava dada e então fomos conhecer essa parteira que segundo a Fer –amiga do Grupo- “é uma mulher com muita sabedoria”.

Pienso que en la medida que nos oigamos, nos reconozcamos en la diferencia y repensemos como construir diálogos pensantes, sintientes, y respetuosos, podremos seguir juntando hilos desde donde estemos, toda vez que intencionalicemos nuestras acciones de manera coherente contra los patriarcados y contra las hegemonías que nos circundan en nuestro propio cuerpo, en la cama, la comunidad, la calle, la ciudad y en el mundo (CABNAL, 2010; p. 25).

²⁹ “Por supuesto, una vez iniciado el intercambio, en el marco de las respectivas reglas y contextos institucionales, ambos partícipes serán responsables del resultado del encuentro, pero aquello que el investigador va a buscar no se encuentra performado en ningún otro sitio, se produce bajo los ojos, podría decirse, en el devenir actual del diálogo, por más que esté en juego la memoria y el archivo. Una vez más, “la vida” adquirirá forma y sentido sólo en la armadura de la narración. Luego vendrán las marcas del relato, las huellas que el análisis tomará inteligibles y que hablarán, ellas sí, de reenvíos, persistencias, cristalizaciones, estereotipos, y también, quizá, de aquello singular que siempre alienta en el imaginario de una investigación” (Arfuch, 2007: 200)

4.1 MARIA – 82 ANOS

Figura 2: 38 anos de ofício



Fonte: co-criação entre a autora e a ilustradora Rocio Tenaglia

Ela é Maria. Tem 82 anos e ri a cada duas frases. Foi parteira por 38 anos, iniciou-se na cidade de Passo Fundo, no estado do Rio Grande do Sul. Conta que seus três primeiros partos foram atendidos por uma parteira anciã e, depois de vivenciados, acho que queria ser parteira também. Ele pagou dinheiro para a parteira para ser sua aprendiz e, antes que ela pudesse terminar com os meses de treinamento prático acordados, a parteira morreu e desde então ela foi a parteira que ficou substituindo aquela mulher. Ela conta com orgulho que seus últimos três filhos ela mesma atendeu: “Eu mesma atendi, teve até gêmeo. Eu mesma atendi,

eu aprendi, ta aprendido né? Porque vou tá ai pagando dinheiro pros outros ai vim atender se eu sei?”

Figura 3: Primeiro encontro



Fonte: Arquivo da autora

Com a Dona Maria éramos bem novatas nas entrevistas grupais e nisso de convidar fazer uma narração de vida, por isso que com ela fomos direto ao grão: perguntamos que significa o ofício de partejar, no que ela definiu:

Ser parteira não é assim no facão não, no grito. Tem que aprender um monte de coisa. Que tem parto difícil, tá na hora da criança nascer mas não vem. É, as coisas não é assim, "ê ê", não é assim de qualquer jeito. Tem que saber, muito bem sabido, e tem que ter coragem também, e não pode ter nojo também, porque parto é uma coisa nojenta, é verdade ou não é? Parto normal é coisa nojenta, é coisa nojenta, não é nada bonito nem cheiroso, não é perfume não, tem que ser boa de estômago.

Ante tamanha claridade não fizemos mais que rir uma e outra vez com as formas de expressão que até ela mesma faziam divertir.

Ela conta que sempre usou banha de porco ou óleo para facilitar o parto, e faz movimentos da mão para explicar como é feito para ajudar a vagina a se abrir e não rasgar e o bebê nascer, no que alguma de nós perguntou: mas o que fazia a senhora se a vagina se rasgava? E a Dona Maria respondeu duramente: “Mulher nenhuma se rasgou comigo, nasceu criança com 5 quilos nas minhas mãos, e não foi rasgada.”, e voltou explicar como colocar muita “muita” banha ou óleo.

Lembra e conta como em segredo para nós, que a rodeamos numa roda de cadeiras e chimarrão, de quando propôs a uma mulher, que estava num trabalho de parto de dias, ser pendurada em cordas presas no teto para que a criança que estava sentada nascera, para esse caso ela pediu ajuda para outra parteira do bairro e à família responsabilizou, já que era a mesma parturiente que não queria ir ao hospital e acabou sendo um parto de muito risco. Mas dessa vez a mulher e a criança saíram bem.

A Maria gosta de compartilhar todos os detalhes dos partos, vai falando das ervas que usava e ainda hoje planta, se põe de pé e caminha até fora, todas nós detrás dela, vai pegar a mangueira para botar água em seu plantio no pátio minúsculo que tem ao redor da casa no Morro da Cruz, um bairro nas periferias da cidade de Porto Alegre, onde ela acompanhou muitos nascimentos. Rega e vai contando:

É bom, em casa a gente tem que ter de tudo. A gente tem que estar sempre aprevenida, melhor aprevenir do que desaprevenir. Ainda mais quando tem mulher com nenezinho encomendado. Né? Então é marcela, faz o chá de marcela, bota manjerona, se não tem marcela e manjerona, se tem arruda tu da um chá de arruda com um pouco de cachaça. Faz um chá de arruda, quentinho, bota cachaça e toma, é pra já a dilatação. Serve pra resfriado também.

Nesse momento olha para a Fer como lembrando para ela esse último dado, a Fer foi quem nos levou até a casa da Dona Maria, conheceu ela faz dez anos, fazendo um resgate de saberes sobre plantas medicinais no bairro da Maria e daí que são amigas. A parteira continua: “Tem tudo isso aí. Porque tem gente que aprende só por livro né, por isso é bom aprender parto normal atendendo parto normal, não só por livro, porque o livro não explica muita coisa não”, e assim ela faz nos entender que a prática é seu valor mais visível, se até continua plantando aquelas plantas embora ela não mais acompanhe mulher no parto. Também tem plantado tabaco, erva doce e várias “Comigo ninguém pode”, a Dona Maria marca essa última como especial para curar o olho grande, mas não explica muito bem como.

Figura 4: Escuta grupal no segundo encontro



Fonte: Arquivo da autora

Na metade do encontro a Sonia, nora da Dona Maria, se somou na conversa, e lembrou para nós de uma parenta que tinha ficado com a placenta grudada no fundo do útero, a Dona Maria deu então sua última receita, “senta a mulher num banho de assento em chá de erva mate”. Na mesma hora também se soma na conversa o homem que cuida da Dona Maria e diz que ele já foi parteiro, de cachorro, no que a Maria dá uma risada forte como um grito e faz piadas sobre ele como parteiro, e volta a explicar que ser parteira não é coisa simples.

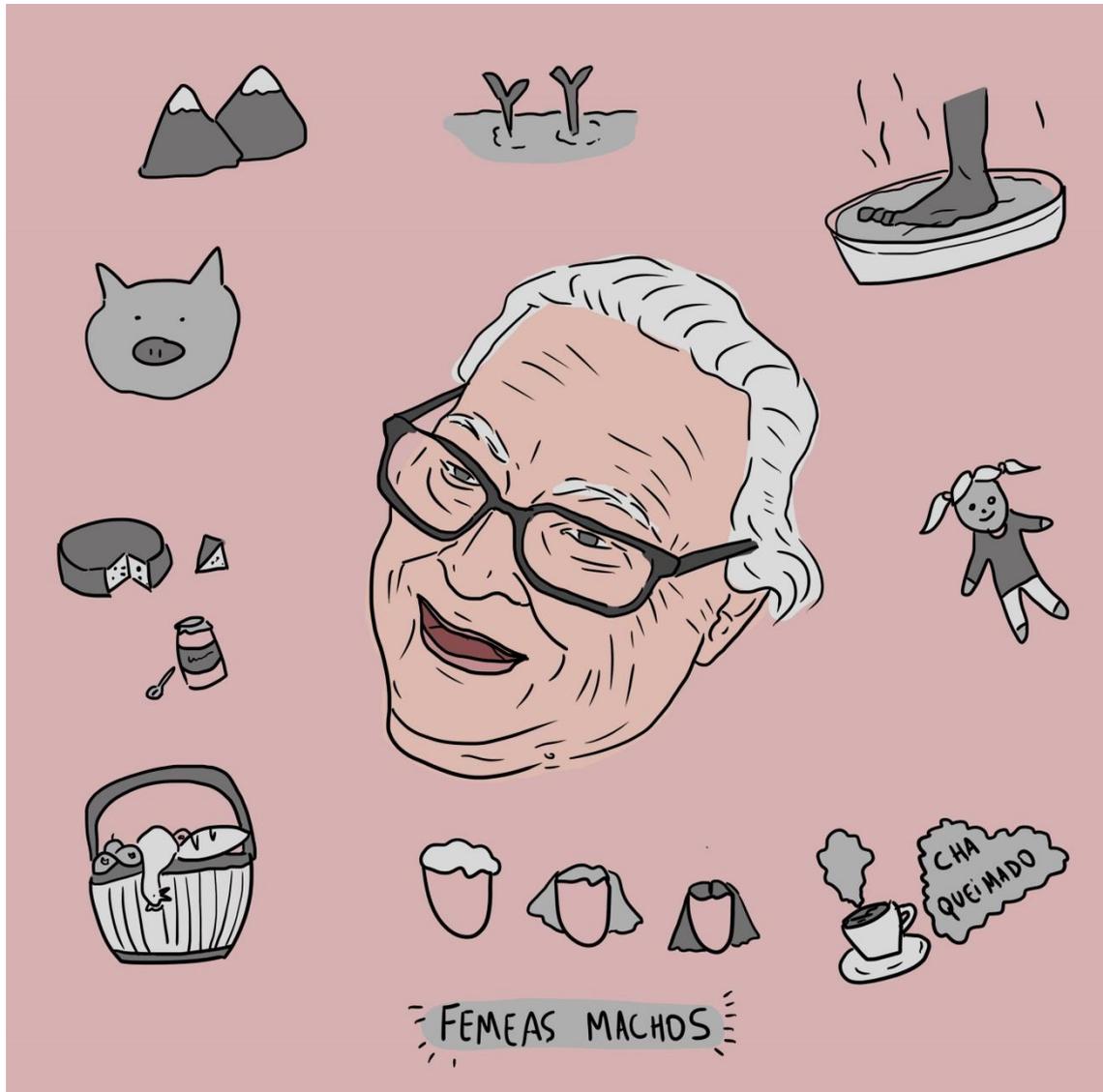
Todos os anos a Maria é visitada por alunos dos cursos de medicina e da biologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Um professor que conheceu a parteira faz muitos anos envia seus alunos para escutar os ensinamentos, ela manda preparar café para todo mundo e passa horas cercadas por jovens que ouvem suas

histórias de plantas, de partos, de doenças próprias, de piadas e orações da bíblia. A Maria é evangélica faz 20 anos. Acaba nossa entrevista com ela nos abençoando, fazendo imposição de mãos e falando em línguas que não compreendemos.

Sáímos da casa da Dona Maria, felizes e surpresas de tanta informação, depois de ter vivenciado esse encontro já podíamos nos animar e sair pelas estradas de chão em busca das parteiras mais afastadas, que já estavam esperando por nós – porque já tínhamos contatado elas ou suas famílias - em cidades pequenas ou rurais. As seguintes seriam as de mais de perto de Santa Maria RS. Assim da mão de sua neta chegamos à casa da Dona Neca:

4.2 NECA – 74 ANOS

Figura 5: Boneca parteira



Fonte: co-criação entre a autora e a ilustradora Rocio Tenaglia

Ela é Josefina, a Dona Neca para nós, é seu apelido de criança que vem de "boneca". Começa a entrevista se auto-definindo, ela afirma ser ajudante de parteiras e conta uma e mil histórias de como com sua avó e outras vizinhas tem ajudado e acompanhado os partos de sua comunidade:

Eu ganhei o meu filho com dezesseis anos e depois sempre ajudei. Ajudava sabe?! Mas sozinha não né, essa da Loreci nasceu comigo, Hornélio e outro que nasceu da minha irmã que morava aqui também nasceu comigo, eu cortei imbrigo e tudo, mas é

que a gente sempre tinha uma companhia, uma sozinha não. Elas também chamavam eu pra companhia, sabe como é? Daí umas ia pra ajudar.

É de São Martino da Serra, uma população rural aos redores de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul. Lá mora desde que nasceu há 74 anos, é agricultora até hoje, cria animais, planta comida e lava suas roupas a mão ainda tendo uma máquina de lavar disponível. Já foi artesã, fazia queijo e doces e criava às vezes sozinha e às vezes com marido, cinco filhos e filhas, um deles morreu com sete meses.

Figura 6: Um chimarraõ para aquecer o encontro



Fonte: Arquivo da autora

A Dona Neca vem duma linhagem de mulheres, mãe e avó, que foram viúvas muito jovens e por isso foram como ela definiu: “Fêmeas machos”: “minha vó não tinha medo! Ela foi peitada!. A Jossi, a neta que nos ajudou no encontro, olha para sua avó e diz: “a senhora também, é igual a ela” e volta a vista para nós. E a Neca como se não ouvisse continua a fala com entusiasmo e orgulho de sua avó, que era a parteira que lhe ensinou, além de ser agricultora, artesã e cozinheira, criou oito filhos sozinha e ajudou a sua filha também viúva com mais cinco crianças. Nós perguntamos para ela se ser parteira traz problemas com a família e ela, que só consegue reconhecer como parteira a sua avó continua falando dela e diz: “para ela não trazia problemas, ela não tinha marido, era dona de si, depois que seu marido se matou ela ia onde queria, mas ela ia só para fazer o bem, não ganhava nada e até levava comida para os partos”.

Continua contando como sua avó além de parteira era a organizadora das festas na comunidade, que sempre dava pousada a quem precisasse e para ir acompanhar um parto preparava uma cesta cheia de "E levava um pão, ou se tinha uma galinha carneada levava um pedaço de galinha, ela ia ainda em vez de cobrar ainda ajudava. Porque chegar nessas casa pobre não tinha, ai fazia o caldo, e graças a Deus nunca faltou", diz a Dona Neca.

Figura 7: A equipe



Fonte: arquivo da autora

A Neca nos olha, olho no olho, uma por uma, às três visitantes que nesse dia estivemos com ela, se preocupa para que tomemos mates e comamos suas bolachas, e como passando uma pocima mágica conta que sua avó fazia chá de mate para dar ao recém-nascido:

Por causa que a minha avó era gente que dá o chá. Lá era assim, se dava o banho, já tinha que ter o chá de mate pronto, fazia o chá de mate com erva de mate e dava umas gotinha pra criança, aquilo, porque ela diz que depois, se a mãe toma mate, não doía, a barriga do neném” e fecha essa lembrança: “ela achava que era assim, não tinha tanta ciência.

Numa hora saímos da casa da Neca para fazer um vídeo, ela pega em seus braços a criança da Carol, uma doula do Grupo que acompanhava na entrevista, e ao tempo que

balanceia ao bebezinho pedimos para ela contar sobre seu trabalho como parteira e voltasse a definir como ajudante de parteira, a Nani, parteira jovem diz para ela: “más você já pegou nenê?” e ela muito feliz responde: “Claro, e mais de um, uma porção nasceu em minhas mãos” e começa a dizer os nomes dos nascidos com a ajuda dela, então “você já foi parteira” diz a Nani, e ela apenas sorriu.

Figura 8: Avó parteira e os oito filhos



Fonte: arquivo familiar da Dona Neca

Relata mais de um parto difícil, do tipo que o bebê parece que nunca vai nascer, que uma vez, depois de um final de semana inteiro de acompanhar junto com outras vizinhas o trabalho de parto de sua cunhada se decidiu grupalmente chamar à Benta Gaita, a parteira mais experiente de toda a região. Quando a Benta chegou o bebê já estava no canal de parto, mas o cordão umbilical vinha antes da cabeça, a Neca lembra que a Benta fez algumas manobras muito estranhas no corpo da mulher, abrindo e fechando as pernas e balançando-se para o bebê reentrar, "é muito perigoso que o cordão venha antes". Uma das jovens parteiras presentes na entrevista disse a Neca que até hoje esta manobra é realizada quando vêm com essa complicação, Neca ficou surpresa.

Volta a nomear a Benta Gaita quando estamos fazendo o vídeo fora, conta que ela era uma parteira profissional, que tinha feito curso, que ela tivesse gostado de fazer, “saber como a Benta colocar injeção e tudo mais”. Mas no mesmo momento se contradiz e rememora como sua avó tinha ensinado fazer de suas mãos as massagens, as injeções, os chás de ervas, as salmouras e os remédios para a mulher no parto: folhas de laranjeira, funxo, abrofo, canela,

marcela, qualquer dessas com açúcar queimada ajudava nos diferentes momentos do parto, além da banha de porco “bem limpinha” para acompanhar abertura da vagina e para a higienização e cicatrização depois do parto.

Depois de valorizar o uso das ervas e as sabedorias das parteiras, perguntamos para ela qual é sua visão sobre a cena de parto hoje, no que a Neca definiu:

É por causa que tem muita, burlamia, eu acho que é isso aí. Porque agora a mulher quando ta grávida não sei, tu, mas ta com 3, 4 mês é exame, exame, e vá na médica, eu ganhei tudo os meus, nunca fui em médico, nunca fiz exame, o meu médico era o gardame, era a enxada.

Nós rimos, mas com a consciência de que nessas palavras estávamos achando grandes aprendizagens. E continua nesse relato de mulher rural: “é, o trabalho! Carregando trigo, carregando alfafa, e os filho nascia quando tinha o tamanho desse aí, já levava para roça e dai trabalhava! A gente era pobre mesmo mas graças deus que tudo tem saúde sou bem feliz com o que deu meu deu”. Como a todas as parteiras, também para a Neca perguntamos por sua religião, ela contou que fazia 30 anos que era da Assembleia de Deus e que antes tinha sido católica, como sua avó. Nessa hora, a Nani – parteira jovem - a convidou a lembrar de alguma reza para os partos, a Neca nomeou o Salve Rainha e sem mais a parteira jovem e a parteira anciã começaram a dizer em vozes altas aquele rezo. Por sorte o gravador estava ligado e temos esse áudio.

Poderíamos fazer uma narração completa sobre a participação de João Carlos, marido da Neca, na entrevista, sobre o intercâmbio do casal, os comentários sobre ter filhos um de traz de outro e a Neca dizendo: que bom para ele, que não os pariu, ou seu reconhecimento à sua mulher que pariu sozinha um de seus filhos porque a parteira não chegava, ou contar como ele relatou quando foi “parteiro” dum terneiro, ou valorar seus saberes sobre pedras preciosas, ou de suas falas a respeito de como os agrotóxicos estão matando todo o remédio que temos nas ervas medicinais. Mas nesta vez achamos melhor só dedicar um parágrafo para falar sobre a presença do João Carlos e agradecer também sua ausência em quase toda a entrevista.

Figura 9: O interior da preciosidade



Fonte: arquivo cedido pela Nani

Voltando para a Dona Neca, ela não sabe quantos partos foi que acompanhou na real, mas lembra com muito detalhe o último:

Nós ajuntemo uma, eu e uma outra amiga minha, nós fomos parteiras duma mulher ali em cima que nasceu lá, a muié ganhou nenê no meio da macega, debaixo dumas goteira, mas ela matou a criança, era por causa que a criança não nascia sabe, e daí quando chegou ali que já tinha coroadado, daí não nascia, e não nascia, e aí ela apertava a cabeça da criança dentro dela assim, que a cabeça... Quando ela nasceu à cabeça era igual quando quebra uma térmica, que tu pegava os ossinho e fazia trrrrrrrrr, era tudo farelinho, uma criança bonita, bonita! Mas as irmã dela não queria que ela ganhasse mais filho, já tinha bastante e, não sei era o 11 ou 12 que ia nascer, e daí ela foi pro mato e ficou lá segurando o nenê, um frio, um frio, uma serração, coisa mais triste do mundo! E daí tivemos que fazer chá queimado pra dar pra ela, daí nasceu a criança, mas a cabecinha era moída, moída assim ó, de tanto ela apertar sabe, daí isso moeu tudo a cabeça da criança! Trouxemos a mulher pra dentro e sabe onde deitemo ela? Em cima dum couro de criação, em cima dum couro com uns trapo, e daí fizemos escalda pé, e fizemos chá queimado de abrofo com açúcar queimado e demo pra ela e daí nasceu a criança, e daí a outra parteira, não eu, a outra, rasgava a vagina dela pra nascer, daí nasceu, e depois ela lavou, porque é uma gente muito... Além de pobre é relaxada, eu digo assim de não se cuidar, e daí a outra minha... Nós esquentemos água e lavamos bem ali com sabãozinho de...

Sabãozinho, e depois ela passou banha, foi o que passou porque não tinha outra coisa, tinha que ser com o que tinha, daí passou banha ali. E quando deu 2, 3 dias já apareceu aqui, mora lá em cima, coisa caminhando já, era 13 filho com aquela, mas faleceu a criança, quer dizer... Já nasceu morto.

Tínhamos chegado de dia e saímos de noite da casa da Dona Neca, fazer aquela entrevista em Grupo foi muito emocionante. No dia seguinte acordamos bem cedo e pegamos as estradas até a cidade rural de Jarí, RS. Onde iríamos conhecer duas parteiras, nesse mapa/colcha que começava se desenhar.

4.3 PAULINA – 93 ANOS

Figura 10: O sorriso falante

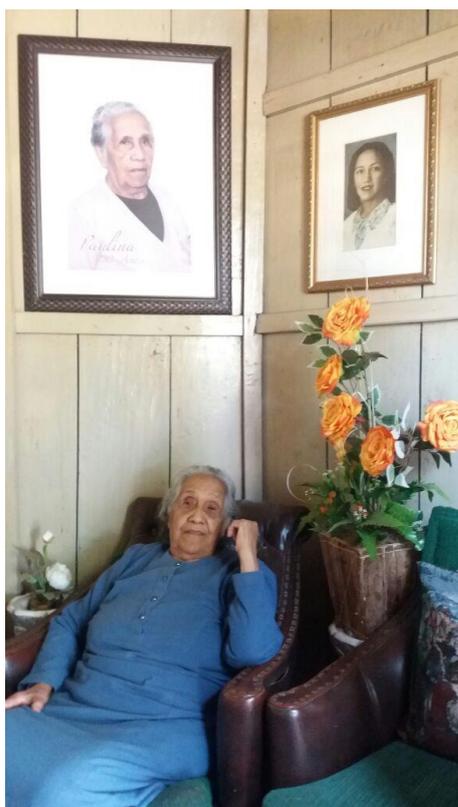


Fonte: co-criação entre a autora e a ilustradora Rocio Tenaglia

Ela é Paulina, tem 93 anos e mora na pequena cidade rural de Jari, no centro do Estado do Rio Grande do Sul. A conversa começa com a Dona Paulinha – como diziam para ela suas tias amadas - nos mostrando as fotos do pai e do avô penduradas nas paredes da sala onde nos recebeu, os dois homens foram praticantes do espiritismo, médiuns, médicos - nunca fica claro se eles foram médicos populares e/ou acadêmicos - e falecidos bem novos. Sua mãe, que era afro descendente, também era parteira e ensinou-lhe o ofício e o serviço levando-a como assistente nos partos que acompanhava.

Ela sente pena por não saber a origem real de sua mãe, o que sabe é que ela foi trabalhar como empregada doméstica ainda adolescente na casa da família de seu pai e lá eles se conheceram e se casaram, “foi de empregada e no fim ficou de patroa”, diz ela com um tom meio estranho. É que já sendo adulta acabou sabendo que sua mãe havia sido vendida para brancos de Jari quando ele tinha apenas dois anos de idade, parece impossível, mas a escravidão chegou até 1888 no Brasil: “Tinha um senhor ai que disse que conheceu o pai dela na Vila Norte, de cá, que eles trouxeram ela pra lá e nunca mais deixaram que ela convivesse com a família. Isso das escravas como se diz? que traziam uma pessoa, criavam pra trabalhar pesado”, relata a Dona Paulinha ao tempo que bate em sua mão tentando expressar o sofrimento dos pretos do Brasil. Sua mãe, então, foi treinada como parteira pela mãe de sua sogra, também chamada Paulina, uma branca, que, como lembra a Paulina: “era bem racista, mas ela aguentou o negócio no peito e nunca disse nada pra nós”.

Figura 11: Todas as Paulinas



Fonte: arquivo da autora

No final da década de 1950, a Dona Paulinha já era uma adulta, mãe de vários meninos e meninas, dividia seu tempo entre ser mãe, costureira, lavadeira e parteira junto com sua a mãe que também ajudava ela com os filhos e filhas. Já vinha praticando a parteria

fazia 15 anos quando fez o curso – em 1957 - na cidade de Tupanciretã, RS. O treinamento era dado como políticas públicas para regularizar e registrar o trabalho de parteiras "curiosas"³⁰. Ali as parteiras eram formadas sobre higiene, injeções, medicamentos e suturas básicas. Paulina lembra-se do curso com amor, porque foram meses de encontro com outras parteiras e troca de experiências e sobre os ensinamentos ditados pelos médicos apenas fala de algumas ferramentas-chaves em relação à medicação para a dor, mas nos detalhes diz que elas foram as que explicaram aos médicos. “Na prática a gente vai adquirindo. Muita gente diz que mais vale a prática do que a gramática, porque às vezes os livros diz uma coisa, mas vai praticar. Tu vai com outro jeito”, e assim fecha a conversa sobre aquele curso.

Figura 12: A equipe visitante junto à parteira



Fonte: arquivo da autora

Acompanhou mais de 2 mil mulheres, foi parteira quase 50 anos, acompanhou três gerações em sua comunidade: a avó, a filha e também a neta. Mas no momento que nós convidamos ela para relatar alguns partos significativos que estejam em sua memória ela só conseguiu ir no parto de sua filha que ela acompanhou como parteira:

Um é da minha filha, até a criança nasceu morta, mas eu não tive culpa, por causa que eu tava junto com esse meu genro que era médico, custou muito pra nascer. Minha filha encarricou de não querer ir pro hospital e o marido dela queria, queria, queria que ela fosse, ela não quis.

Todas as mulheres presentes na entrevista ficaram caladas, emocionadas pelo relato e a Nani –a parteira jovem- perguntou:

E como é que foi pra senhora assim, pegar o seu neto?”, a Dona Paulina falou: “ah, foi horrível né! Ah, uma coisa que tu tava esperando numa felicidade tão grande né? O que a gente vai fazer, eu não tava sozinha, tava um médico ali, junto né? O marido dela não disse nada, nem ela, nem ninguém. Depois veio o irmão dele e disse assim: ‘ai também tu fica ai com o Volmar’. Eu fiquei tão magoada, por causa que esse Volmar era médico tanto, um parteiro e tanto, dizer uma coisa dessa! De certo, destinou que ela não ia criar aquele filho né. Deus sabe o que é que faz num é? Deus é Deus. A gente tem muita fé mas quando é pra morrer, não tem Deus que salva!

Continua Dona Paulinha a fiação de pensamentos até que descobrimos, junto a ela, uma temática que nas seguintes entrevistas se iria repetir como justificativa ante a perseguição e criminalização do ofício de partejar.

Tenho uma amiga aqui, Dona Eloisa, também ganhou um filho com outra pessoa que se dizia médica, e não é... Eu dizia graças a Deus que não foi comigo! Graças a Deus, morreu a criança né? Nasceu morto! Porque qualquer coisinha é a parteira. É a parteira que matou, não é os médicos é a parteira, não é? Tudo, tudo é assim. Então por isso que a gente tem que ter o maior cuidado do mundo, maior carinho com as pessoas, pra não culparem!

Conta ela e nós começamos a visibilizar o que ainda parecia uma hipótese (a criminalização se fez uma marca nos relatos de cada mulher que víamos e veríamos mais na frente).

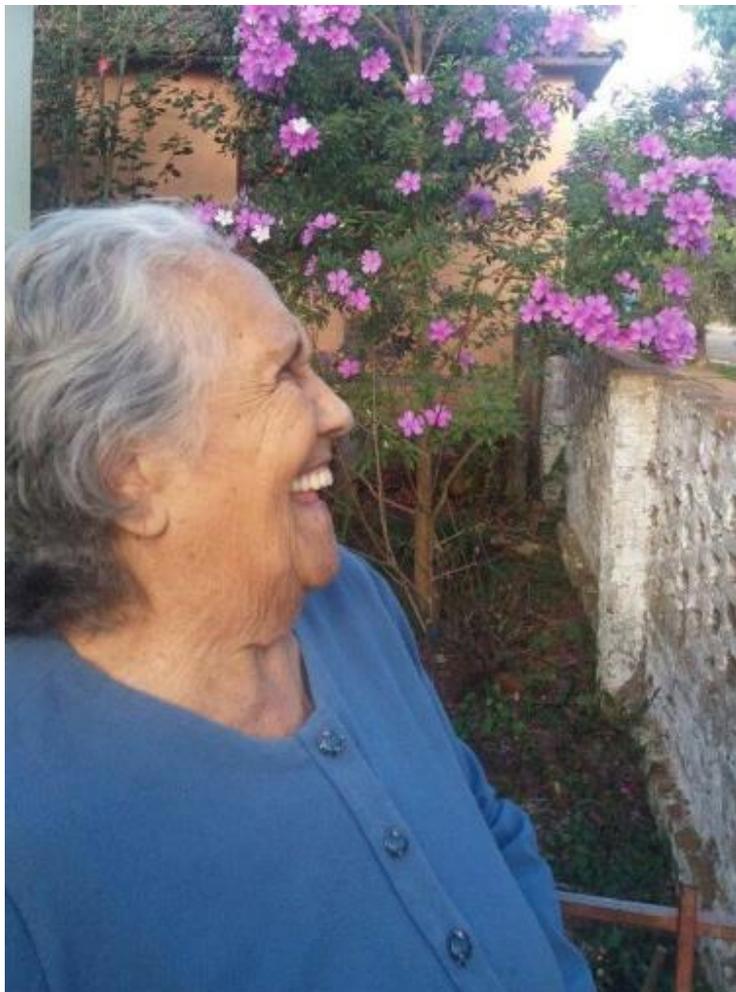
“Sim, sim, tinha as mães das clientes, ou irmãs. Sempre tinha pessoas que ajudava né? Mas ir um ajudante, uma coisa não tinha!”, assim falou a Paulina em relação ao trabalho da parteira como individual ou coletivo. A Dona Paulina seria a primeira de várias mulheres que nos falariam de seu trabalho nessa solidão que por momentos era em companhia.

Numa hora o relato deu uma virada e a Paulina, entre aliviada e crítica, começa nos falar sobre a medicina e os partos:

Hoje em dia já veem na barriga da criatura, sabe se é deficiente ou não, num é? De primeiro não, eu mesmo ganhei esses filhos, nem um fui num doutor, nunca. Ganhei

12 filhos, nenhum fez um tratamento uma coisa assim. Pra ver né. E hoje em dia não, vem desde que fica já, vão fazendo os tratamentos ver coisa, ver coisa.

Figura 13: O jardim das risadas



Fonte: arquivo cedido pela Nani

Então, aqui a troca de saberes técnicos entre duas gerações de parteiras se fez mais tangível, a Carol – uma doula de grupo - perguntou para ela se as mulheres em seu tempo pariam deitadas ou de que forma: A Paulina relatou que só uma mulher que ela acompanhou foi um parto de cócoras, que ela não achava legal essa forma porque era muito desconfortável para o trabalho da parteira e recomendava ir para a cama, nessa hora a Nani contou que ela muitas vezes tem que se deitar para receber a criança, de forma muito carinhosa as duas deram conta que trabalhavam diferentes. Essa conversa deu para perguntar também se a Paulina usava injeções e fazia episiotomia, a resposta foi sim, mas deixou claro que quem tinha ensinado para ela o ofício de partejar, sua mãe não usava, e como se afastando dum tempo muito distante diz: “ela era mais antiga ainda, ela era muito boa parteira, cuidava”.

Ao final do encontro, a Dona Paulinha volta a falar de sua fé, ela valora uma e outra vez a necessidade da fé para acompanhar o parto e dar à luz também, relata que muitas vezes chegou numa casa onde ninguém tinha fé, ninguém acreditava em nada, ela se ancorava e recomendava que eles acreditassem em algo:

Tem fé nem que seja num toco de pau, num pedaço de madeira, a pessoa tem que ter fé né?! Porque tu vê, não falar em Deus, aaah! Eu vou morrer! Ah e isso e aquilo! Não! Num pode ser assim né!? Tem que ter fé em Deus e fé nalguma coisa que chame né?! (...) Chamar uma entidade de luz que venha ajudar, mandar que a pessoa também se lembre de uma coisa boa, que ela também... Isso ajuda muito né? A pessoa ou se ajuda ou não se ajuda.

A Paulina agradece e volta agradecer:

Agradeço pelo que fui, sou e serei além da morte, (...) É ajoelhar e agradecer a Deus de ter aquela, que é uma felicidade ver o neném nascer né?! Que coisa bem boa! Eu quando dava a luz assim na mulher eu dizia: Ahh, meu Deus! Graças a Deus! (...) eu sou muito abençoada.

Sáímos da casa da Paulina, não sem antes fazer um percorrido pelo seu jardim de flores e tirar fotos muito lindas. Caminhamos poucos metros e chegamos à casa da Dona Morena que fazia horas que esperava por nós.

4.4 MORENA – 76 ANOS

Figura 14: Pegada nos olhos



Fonte: co-criação entre a autora e a ilustradora Rocio Tenaglia

Ela é Morena, tem 76 anos e os olhos tristes, não concorda com fazer vídeos e dúvida quando propomos fazer fotos. É de Jari, como a parteira Paulina que mora a duas quadras de distância. Há um ano, teve um acidente onde fraturou o quadril também um tipo de acidente vascular cerebral, que não conseguimos definir com seu relato, as duas coisas deixaram ela quase sem memórias, hoje tem se recuperado, mas gira cada experiência com um lamento que pinta de dificuldade a narração de sua vida. Começamos o diálogo com ela nos contando desde seu presente para o passado, primeiro fala de seus problemas físicos, seus acidentes na casa, e como sofreu com a doença de seu marido que nos últimos anos de vida estava muito

ruim e até chegou ao autoflagelo, denota a solidão de cuidar dum doente. Aos poucos, e em nossa intenção de ir criando um espaço de escuta, ela vai chegando a seus dias como parteira.

Lembra-se quando ia pelos sítios mais afastados para acompanhar as parturientes que precisavam de seus serviços de parteira de carroça, carro, e mesmo a pé. “Eu levava sempre uma das crianças, tinha os dois até aí, serviam de companhia e iam pra lá, mas não é. Atendia, depois sempre ficava umas 3 horas lá. Assim, aguardando pra ver se não dava sangramento no umbigo da criança, essa coisa toda, se a criança tava bem e a mulher tava bem, eu vinha embora, voltava pra casa”, lembra a Dona Morena.

Aproveitando que ela mesma começou a falar de seus filhos perguntamos sobre o como foram seus próprios partos, se foram com parteira e ela com pena fala que os dois foram por cesariana, com sua filha ficou quatro dias quase sem conseguir se deitar de dor:

Até que quando o doutor foi me examinar, escutar a criança, já estava passando da hora de nascer, daí ele disse: com urgência te ferve aqueles ferro lá irmã, que ela tem que fazer cesárea se não a criança não vai resistir. (...) e do guri foi um terror, 36 horas de contração, eu já não tinha mais, daí quando eles viram que não tinha e eu fiquei só numa sonolência, numa coisa ruim, daí eles trataram de me operar.

O relato da Dona Morena continua se remontando para trás, rememora quando teve que sair da Santa Casa, o hospital das freiras onde aprendeu o ofício de partejar, na época de seu casamento, ela diz: "as irmãs eram regulamentosas demais, mulher casada não trabalhava mais". Mas essas mesmas freiras foram as que lhe forneceram suas primeiras ferramentas para assistir aos partos em casa, deram-lhe desinfetantes e algumas pinças.

A conversa vai derivando em sua formação como parteira e a Morena explica uma e outra vez que não é formada como parteira profissional:

Eu só tenho prática”. Chega nas lembranças quando tinha 18 anos que foi morar no internato dessas freiras que ensinaram, “lá que eu fui aprender isso aí, elas mesmas que faziam parto, e era pouca gente e elas começaram me deixando, deixando em sala de parto junto com as parteiras, e eu fui entendendo um pouco, mas a minha mãe nunca queria porque achava que eu era solteira e não devia estar lidando com isso aí, porque ficava feio”, e segue “os antigos eram assim, as pessoas antigas! Que nada, elas nem bola deram pra mãe, e nós era como num internato lá.

Seus pensamentos fazem entrelaçamentos que vão desde a vida hoje até seu passo como parteira e enfermeira ajudante dum médico: “ajudei muitas vezes ele, atendia o parto, depois ele vinha, é. Ele atendia os doentes por fora e vinha e ia lá olhar, examinar pra ver se tá tudo bem, tudo ok? Tá! Pode ir pra casa, ele dizia assim”, continua falando sobre o valor disso

e se queixa das formas em que o sistema de saúde foi afastando-a do ofício de partejar, nos anos 80, quando quem não era profissional devia sair:

Trabalhei 10 anos atendendo no posto de saúde – como parteira - quando era aqui o postinho, trabalhei 10 anos ali e quando teve que sair fui trabalhar numa farmácia, da farmácia vim pra casa, porque meu esposo ficou muito mal e logo em seguida ele faleceu e eu não trabalhei mais.

Com todos os pesares e sofrimentos que a Dona Morena narra para nós e para ela mesma parece difícil achar seu olhar em nossos olhares, ela passa a maior parte da entrevista olhando para abaixo ou aos lados, mas teve uma hora que ela se iluminava e era quando começamos a perguntar dos partos mais significativos que podia detalhar, lembra-se dum nascimento onde a mulher levava muitas horas em trabalho de parto e ela decidiu levar para o hospital:

Assim... Que a última foi aqui de Santana, e eu saí de lá. No atalho eu disse pra o marido: não espero mais, pode arrumar um carro e vamo pra Tupã, era o primeiro filho, estávamos na estrada quando ela disse assim: ai, eu tô sentindo uma coisa como me apertando. E eu disse assim pro motorista: para o carro, e tu seca minha praí um pouco que eu vou ver o que é, e daí era a criança que já tava nascendo, daí ela nasceu, eu atendi, atei o umbigo, atei com aquela parte da placenta que sangra muito, atei e peguei aquela coisarada tudo enrolei. Ainda bem que a gente tinha levado essas coisas, enrolei num lençol e vim terminar de arrumar ela, limpar a criança, vestir, aqui em casa, enrolei num cobertor e trazia assim, agasalhado. Aqui na minha casa, até tinha um outro quarto. Mas graças ao bom Deus nunca me deu problema nenhum né, ninguém pereceu nas minhas mãos, agora até de parto nós precisávamos muito de Jesus né? AAhh, é não?

Nessa hora olha para a Nani - parteira jovem - presente e diz para ela: “Mas sendo prática não tem problema nenhum! Quando Deus ajuda tudo vai bem!”

Nesta vez, saímos pelas ruas de Jarí com muito mais perguntas que antes, a realidade tinha nos mostrado essas mulheres cotidianas nem tão distantes, nem tão diferentes de nós, eram como nossas avós, como aquelas avós que apesar das dificuldades tinham tentado e feito de alguma forma o que foi seu sonho, seu ofício ou sua profissão.

Duas semanas depois voltaríamos a nos encontrar para visitar em Grupo à Nair, a parteira da comunidade quilombola que é avó duma colega da UFSM.

4.5 NAIR – 94 ANOS

Figura 15: Mãos detalhe



Fonte: co-criação entre a autora e a ilustradora Rocio Tenaglia

Ela é Nair, neta de escravos afro-descendentes que fugiram e formaram comunidades hoje chamadas quilombolas. Sua comunidade é Linha Fão na cidade de Arroio do Tigre, no norte-centro do Estado de Rio Grande do Sul. Tem 94 anos, segundo sua neta – quem nos levou conhecer a Nair - já que a Nair nem lembra nem precisa lembrar sua idade. Mora um tempo cuidada por suas filhas na cidade de Santa Maria e um pouco em sua comunidade com irmãs e parentes. O ofício de parteira foi ensinado por sua mãe, e ela passou os ensinamentos³¹ para sua irmã mais nova, que é a Dona Vinilda, que além de ter sido parteira

³¹ A Nair é a única parteira entrevistada que passou seu ofício para alguém.

até faz uns 10 anos é benzedeira ainda hoje em sua comunidade quilombola. Conta que quando era criança não a deixavam entrar aos partos: “eu investigava, espiava na porta assim abria a fresta e oiava, eu via por onde é que saía, eu perguntei da onde por onde é que sai essa criança, da onde é que cês trouxeram essa criança? Foi um Crisquinto que trouxe. Que Crisquinto, pois eu não vi?!”, todo o Grupo presente mais a família da Dona Nair deu risada pela anedota.

Figura 16: A equipe em sua máxima expressão



Fonte: arquivo da autora

Para a entrevista com o "Grupo de Resgate de Parteiras do RS", a Dona Nair nos esperou com um rolo de gaze nas mãos simulando o que ela usava para amarrar o umbigo do recém-nascido. Ela ficou sentada numa cadeira cheia de almofadas, as visitantes, que éramos cinco mulheres nessa entrevista, fomos nos sentando no tapete do chão enquanto ela começava com seu relato de parteira, como uma velha que conta uma história mágica. Com suas mãos mostrou para todas nós cada massagem que fazia nas mulheres em trabalho de parto, com seus ingredientes indispensáveis: a banha de porco e a cachaça quente para ajudar com a dor ou acomodar um bebê que não veio de cabeça, além de infusões de erva doce e

canela e duas colheres de cachaça. E terminou dizendo, dando risada: "e alguns goles para a parteira, relaxa".

Figura 17: Duas gerações de parteiras



Fonte: arquivo da autora

A troca de experiências começou a acontecer nessa hora entre as parteiras jovens e a anciã, as primeiras contaram da dificuldade de receber uma criança que vem de pé ou sentada, que alguns saberes sobre como virar a criança estão se perdendo, e a Nair muito resoluta falou: “eu virava dentro da barriga, não tinha perigo de acontecer nada... O pior é quando a gente tá com mulher que ta mal. Ai é ruim”, e voltou fazer uma espécie de massagens em sua própria barriga, tentando explicar o que ela fazia e voltou falar da banha de porco para fazer isso.

Fazia algum tempo que estávamos escutando a Dona Nair, ela não tinha dito nada sobre a presença de homens e em nosso ideário construído em base a leituras ou outros relatos, achávamos que as pessoas que tinham permissão de estar no parto eram só as mulheres, que era uma atividade da intimidade feminina. Mas como sempre é melhor não

fazer suposições perguntamos: os homens o que faziam quando você estava ajudando no parto, os maridos das mulheres? A Nair contou que os homens ficavam na casa, “Assistiam! Assistiam, mas eles sabiam o que dizia pra eles... Ta bem, vó? Ta bem, vó? Mas claro que ta bem! Se não tivesse bem, não tava aí! Capaz de eu dizer que tava mal, criança tava ruim, que a gente negue as dores da criança quando ta pra nascer logo num é?!” e a conversa virou em direção a um lugar inesperado, as dores do parto e a importância de evitar qualquer sofrimento de quem esta por nascer:

Às vezes ta pertinho ali né? É só das dores e forcejar pra ajudar, pra ajudar! Vem à criança! Mas ela tem outros que não pode puxar o forco pra riba, o forco tem que tocar pra baixo pra vim a criança, isso ai que é a coisa! Tem mulher que puxa o forco e fecha as pernas e faz uma gritaída! Marcinda eu dei uns empurrão nela, ela tava male, a criança tava ali, nega gorda, um burdum. Chupava o forco ali, mas muié do céu, tu chupa o porco pra cima a criança sobe de novo, tu tem que forcejar pra baixo e encoí essas perna e fica com essa buceta aberta pra poder vim a criança, a criança não sofrer! Se não cê vai matar a criança! Daí logo ela fez, daí logo veio a criança! Burra menina! Fernanda sabe o tamanho daquela nega!

E assim fomos entendendo do realismo que a Dona Nair colocava em todas suas narrações, falava como se a conversa com a mulher parindo estaria acontecendo nesse momento, conseguia reviver o acontecimento do parto.

Dessa forma também fala com tristeza sobre o desaparecimento das parteiras em sua comunidade, diz:

As mulheres vão no hospital, tudo no hospital. Qualquer coisinha, coisa que não é preciso ir no hospital, que não precisava gastar tanto né? Vão pro hospitale, que não tem parteira”. Lembra como ela explicava para uma mulher com medo de parir como é coisa boa dar à luz em casa: “Eu disse pra ela: não, tem que conseguir aqui! Que aqui logo tu ta livre, logo tu ta descansada, logo a criança vem! Mas dito e certo, logo ela ganhou o menino! E não é fácil, fácil num é!”, e volta com a temática da extinção das parteiras, diz que “falecida Gemina que era parteira, ela morreu né, daí terminou as parteiras.

Nessas lembranças que vão se atualizando e fazendo presentes de novo na narração, a Dona Nair diz que ela foi uma parteira favorecida pelo azar: “Porque eu era de sorte! Não sei. Tudo as muié que peguei não passei trabalho assim pra caçar o neném né? Nascia ligeiro! Às vezes quando eu pensava, digo tomara que não vá demorar meu Deus, que venha logo essa criança! E vinha logo mesmo! Vinha logo!”, este sentido de seu ofício se contradisse como ela se auto percebe como mulher e mãe: “Mas é que eu corri, fui sem sorte! O meu gurizinho, o que faleceu na água, não era pra mim criar né?”, com muita dor conta para nós de seu filho

de sete anos que faleceu afogado nas águas dum rio e com essa conversa começa a nos petrificar de admiração e tristeza.

Figura 18: A linhagem feminina da Nair



Fonte: arquivo da autora

Dona Nair reconhece a dificuldade de trazer filhos e filhas para o mundo, a dor do parto em que a parteira não pode ficar presa porque senão ela não pode ajudar. Mas principalmente denota a dificuldade de criar filhas nesta sociedade e olhando para a Mari, uma das parteiras jovens presentes, pergunta se ela tem filhos ou filhas e a Mari responde: “dois gurus!”, e então a Nair grita:

Sorte! Isso é sorte! Guri é sorte! É bom quando não tem menina, quase assim. Na época que assim a gente vai passando, é triste. Quase não se pode criar uma menina direito, só incomoda essa turma de carniça, esses rapaz que não pode ver uma menina se criar, não é?! Deus o livre! Menina, as guria não pode nem se criar direito e eles já tão em riba não é? Dando em cima das guria, e a gente não pode atacar! Que é mãe não pode atacar. Oiá, quantas meninas eu fico sabendo das coisas, às vezes tem noite que eu nem durmo direito pensando. Ela não tem menina, não ter guria, mas eu penso nos outros também. O trabalho pra criar uma filha. Mato as crianças!

E todas nós ficamos nos perguntando que dizer ante tamanha verdade. E como uma feminista que nem é consciente que é mesmo, a Dona Nair fecha assim: “O muieredo que passa trabalho, homem não sofre! Quem sofre é as muié! O que existe de mulher. Eu pra mim, na minha cabeça, existe menos homem que mulher”.

A entrevista com a Dona Nair parecia nunca acabar, ninguém queria sair dessa casa, dessa roda mágica em que todas as mulheres estavam a vontade. No final do encontro se somou à filha da Nair, a neta já nos acompanhava desde o começo ajudando em cada dado ou explicação que para nós era difícil de compreender. Das 14 às 18 horas fizemos perguntas, silêncios, tiramos fotos e vídeos, tomamos mates e nos olhamos com sorrisos sinceros, estávamos felizes. Saímos por fim para nos comprometer a viajar na semana próxima para São Lourenço do Sul, RS, nessa cidade nos estariam esperando nossa parteira mais velinha com sua neta, colega da pós.

4.6 ENILDA – 99 ANOS

Figura 19: Olhos azuis



Fonte: co-criação entre a autora e a ilustradora Rocio Tenaglia

Ela é Enilda, tem 99 anos, e é filha de descendente de alemães. Ela tem os olhos mais azuis que eu vi. Hoje mora em São Lourenço do Sul, cidade que olha para o espelho natural da Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Ela era parteira “bem na periferia”, como diz, morando na zona rural da cidade. Lembra e tem registro de mais de 3 mil partos acompanhados em casa e apenas alguns dentro do hospital, sem mortes, nem da mulher nem do bebê. Ela começou sua vida na medicina popular colocando vacinas, em seguida, “deu o acaso o doutor era muito amigo nosso e ele pediu pro meu marido: olha, tua mulher já tá fazendo vacina”, conta que o médico convidou-a para ser sua aluna e passou conhecimentos

biomédicos chaves para acompanhar um parto, com higiene, luvas, injeções e tudo o que nesse tempo e também neste tempo é valorado como avançado e moderno.

Antes de aprender com o médico descobriu-se parteira à espera de uma parteira. Estava cuidando de uma vizinha que entrou em trabalho de parto e ia ter gêmeos. O nascimento chegou antes da parteira e ela inventou como ajudar na hora, a mulher deu à luz um bebê, e o próximo, e quando a mulher diz que o terceiro vinha, ela disse "não, não, não, deve ser a placenta" e ri. Conta que foi habilitada na época a trabalhar como parteira por 3 médicos homens - uma questão que gerou mais segurança e menos medo de praticar o serviço de partejar nela.

Figura 20: As ferramentas da parteira



Fonte: arquivo da autora

A Dona Nini – como gosta dizer para ela sua família- relata que uma vez teve que participar de 3 partos em três dias consecutivos, por mais de 48 horas não dormiu, nem atendeu a seus próprios filhos, mostrando como os sacrifícios feitos a deixaram sem força nas pernas. Se for por sua mente ela continuava atendendo partos, mas o corpo já não responde a seus desejos, há anos não anda muito, diz:

Eu fui parteira muitos anos, mas fui muito feliz, tive muita sorte e depois parei porque não tinha mais condições, a idade não permitiu mais, aí perdi o equilíbrio, tive que me cuidar, ficar na cama. Caminhar não posso mais, mas ainda não sou doente. Sou muito feliz, e muito bem cuidada pelos meus filhos, netos, bisneto também. E to muito bem hoje. E não me arrependo que eu fiz, que foi ajudar muita gente, quase cheguei a 3.280 e tanto partos e nenhum óbito e isso me deixa muito satisfeita e muito feliz.

Quando ela falava sobre isso estávamos fazendo o vídeo, a câmera começou a fazer que ela se incomodasse de falar, se preocupasse com seu cabelo e diz: “Chega alguma coisa?”. Atentes-nos a que ela estivesse confortável fizemos um vídeo bem curto e seguimos a conversa.

Já fazia mais duma hora que tinha começado a entrevista, era um dia muito frio de finais de julho e sua neta Karin, quem tinha nos levado até sua avó, tentou que ela ficasse mais quentinha debaixo das colchas, a parteira recebia o carinho com gosto e se mostrava muito à vontade com nossa presença lá. Nesse momento mandou a neta procurar suas caixinhas onde ainda conserva suas ferramentas: pinças e tesouras que queria mostrar para as parteiras jovens. Respondendo ao pedido, duma mensagem ou conselho para as aprendizas de parteiras, para uma das duas parteiras jovens que acompanhavam na entrevista (parte do Grupo) a Dona Nini deu uma de suas frases mais queridas: "para ser parteira, você tem que ter coragem, mas nunca demais", com essas palavras se refere à necessidade de identificar até que ponto levar um parto complicado e quando é momento para transferi-lo para um hospital, mesmo quando o primeiro hospital estivesse muito longe. Ela trabalhou sozinha, mas sempre pediu aos maridos ou parentes de quem estava dando à luz estar presente, ela diz: “eu gostava muito de fazer o parto e o marido ta junto, gostava pra ele ver que se acontecesse alguma coisa, eu tinha feito tudo certo”, e essa última frase faz ressonância em nós, que dias passados tínhamos escutado o medo, à culpa e o compromisso que implica acompanhar a parir nos relatos de outras parteiras.

Como fizemos com todas as parteiras que visitamos foi se perguntando se tinham conhecimento de outras parteiras em sua região, a Dona Nini começou a fazer uma fiação sobre parentes de algumas parteiras mais antigas, até chegar nos nomes da Elma e a Iesca. A Enilda falou das mais antigas e diz: “essas mataram muita mulher” e a Nani – parteira jovem - perguntou: “mas elas mataram porque não tinham conhecimento?”, ao que a parteira anciã explicou: “não tinham conhecimento, em primeiro lugar, nenhuma usava luva, nenhuma tinha injeção, nada, ia assim de mão limpa, e ai acontecia”. E a Nani voltou perguntar: “e elas não

levavam pro hospital as mulheres também?”, e por fim o problema sai “não, nem tinha cesariana”, lembrou a Nini.

Enilda fica confusa do ano que acabou de atender como parteira, mas como a Dona Neca também falou, lembra muito bem do último parto que assistiu, porque foi duma mãe solteira escondida para parir que mandou chamá-la:

Lá eu fui fazer o parto escondido numa casa abandonada, e ela sempre dizendo: eu não quero isso! Eu não quero essa criança! Podem levar! Ai eu disse: ta! tu me dá ela... Era uma guria. Ai ela até disse: sim! Pode levar! Mas depois do parto eu vesti ela e ai dava banho e tudo, e arrumei ela direitinho e botei nos braços dela e a mulher falou: agora eu não dou mais!

Figura 21: As mãos dadas da diversidade



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiros do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotografo Dartanhan

Na data que fomos visitar a Dona Nini ela ainda tinha 97 anos, na porta de sua casa, depois de cumprimentar ela, sua família e cuidadoras presentes, emocionadas e felizes as três mulheres do Grupo que tínhamos feito a entrevista nos abraçamos e prometemos viabilizar o 1º Encontro de Parteira do RS na UFSM para outubro desse mesmo ano. Não dava para

esperar mais, queríamos que os diálogos de saberes e a homenagem as parteiras que vieram antes sejam feitos.

Para finais de julho tínhamos visitado cinco parteiras, e uma lista de outras por contatar, mas os fundos de financiamento começaram a se acabar e definimos que finais de agosto tentaríamos contatar uma ou duas mais. Encontramo-nos, então, depois do 20 de agosto e fomos fazer como Grupo a entrevista à Dona Maria, que segue a continuação e também voltamos na casa da outra Dona Maria, que já temos apresentado aqui, mas dessa vez fomos com o intuito de que ela fosse escutada por toda a equipe de parteiras e doulas aprendizes na tradição de Porto Alegre, esses últimos encontros mostraram a magia que procurávamos e o cotidiano dos saberes nessas anciãs que já foram muito mais que parteiras.

acompanhar ela porque queria aprender”, conta Maria. Quando jovem mudou-se para Porto Alegre e na cidade de Livramento deixou sua prática como aprendiz de parteira. Estudou na universidade Administração Pública e foi servidora pública até aposentar-se. Como bem ela



relata, de profissão foi administradora, e parteira foi pelas emergências.

Figura 23: Olhar claro

Fonte: arquivo da autora

No bairro que mora até hoje o acesso à saúde pública demorou-se a chegar, a muitas mulheres o trabalho de parto as surpreendia a sós e precisando de ajuda, foi numa dessas vezes que *María* se encontrou acompanhando uma vizinha a parir. Ela já era mãe de duas filhas, fazia muito tempo que sua avó tinha falecido e que não acompanhava partos, mas como ela diz, no mesmo momento que os saberes foram precisos voltaram a ela. Sua avó tinha ensinado que:

É muito importante o atendimento da mulher na hora que a criança vai nascer. Tem que botar num lugar seguro e quando a criança nasce tem que assegurar para não cair no chão. Ela me ensinou a medir um palmo do umbigo para cortar o cordão umbilical, daí dobra e amarra e corta com tesoura.

Lembra como sua avó sempre dizia que toda mãe tem que ensinar a suas filhas mulheres a como ajudar num parto. A *Dona Maria* acha que o ofício da partería e o de gari são dos mais importantes na sociedade, uma ajuda a nascer: “todo ser humano depende da hora que vai nascer quem ta atendendo” e o outro a manter a higiene de uma cidade.

Maria é filha de uma mulher branca espanhola-portuguesa e dum afro descendente, neto de uma escrava liberta. Conta que sua bisavó paterna, chamada *Celina*, foi libertada por uma família de alemães que a tinham como escrava para criar seus filhos. A família de alemães voltou para a Alemanha e deram para sua bisavó a carta de liberdade, também uma casa e uma conta bancária em seu nome, “pra ela não precisar depender de ninguém”, diz *Dona Maria*. Ela tem orgulho, quer lembrar que vem de escravos e pretende avaliar a força da sua bisavó, até acha que também era parteira, mas não tem certeza.

Box 1: Conversas entre *Nani* e *Maria* no dia da entrevista

Dona Maria: Ah, eu acho que parteira é uma das profissões primeira do mundo né?

Nani: É a mais linda né?

Dona Maria: Tem muita gente que não dá valor

Nani: É! Não é qualquer pessoa que tem coragem de pegar uma criança né?!

Dona Maria: Que precisa andar... É uma responsabilidade né?! E onde pega... Se pega errado, ou qualquer coisa...

Fonte: Entrevistas transcritas pela autora

Muitas perguntas se cruzam entre a parteira jovem que participa da entrevista –a *Nani*– e a parteira anciã, num desses intercâmbios começaram a falar sobre as rezas, a *Nani* diz que ela vai rezando aos partos e a *Dona Maria* assente com a cabeça e diz:

Claro, rezando! Eu me lembro que a vovó dizia pra mim assim, me ensinava, quando tiver... Se vocês forem atender alguém, uma mulher que for nascer o filho, comece a rezar antes dela nascer a criança. Tem que ta antes, tem que ta rezando ali, pedindo a Deus que ajude!

A Nani também contou para ela dos trabalhos das parteiras na tradição no Porto Alegre e dos cuidados pós-parto e a Maria retornou sobre isso suas lembranças de urgência, diz que as parteiras de campanha como sua avó e também ela eram procuradas na hora do parto, que os cuidados pré e pós ficavam para as mulheres da família das mulheres que estavam por perto. Essa última questão é um ponto em comum com as demais parteiras que iremos vendo nas narrações; será que nesses tempos, que são passado sendo presente, os saberes populares femininos eram isso: populares?

Figura 24: Com voz propria



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiras do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotógrafo Dartanhan

Outro grande ensinamento que a Dona Maria compartilhou para as entrevistadoras que visitamos ela foi a sua história sobre a cor da pele. Ela lembra que quando foi criança, junto a seus irmãos eram discriminados por “negros” na escola, numa vez que voltaram das aulas muito tristes contaram a seu pai sobre o racismo que sofriam e ele fez o seguinte: mandou a sua esposa trazer uma agulha:

Pegou o dedo da minha mãe e furou e o dele, ai saiu sangue né? Ai perguntou pra nós: que cor é isso aqui? E a minha irmã mais velha disse: ah, é vermelho! Pois é,

isso é pra vocês saberem que todos nós somos iguais! O que tem por cima, a mãe é branca e eu sou preto, mas é uma coberta que a gente tem.

Maria conta que ensina e rememora com seus filhos e netos esse ensinamento uma vez por semana, pelo menos.

Já quase terminando a entrevista chegou a Mari, a filha da Dona Maria, com quem tínhamos feito o primeiro contato no telefone, depois de nos cumprimentar procura no quarto de sua mãe umas fotos das crianças que ela atendeu no nascimento e grita desde o quarto, “mãe conta desse parto daquela mulher duns 70 anos que você ajudou a parir”. Ficamos surpresas de tamanha anedota, a Dona Maria corrige a filha e começa:

Não, era 62 anos que tinha a mulher, o parto foi normal, ela não sabia o que era? e era um bebê. Nesse caso eu me assustei por causa da idade dela! Vieram me procurar porque a mulher tava passando mal e quando chego vou me dar conta que estava de parto, o bairro tinha ficado sem eletricidade, foi um parto à luz da vela.

Sáímos da casa da Dona Maria, era de meio-dia, tínhamos fome e um sentir interno que dizia algo assim como “isto não tem que acabar, tem que continuar o resgate”. Sabíamos que o próximo passo ia ser conseguir fazer o 1º Encontro de Parteiras do RS na UFSM, conseguir os fundos necessários para que as sete mulheres que tínhamos visitado foram para Santa Maria, a Dona Maria tinha dito que sim, que se estava em condições físicas viajaria ao Encontro com sua filha, essas foram as palavras mágicas, só essa confirmação precisávamos para saber que o Encontro ia ser possível.

4.5 PONTO DE ENCONTRO

Até aqui tentamos fazer um percurso narrativo de nosso andar, com o Grupo de Resgate de Parteiras do RS, nas entrevistas com cada uma das sete mulheres parteiras que escolhemos trabalhar nesta dissertação. Conseguimos olhar sobre elas como sujeitas sociais mais que como objetos sociais. Por último, queremos apresentar em particular à Nani, quem foi a pessoa que facilitou e acompanhou em todas as entrevistas, ela é parteira na tradição em Porto Alegre e a região, e assim se auto define: “Sou parteira na tradição, sou parte da ESCTA (Escola de Saberes, Cultura e Tradição Ancestral). Um dos propósitos da nossa escola é encontrar as parteiras que ainda estão nesta terra e guardaram vivos todos saberes ancestrais da parteria”. Em suas palavras podemos evidenciar o processo que foi a constituição do Grupo

desde os inícios mais remotos, de quando parecia ser só um desejo ou compromisso por amor a um saber:

Quero deixar registrado esta busca de nossas raízes aqui no Rio Grande do Sul. Em novembro fizemos um temazcal com Thay³³ e pedi para o Grande Espírito e para Pachamama nos mostrar os caminhos às parteiras desta terra, no Rio Grande do Sul. Na mesma semana a Mari me falou da Jimena, que estava iniciando a busca das parteiras ancestrais aqui no RS. Jimena escolheu este tema para fazer na sua dissertação de mestrado numa roda do sagrado feminino conduzida pela Mari a quase um ano atrás. Eis que agora nos encontramos para reencontrar nossas ancestrais, mestras, madrinhas.

Nas descrições das parteiras anciãs em geral a Nani tem escrito: “Vimos que praticamente todas são muito simples, vivem em moradias modestas, mas bem cuidadas. São cuidadas pelos familiares”. Ela, a sua maneira, visibilizada nos relatos das parteiras, alguns dados que a fazem pensar que a parteria tradicional quase esta “extinta em nosso Estado” e vincula isso com a chegada dos médicos na cena do parto, e segue: “a instituição dos hospitais as obrigou a se “profissionalizarem” mesmo aquelas com tantos saberes herdados e as que não seguiam este método de aprendizado e profissionalizado eram discriminadas, não eram reconhecidas por seus saberes ancestrais”.

Como temos descrito nos primeiros capítulos desta dissertação, as parteiras entrevistadas por serem mulheres de entre 70 a 100 anos foram quem mais “pegaram bem a época que os saberes tradicionais eram rejeitados e substituídos pelos saberes científico”, como bem define a Nani. A parteira jovem valora os danos que a desvalorização dos saberes ancestrais trouxe, “houve um corte abrupto demais num conhecimento que foi passado por milênios de mulher para mulher e ainda centralizou no homem médico este ofício tão feminino”.

Dos encontros com as parteiras anciãs, a parteira jovem diz que:

Foi uma surpresa tudo que encontramos nas visitas. Cada uma muito diferente na sua maneira de Ser, de pensar e de agir. O que unia todas era o amor, o dom, a entrega para missão. Mesmo com Dona Morena que nos passou um sentido de obrigação neste ofício, também vimos que tinha entrega. Algumas tinham mais recursos, outras menos, isso não impedia elas irem atender onde fossem e deixar suas famílias, sem saber quando voltavam. Assim como Dona Neca e Dona Nair que pegaram poucos meninos e tinham suas mães e no caso da dona Nair, também sua irmã parteira, que se espalhavam para acompanhar os partos. Sinto que elas tinham o dom, o desejo, mas não a liberdade e a confiança de se jogar na missão.

³³ Pesquisadora social parte do Grupo.

A voz da Nani é mais uma voz, daquelas tantas, que fazem parte desta colcha diversa e colorida de retalhos que fomos e ainda estamos costurando aos fins de resgatar os saberes. Para fazer dessas vidas produzidas em ausências na história e na ciência moderna possibilidades de fazer diferente no presente, para ter alternativas no futuro. Resulta tão visível como foram se perdendo os saberes populares femininos no caso da parteria nas monoculturas ocidentais da biomedicina, a masculinização e a colonização do saber que até é obvio dizer que o risco de perder a semente crioula é alto e desesperante. Mas os argumentos que precisamos para a nova retórica, que nos pedi o Boaventura de Sousa Santos, estão nestas narrações de vida –que mostram que o fim das histórias, como das alternativas, nunca existiu– e no fazer coletivo das mulheres de hoje e de ontem se encontrando.

5 CONTRAÇÃO/CONSTRUÇÃO DO FUTURO: O RESGATE DE SABERES DE PARTEIRAS COMO PRESENCAS COLETIVAS

*“Podemos hacer un milagro
Revivir todo lo sagrado
Rescatar lo que se perdió”
(Jodorowsky, 2016)*

Figura 25: Caminhada coletiva



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiras do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotografo Dartanhan Baldez Figueiredo.

Por fim, nesse capítulo aprofundamos na segunda parte do título da dissertação, que é o resgate emergente feito em coletivo. Para chegar nisso como afirmação vamos percorrer neste apartado as teorias que dialogam com os objetivos, as experiências, vivências e práticas desta pesquisa. Vamos também nos perguntar sobre esse fato do fazer em coletivo que teve o percorrido da mesma, para chegar então a nos perguntar o porquê e o como um resgate que tem “não” definidos pode habilitar as emergências, pequenas, precárias e humildes de uns quantos Ainda-não possíveis para a construção e contração dum futuro mais nosso e menos expansivo e longe.

Contraír o futuro e substituir o vazio do futuro que propõe aquele tempo linear por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que vamos construindo no presente a partir das atividades de cuidado (2011). É interessante para nosso trabalho de pesquisa, e o movimento além dele, conectar com a ideia axiológica do cuidado, onde aquela axiologia do progresso que foi discurso e ação da ciência moderna – onde se justificou a perseguição e até desaparecimento de saberes, práticas e agentes - é substituída pela do cuidado exercida em relação às alternativas possíveis e nas alternativas disponíveis.

Nessa ética do cuidado é onde fazem irmandade para nós as preocupações das diferentes teorias que conformam essa grande epistemologia do sul, que aqui só tomamos desde as propostas de Santos, junto às do feminismo comunitário e o eco feminismo, que não são teorias totalizantes como tem sido as epistemologias do norte e que vem da luta e experiências de sobrevivência dos povos. Neste caso especialmente das mulheres que foram historicamente tiradas das possibilidades de ser, como diz Cabnal (2016): corpos territórios gerando suas próprias epistemologias.

Porém a dimensão ética também nos leva em direção no que Bloch, citado por Santos diz: “os conceitos fundamentais não são acessíveis sem uma teoria das emoções (1995, p. 306). O Não, o Nada e o Tudo iluminam emoções básicas como fome ou carência, desespero ou aniquilação, confiança ou resgate. De uma forma ou de outra, estas emoções estão presentes no inconformismo que move tanto a sociologia das ausências, como a sociologia das emergências” (SANTOS, 2002). Move-nos definir que aquela inconformidade é emocional e corporal, cuidar dos saberes, práticas e agentes disponíveis e possíveis é além duma determinação política, uma necessidade da luta pela diversidade ante tanta monocultura do patriarcado, capitalismo e colonialismo sobre os nossos corpos territórios.

Resgatar nestas experiências desperdiçadas as alternativas possíveis que estão silenciadas, marginalizadas e invisíveis no hoje, é resgatar saberes, práticas e agentes para tronar disponíveis e fazer possibilidades de outras alternativas de vida, de formas de fazer e de entendimento do presente nos corpos territórios em suas relações de interdependência – que mostra-se na tarefa das parteiras ao serviço de mulheres, já que sempre precisamos de outras.

Mas os momentos do parir ou do nascer e ser recém nascido parecem os tempos que mais dependemos dessas outros corpos - e das relações com a terra território na eco dependência. Enquanto resgatamos aqueles saberes populares femininos nas parteiras entrevistadas e em nós mesmas ao colocar eles na prática do cuidado geral. Conseguimos levar essa ampliação do presente a um acontecimento cotidiano único, que é o serviço de acompanhar no parir e nascer deixando ser no tempo e no espaço próprio, resgatando assim

também aquele corpo território que marca as temporalidades e corporeidades possíveis e diferentes de cada uma.

Em nossa intenção de aportar na contração do futuro temos compreendido que é necessário fazer ao mesmo tempo uma sociologia das ausências que trabalhe em ampliar o presente de possibilidades, trazendo nesse presente aquele passado incompleto e resgatando as experiências desperdiçadas nos saberes fazer dos corpos territórios das parteiras anciãs do RS; como então além de gerar ou visibilizar possibilidades podemos gerar as expectativas necessárias para contrair esse futuro?

Nesse plano o Grupo de Resgate de Parteiras do RS se apresenta como a expectativa duma presença coletiva trabalhando por trazer um tempo espaço outro, como um corpo que expressa os “não” e possibilita em seu trabalho de resgate os “ainda-não”, num intento de se vincular e ser parte duma rede cosmopolita mais ampla de corporeidades militando na resistência, recuperação e reprodução cotidiana da diversidade. É nesse ponto que para nós esta dissertação, que está sendo parte dum movimento mais amplo de resgate, se transforma numa emergência, ainda pequena, mas emergência ao fim. O sentido do resgate e a presença coletiva do Grupo se interpelam como expectativas para contrair e construir o futuro.

O Grupo e a caminhada que implicou a presente dissertação foi um “não” e um “ainda não” na mesma ação, não vem uma coisa seguida da outra como na norma temporal linear, no fazer destas sociologias que Santos propõe sistematicamente, como de ausências e emergências, na real se possibilitam uma à outra e se fazem ao mesmo tempo, é nas ações que movimentam as possibilidades que foram desperdiçadas que habilitamos os ainda não para a emergência dum presente mais amplo e um futuro que seja menos amplo, além de incerto e por isso mais necessário de cuidados. Estamos falando de saberes que podem se perder e que sua invisibilidade tem trazido, além de marginalização ou criminalização, corpos territórios femininos sem ferramentas de soberania sobre seus corpos para o cuidado e autocuidado, fazer morrer – ou seja produzir como ausências - os saberes populares femininos também é fazer morrer corpos territórios com autonomia para se cuidar e definir seus presentes e futuros. Porém são esses mesmos corpos territórios de mulheres que formaram o Grupo quem se movimentaram em seu resgate e é nisso onde as expectativas podem nos interpelar.

Mas vamos indo ao detalhe e objetivo deste capítulo: desde o começo ficou esclarecido que a caminhada que significou o trabalho de campo tinha sido feita em coletivo, parte dum propósito até sociopolítico que vai além da pesquisa. O Grupo de Resgate de Parteiras do RS foi fundado em dezembro de 2016 pela autora junto com mulheres jovens parteiras, doulas e aprendizes na tradição que trabalham em seu cotidiano no

acompanhamento de gestação, partos e criança e com outras mulheres com interesses pessoais e políticos na temática do resgate de saberes populares femininos.

Sua atuação nas redes sociais iniciou-se em março de 2017 na busca de parteiras anciãs vivas por meio dum formulário que em anexo pode se consultar os resultados. Depois veio o trabalho de contato com as parteiras achadas ou seus familiares, para em julho de 2017 começar as oito entrevistas feitas das quais só sete são tomadas neste momento analítico da dissertação.

O Grupo escolheu seu nome como uma forma direta e simples para convocar e gerar interesse na procura, não só de resgatar parteiras do esquecimento – no caso muitos relatos de parteiras já mortas chegaram com o formulário, onde as pessoas valorizavam o trabalho daquelas mulheres que tinham sido tão importantes em suas comunidades-, se não também o resgate de saberes populares femininos, não oficiais, nem existentes para a racionalidade ocidental, que signifiquem ferramentas para a vida privada e coletiva das membras do Grupo.

Como tem se explicado no capítulo metodológico desta dissertação, as entrevistas sempre foram feitas pela autora da mesma junto a uma ou mais parteiras na tradição, aprendizes de parteiras e doulas na tradição e outras mulheres participantes do Grupo que quiseram acompanhar, dependendo das possibilidades de deslocamento em cada caso. O Grupo também foi o principal motor da organização do 1º Encontro de Parteiras do RS feito na UFSM, dia 6 de outubro de 2017, com a colaboração de outras organizações de Santa Maria, do RS e do país, como OCA Brasil-América do Sul (Organização cultural e ambientalista); Grupo de Mulheres Dança e Movimento; Entreatores, pós-graduação em Extensão Rural, Centro de Ciências Rurais, Grupo de Agroecologia Terra Sul Grupo, Comum Unidade: Liga Interdisciplinar de Saúde da Família e Saúde Coletiva; e PRAE da UFSM, Flor da Vida de Porto Alegre e Cais do Parto e ESCTA de Olinda, Pernambuco, além de vários empreendimentos da economia solidária de Santa Maria.

Na instância de análise dos resultados do nosso trabalho de campo, que nunca teve como objetivo ser uma Investigação Ação Participante, ou cumprimentar com sugestões desse tipo de pesquisa e só tenta ser um tipo de narrativa, foi gerada uma metodologia de sistematização de experiência informal, onde se convidou às mulheres do Grupo por meio dum formulário online para fazer um relato com suas palavras sobre suas próprias vivências

peçoais ao respeito dos saberes que foram identificados, os sentires e percepções de ter começado o resgate fazendo parte das entrevistas³⁴ e do evento.

Como expressam as autoras do feminismo comunitário, nos interessou nessa instância dar importância “de tejer pensamientos con otras mujeres, (...) porque creo que nos conviene a todas, propiciar espacios y encuentros para reflexionarnos, para atrevernos a hacer desmontajes y para construir en colectividad transgresiones y propuestas para una nueva vida” (AC SUR-LAS SEGOVIAS, 2010, p. 25), as presentes palavras chegam das mãos daquele feminismo que, sem sequer saber, estivemos praticando no trabalho de campo até a análise dos resultados com intuito de facilitar espaços de encontro entre as gerações e construir tempos de escuta ativa, reflexividade coletiva e desfrute, ao redor do trabalho de resgate e cuidado sobre um ofício que é a parteria e duns saberes que sustentam a prática dele.

Então, o que significou iniciar o resgate para o Grupo?:

Acredito ser muito importante este resgate para nos **conectarmos com nossas raízes** e recebermos as bênçãos das que vieram antes de nós. Foi incrível, participar do **reconhecimento** e da **valorização** de mulheres sagradas e tão **esquecidas** em nossa terra, mulheres que trouxeram ao mundo a nossa gente, fazendo o bem, dando auxílio onde não se tinha, cuidando das mulheres, das famílias, muitas vezes sem receber e nem esperar nada em troca”, diz a Nani, parteira na tradição, jovem, que esteve presente em todas as visitas feitas as seis parteiras.

“Muito importante continuar, porque são **saberes que irão se perder, caso as novas gerações não se apropriem deles. São saberes valiosos que estão inseridos numa ética do cuidado**, se distanciam muito do **imediatismo** que vivemos”, valora a Ana Luzia, Doula na tradição que foi parte da organização do evento e ajudou nos contatos das parteiras entrevistadas.

“Particpei do I Encontro de parteiras em Santa Maria. **Minha avó materna foi parteira** em Alegrete/RS. Participar desse resgate me possibilita **visitar a história de minha avó, reconhecer os saberes ancestrais, dar valor à tradição, conhecer de perto a história de tantas mulheres**. Acho super importante continuar com o resgate. Para conhecermos mais sobre **histórias que não são contadas**”, afirma a Carol, também Doula na tradição.

“Como pesquisadora eu acredito que é necessário agregar demais trabalhos já desenvolvidos com a temática na região, de alguma forma **fortalecer os espaços de diálogo acadêmico e popular, para que exista uma fusão entre reconhecimento e conservação da memória**. A experiência no Encontro de parteiras foi transcendente, e foi um lugar e um momento de respiro, pois me sentia muito sozinha na minha tese doutoral sobre a temática. Acho muito importante que a **sistematização do resgate também ocorra por parteiras e pesquisadoras**, porque o mundo acadêmico é o lugar da universalização, e uma interpretação negativa existente sobre ela é coerente e necessária, mas que a universidade e pesquisa acadêmica não existe sem o mundo da vida. Me senti muito acolhida pela rede, por ti, pela proposta e pela tua visão agregadora, o que me faz **compreender que este tema só é possível sem hierarquias de saberes**. É para quem está desperta, e quem ainda não esta. Sou da proposta de dar continuidade ao tema, **escrever, filmar, vivenciar o mundo das parteiras, e assim parir um novo mundo**”, conta a Thay, pesquisadora social comprometida com o Grupo e o diálogo entre os saberes científicos oficiais e os populares.

“Sim, **a rede foi fundamental** para a criação de tudo que aconteceu. Jamais esperava **receber este grande presente** e de forma tão bela. Foi algo mágico! Sou grata pelo brilhantismo de aglutinar tanta gente para algo tão importante que **precisa ser visto e reconectado com nossa sociedade atual, sem memória, desconectada da sua ancestralidade**. Mobilizar um grande

³⁴ Alguns dos resultados desta sistematização foram incluídos no capítulo anterior como recuadros de diários de campo ou relatos.

número de pessoas para pensar, refletir, fazendo parte deste **movimento de resgate da nossa ancestralidade**. Vou ser eternamente grata volta a falar a Nani.

Figura 26: Presenças coletivas nas estradas de chão



Fonte: arquivo da autora.

As palavras ressaltadas nas citadas parteiras e doulas na tradição e a pesquisadora do Grupo deixam a ver o como e o para que deste resgate, eu tomo o atrevimento de reescrever uma narração conjunta dos sentires ditos nas sistematizações individuais do resgate que seria assim:

Box 2: Conversas imaginadas

“Elas nos recebiam ou seus familiares. Receberam-nos muito bem, mesmo. Tentando entender o que exatamente estávamos fazendo ali. Acho que foi uma novidade para elas e suas famílias receberem visitas, passarem por entrevista pelo interesse no ofício da parteira que foi tão esquecido. Talvez isso parecesse para elas e seus familiares estranho algo incomum”, diz a Nani.

Um encontro narrado

Em julho de 2017 saímos de a pé, de carro ou de ônibus, de corpo inteiro iniciamos uma viagem que não conheceu de temporalidades lineais, fomos passando uma e outra vez no mesmo dia pelo passado, o presente e o futuro, vimos como esse passado incompleto se fazia presente contínuo nas narrações das parteiras e do Grupo, olhamos no presente da parteria, os partos, o nascimento e a soberania do corpo feminino atual, sentimos desespero, mas as

experiências sociais vigentes dialogando de igual a igual com as parteiras que pareciam ser de ontem mas são de hoje nos voltaram na calma, num futuro de possibilidades e expectativas e num presente em absoluta diversidade.

Lá sentadas nas salas das casas das parteiras anciãs vivas do RS nos encontramos com elas e também com nossas próprias histórias e memórias, as narrações de vida que nos fazem ser quem somos. Encontramos-nos juntas com nossas avós, que também foram parteiras, curandeiras, benzedoras, donas de casa, imigrantes, lutadoras, mães e trabalhadoras.

Conseguimos ver no olhar daquelas mulheres, que nos estavam recebendo de portas abertas esse presente se dilatando em cada entrevista graças a ter a clareza e o desafio de reconhecer e revalorizar mutuamente, sem julgamentos, os saberes populares femininos. **“Me senti abençoada e reconhecida por elas também. Prestar homenagem para elas foi como reconhecer e celebrar toda linhagem ancestral das parteiras desta terra”**, diz a Nani ao respeito do encontro. Não foi tarefa fácil, mas nos vimos tão **esquecidas** em nossa terra, que quem pode dizer que elas não somos ou fuimos também nós nessa diversidade, que além de nos diferenciar ou nos questionar também nos aproximava para nos resgatar.

Nessa viagem sem tempo preciso também podem se dar conversas que não foram ao vivo mas que aqui, nesta nova e própria narração sistematizadora, os colocamos em diálogo imaginário para mostrar a trama de falas e sentidos que na distância mostra o que significou o resgate feito no trabalho de campo coletivo.

Muitas mulheres jovens se encontraram na casa imaginária do Grupo e sentindo a liberdade que da estar lutando pela emancipação social se expressam; nisso a Carol diz a viva voz **“eu quero saber das histórias que não são contadas”**, no que a Ana Luzia responde **“são saberes que irão se perder, caso as novas gerações não se apropriem deles”**, nesse encontro e diálogo que só existiu em minha imaginação de pesquisadora narrativa a Carol e a Ana Luzia ficaram em total acordo ao tempo que outras iam dando suas opiniões. A continuação chegou a Thay que tentou organizar as ideias e deu sua proposta para o resgate: **“temos que fortalecer os espaços de diálogo acadêmico e popular, para que exista uma fusão entre reconhecimento e conservação da memória. É importante que a sistematização do resgate também ocorra por parteiras e pesquisadoras, para compreender que este tema só é possível sem hierarquias de saberes”**, na hora que a Thay somou sua apreciação as demais mulheres tiveram algumas dúvidas, não tinham certeza que a academia seja merecedora de tanto saber, fazia anos que vinha deixando esses saberes e aquelas mulheres do lado do não existente. Elas não falaram do não existente nem do abismo, disseram palavras como **“saberes ancestrais, dar valor à tradição, conhecer de perto a**

história de tantas mulheres” ou **“é o presente que precisa ser visto e reconectado com nossa sociedade atual, que é sem memória, desconectada da sua ancestralidade”** ou **“se distanciam muito do imediatismo que vivemos”**, e então a pergunta volta aparecer: é necessário o diálogo? Disso ainda não temos certezas e vamos a deixar-o para as conclusões, mas sim que o resgate já começou: inicial, precário, em construção, possível, e o fundamental foi **a rede** para a criação de tudo que aconteceu, como diz a Nani.

Desejamos possibilidades de futuro, onde as alternativas existentes na inesgotável diversidade de experiências sociais não se fechem ante as únicas alternativas possíveis que apresenta a racionalidade ocidental e a biomedicina sobre o corpo das mulheres e sua soberania. Onde aqueles saberes e práticas populares femininos que nos apresentaram as parteiras entrevistadas sejam interpretados na prática duma **ética do cuidado**, como propõe Ana Luzia. Porque quisemos e queremos **escrever, filmar, vivenciar o mundo das parteiras, e assim parir um novo mundo**, como diz a Thay.



Figura 27: Reflexos das ervas nativas

Fonte: arquivo da autora

Nossa narração que reescreve os pareceres das mulheres do Grupo por aqui termina, adiante nos resta continuar a análise dos resultados. Porém, como o trabalho coletivo foi, em grande parte, o protagonista desta pesquisa vamos seguir falando dele, já que a estrutura segue a primeira parte do presente capítulo. **Perguntamos-nos se, no fazer o resgate, o Grupo tem se constituído como uma presença coletiva que pode abrir emergências para uma contração do futuro.** Já estivemos dando resposta a isso, no seguinte só vamos acrescentar as razões.

Para continuar temos que lembrar que “Presenças coletivas” é um conceito cunhado pelo professor Boaventura de Sousa Santos (2013) num simpósio sobre as Epistemologias do Sul na Universidade Autônoma da Cidade de Mexico. O conceito faz referência a aqueles grupos sociais que não chegam a se constituir, no que ele define, como movimentos sociais e que para o pensamento moderno estariam por fora das instituições clássicas que geram

sujeitos políticos, mas que para o autor são sujeitos politizados dumas outras formas e unidos em rede para lutar por diferentes fins.

Por isso escolhemos esse conceito, ainda estando vagamente definido, para nos perguntar pelo Grupo de Resgate de Parteiros do RS que teve um atuar coletivo, autogerido e auto-definido nas definições tomadas e nas atividades feitas ao longo do resgate que forma parte desta pesquisa, conseguindo assim, movimentar energias que vão fazendo irmandade com muitas outras lutas que nas zonas ou fronteiras de contato³⁵ (SANTOS, 2002) se encontram no trabalho pelo respeito, reivindicação, resgate, resguardo, recuperação e cuidado dos saberes da terra, das mulheres, dos povos indígenas e da vida em geral. Por último fica visível nas alianças feitas com as organizações parceiras do 1º Encontro de Parteiros do RS na UFSM, onde, sem muita planificação prévia, se contou com mais de cinco organizações ou entidades apoiadoras que além de colocar seu nome facilitaram recursos, serviços e trabalho de gestão previa e durante o encontro.

O resgate das parteiras e seus saberes não emergem conosco, procedem de muitas caminhadas anteriores de mulheres e homens trabalhando nesse fim. Ao modo do Rizoma³⁶ deleuziano, a colcha de retalhos vem se expondo, deixando visível os entramados que fazem parte dela. Como nas raízes por debaixo da terra que constituim a história de lutas e resistências cotidianas dos povos e das mulheres, em particular no nosso resgate tem crescido um galhinho pequeno que saiu ao sol na mesma caminhada de resgate feito em coletivo, mas é nessas raízes, em rizoma, que achamos as origens desse resgate.

Assim é que podemos ver no trabalho da fundadora do ESCTA, a parteira tradicional Suely Carvalho junto a outras mulheres e organizações parceiras nos anos 90 quando iniciava um percorrido pelo país para resgatar do esquecimento, dar visibilidade e organizar as parteiras tradicionais para que não se perca o ofício e para o reconhecimento até legal de seu serviço. Esse é um galho de onde ns também procedemos, os traços que sustentam e marcam esse andar em nossos próprios corpos territórios inconformistas que vão no aprofundamento do resgate nesta terra gaúcha do RS.

Outro exemplo que leva como liderança a mesma parteira Suely é o trabalho da Rede Nacional de Parteiros Tradicionais, que foi criada em 1996, no âmbito da ONG CAIS do

³⁵ “Zonas de contacto são campos sociais onde diferentes mundos-da-vida normativos, práticas e conhecimentos se encontram, chocam e interagem” (SANTOS, 2002: 268).

³⁶ “O rizoma é um modelo de resistência ético-estético-político, trata-se de linhas e não de formas. Por isso o rizoma pode fugir, se esconder, confundir, sabotar, cortar caminho. Não que existam caminhos certos, talvez o correto seja o mais intensivo (e não o caminho do meio). As linhas de fuga são aquelas que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções. Não é uma forma fechada, não há ligação definitiva. São linhas de intensidade, apenas linhas de intensidade” (<https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>).

Parto, durante o I Encontro de Parteiros Tradicionais, em Nova Jerusalém/PE. A Rede “reúne parteiras em torno das seguintes diretrizes: facilitar a troca de experiências, interligar as parteiras tradicionais, estimular o processo educativo e a organização de classe em associações para lutar pelo reconhecimento e regulamentação do ofício” (<http://caisdoparto.blogspot.com/>).

Poderíamos continuar exemplificando com aqueles trabalhos de resgate de saberes populares que tem sido realizado por grupos de pesquisadores, ONG`S, ecologistas, movimentos sociais como o MST, entre outros, mas aqui só queremos deixar expressado que nosso resgate tem história. Procedendo dum compromisso de parteiras jovens feito ante suas mestras parteiras anciãs e porque é um compromisso com o corpo feminino, com a vida e a morte em respeito, amor e conexão com a Pachamama.

Resta agregar aqui uma valoração bem pessoal em relação ou 1º Encontro de Parteiros do RS na UFSM em outubro de 2017, acreditamos que foi possível esse evento dentro da universidade pelo rizoma presente na UFSM, à costura cotidiana e também invisível de grupos como o de dança circular dirigido pela professora Deysi como espaço de encontro para funcionários da instituição, ou os Grupos de Sagrado Feminino, ou a abertura de enfermeiras do HUSM a trabalhar em partos humanizados ou o grupo de mulheres autoconvocadas contra a violência obstétrica que existe em Santa Maria, todas essas lutas são parte do rizoma do que vimos.

Aquele rizoma de resgate, lutas, saberes, práticas e agentes, nos procede e também nos transcenderá como traços em nosso primeiro território, o corpo, que não só revivemos ao trazer ao presente as experiências desperdiçadas, que podem ser contadas nas narrações orais ou no intercâmbio entre gerações, mas também acessamos a elas em experiências sutis e quase inexplicáveis aqui, como são os sonhos, o trabalho com a dimensão espiritual ou aquelas mulheres contando como, sem saber, acabaram sendo parteiras ontem e hoje. Com todas as dificuldades que tem tido e tem ainda para elas esse ofício em contexto com a ciência moderna, da biomedicina como saber oficial, e do patriarcado e da mercantilização sobre os corpos territórios e seus atos mais íntimos, como o parir ou o nascer e os saberes ao seu redor.



Figura 28: A paisagem da caminhada

Fonte: arquivo da autora

Essas presenças coletivas que são os galinhos do rizoma, e que também foi e é o Grupo, estão se tornando sujeitos políticos e mudando desde o local suas realidades. Presenças que não nascem de instituições tradicionais mas que se aliam ou lutam abertamente contra elas, presenças que entendem que para seguir costurando a colcha de retalhos da vida a diversidade de tecidos tem que ser exposta e nomeada, além de problematizada e questionada em nossos próprios corpos territórios. Como nos diz o feminismo comunitário, estamos sendo

protagonistas da criação de presenças entendidas éstas como modelos de organización colectivos que se dan a todos los niveles, desde lo más local y rural, a lo más global y urbano. Comunidades pensadas y conformadas en colectivo, que hacen frente y dan respuesta a la sociedad individualista occidental (DORRONSORO, 2013)

Sendo presença coletiva, sendo corpos territórios femininos no resgate, foi que caminhamos e seguimos andando, mas ainda nos perguntamos, a segunda metade da questão com a qual iniciávamos: Se o Grupo em seu fazer se tornou uma presença coletiva, pode, então, ser expectativa vinculada a possibilidades e abrir assim emergências para uma contração do futuro?

Para isso nos perguntamos o que acontece com esses não e ainda não. O Não, que Santos trabalha resgatando na filosofia de Boch, é a falta de algo e a expressão da vontade de superar essa falta: o Grupo de Resgate de Parteiras do RS identifica a falta nas ausências produzidas de saberes, práticas e relatos de parteiras não profissionais que tinham formas de trabalhar bem distintas da biomedicina de hoje, aquela que deixa o Brasil entre os países com maior porcentagem de cesarianas desnecessárias no mundo.

Além de dizer “não” e chega à ausência dos saberes populares femininos nos ensinamentos de qualquer curso, um grande não à ciência que nasce das universidades que continua fazendo as epistemologias do norte sem resgatar as possíveis formas de fazer ciência que nascem do sul. E dizer também “não” a que aquelas ausências produzidas continuem intervindo nos corpos territórios femininos deixando-os sem soberania, para medicalizarlos, masculinizando seus ciclos e processos naturais, e mais um “não” ao desperdiço e criminalização de outras práticas e saberes; e um grande “não” a que um ofício tão velho e importante para a vida fique nesse passado que a história universal deixa incompleto, entre outros “não”.

“É por isso que o Não se distingue do Nada (1995, p. 306)” (Idem, 2002), quando dizemos não para alguma coisa estamos dizendo sim a algo diferente, que na caminhada deste Grupo foi se descobrindo no andar. Talvez fomos ao encontro das parteiras anciãs do RS com ideias e preconceitos que só respondiam a nossas próprias necessidades ou olhares da realidade imediata e que no intercâmbio se esclareceram, somaram e entenderam como complementares para construir novos “sim possíveis” num presente ampliado, onde as formas de fazer daquelas parteiras estão presentes e precisam se cuidar. Não é a mesma coisa construir o futuro, desde um presente amplo em possibilidades de formar de ser, fazer e cuidar que num presente imediato onde os conceitos chaves sejam o Tudo e Nada, lugares onde

caímos continuamente, nos quais tudo parece estar contido como latência, mas onde nada novo pode surgir (SANTOS, 2002).

Como se explica a sociologia das emergências propõe-se a atuar tanto sobre as possibilidades (potencialidade) como sobre as capacidades (potência), achamos nesse sentido que o trabalho do Grupo representa as possibilidades (potencialidade) nos saberes populares femininos disponíveis nas parteiras anciãs e as capacidades (potência) no trabalho coletivo de resgate desses saberes. Mas fica a parte mais complexa de definir: podem se nomear os “ainda-não” desta caminhada? Considerando que o Ainda-Não tem sentido (enquanto possibilidade), mas não tem direção, já que tanto pode terminar em esperança como em desastre (SANTOS, 2002), é um final aberto.

Se a possibilidade é o movimento do mundo e os momentos dessa possibilidade são a carência (manifestação de algo que falta), a tendência (processo e sentido), e a latência (o que está na frente desse processo), tivemos em nosso caso a carência no sentir inicial dos “não” detalhados, pode se ver como uma tendência o trabalho desta presença coletiva na qual se tornou o Grupo em rede com outras lutas, e a latência neste caso é o saber oficial e as suas determinações que continuam sendo hegemônicas.

Mas fica claro que nesse sentido não conseguimos aprofundar, não vamos fazer uma ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes para identificar neles as tendências de futuro (o Ainda-Não), - sobre as quais é possível atuar para maximizar e conhecer as condições de possibilidade da esperança e trabalhar sobre os princípios de ação que promovam a realização dessas condições em vínculo real com a probabilidade da frustração- (SANTOS, 2002).

No entanto, não tira de nós a possibilidade de dizer, trazer e evidenciar que nas narrações de vida das parteiras e no trabalho coletivo o presente pode se dilatar. Muitas dessas possibilidades podem nos servir como alternativas e recorte de diversidade das mesmas parteiras, já significando uma grade semeada de “ainda-não” nascidos, habilitados e sustentados no fazer desta pesquisa, além do fato de ter sido feita em coletivo, mas é claro que não temos certezas, nesse sentido esses “ainda-não” podem terminar tanto em esperança como em desastre:

- São as parteiras respeitadas e valorizadas pela ciência moderna na diversidade de seus saberes e práticas? **Ainda não**, mas eles começaram a estar presentes – ainda de maneira precária - não só nesta pesquisa se não num grande número de teses e dissertações lidas em todo o Brasil e até mais, para lá das fronteiras geográficas do país, além de estar presentes, nos encontros com o intuito de diálogo entre saberes populares e científicos nascidos desde as

universidades ou o Estado, nas lutas do movimento feminista e na infinidade de grupalidades que trabalham pelo sagrado feminino, o parto respeitado e os saberes tradicionais, entre outros.

- Podem as parteiras trabalhar sem ser criminalizadas? Podem as parteiras anciãs e as jovens não serem colocadas em comparação com a biomedicina, sem ter que dar razões em porcentagens sobre a efetividade do seu trabalho como uma opção outra de formas de cuidado? **Ainda-não**, mas elas trabalharam e continuam fazendo-o, está acontecendo e já aconteceu. Está se revivendo no cotidiano de muitos povos os saberes fazer das parteiras, ante o inconformismo ao que chegam pelo evidente cansaço de serem corpos território sem soberania sobre seu primeiro território, igualmente como é com a terra, o território que se precisa para fazer a vida dos corpos (CABNAL, 2016).

Pode passar muito tempo até que as parteiras deixem de sentir o atravessamento da produção de ausências em seus próprios corpos, expressado no medo ou na negação no valor de seu ofício, mas os “ainda-não” continua abrindo portas, fazendo pontes, que, claro, podem terminar com a esperança de viver melhor ou no desastre da criminalização extrema. Dependemos de incertezas, mas podemos trabalhar sobre os princípios de ação que promovam a realização dessas condições em vínculo real com a probabilidade da frustração, como explica Santos (2002). Nisso radica o sentido e a necessidade de que esses “ainda-não” sejam sustentados no cotidiano, e como expressam as feministas comunitárias, na prática real daqueles saberes resgatados em nosso próprio bem-estar, já que não podemos sustenta-los se não acreditamos que eles são possíveis.

Ou seja, sustentamos e acrescentamos esse “ainda-não” se acreditamos que os saberes das parteiras anciãs podem se reatualizar e dialogar com as formas de fazer de parteiras jovens na tradição em seu atuar no acompanhamento de partos, ou na responsabilidade que como pesquisadoras temos de mostrar, descrever e até traduzir esses saberes que não podem ser considerados em igualdade porque são diferentes e é isso o interessante, pode facilitar o diálogo e construir os pontes no respeito da diversidade. Enquanto nos traz inclusive mais possibilidades de solucionar os problemas do mundo, com a consciência que não temos teorias estáticas, fechadas nem gerais se não que podemos trabalhar para que no encontro das experiências desperdiçadas desde uma epistemologia do sul se construam presentes amplos e futuros mais nossos, sem ser tão amplamente indefinidos.



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiras do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotógrafo Dartanhan Baldez Figueiredo.

O Grupo, sendo presença coletiva foi quem habilitou o resgate das narrações ausentes e as experiências desperdiçadas para ampliar o presente, além de fazer isso no mesmo percorrido de cada entrevista e cada estrada visitada, possibilita esse presente revivendo sua importância e prática do cotidiano no hoje e em nós mesmas, não por casualidade as membras do Grupo são mulheres preocupadas e ocupadas em suas vidas de integrar esses saberes fazer populares femininos no dia a dia, como uma forma de militância.

Desse cotidiano nascem os “não” que sustentaram a caminhada coletiva e direcionaram o trabalho por fazer presente nas ausências e gestar as possibilidades vigentes num hoje ampliado. Sendo que foi nessa mesma caminhada coletiva que se gestaram algumas humildes e precárias mas prometedoras expectativas para os “ainda-não”, que já explicamos. Aqueles que conseguem, desde o olhar da sociologia das emergências, ser ferramentas para contrair o futuro e construir ele desde uma ética do profundo cuidado e autocuidado do corpo território e da terra território. Além disso, aqueles “ainda-não” definidos vão se transformar em habilitadores de transição até a emancipação social se são sustentados na luta em vinculação de outras lutas, por último só depende de nós.

Tivemos “não” porque tínhamos “sim” a outras coisas, nesse movimento conseguimos fazer um arqueologia que resgata e escava na bagunça cultural produzida pelo cânon da modernidade ocidental as tradições e alternativas que foram expulsas; e escava no colonialismo e no neocolonialismo, para descobrir nos escombros das relações dominantes

entre a cultura ocidental e as outras culturas, outras relações possíveis mais recíprocas e igualitárias, aquelas ruínas emergentes, ruínas sementes (SANTOS, 2018) deixadas de lado.

Com o interesse colocado nessas ruínas foi que os “ainda-não” começaram a se gestar, como diz Santos: é nessas ruínas que podemos achar as sementes, aqueles fragmentos epistemológicos, culturais, sociais e políticos que nos ajudem a reinventar a emancipação social (SANTOS, 2002). Que mais “ruínas emergentes” que o legado das parteiras sendo escutadas no trabalho coletivo dum Grupo autogerido? Que além de ser uma boa intenção social é um ato de resgatar o valor das conversas, o valor do diálogo e lá mesmo o valor daqueles saberes que também era passados na fala. Para Santos são ruínas sementes as estratégias que os povos tem se dado desde a oralidade para a preservação, construção e cuidado de saberes, práticas e agentes que hoje vindo a ampliar o presente podem nos brindar surpreendentes e desconhecidas formas de fazer, alternativas ao saber oficial e os modos hegemônicos.

É por isso mesmo que esta dissertação tenta ser uma pesquisa narrativa, é lá onde se expressa a necessidade que tem a ciência e a vida atual, para nós, de escutar relatos, disfrutar de contos e retornar aos sentidos, todos sem ficar condicionadas aos limites dogmáticos duma ciência que só faz pelo escrito. Claramente esta pesquisa é muito mais que as palavras ditas aqui e, mais ainda do que pode se expressar com palavras ao vivo, porque foi o corpo de cada um que ativou as memórias de cada quem no intercâmbio das visitas e das conversas.



Fonte: Fotografia cedida gentilmente pela Fer, neta da Dona Nair.

Para finalizar o capítulo, podemos integrar as palavras das jovens parteiras na tradição e compartilhar as ideias de repovoar de parteiras, feitas no ofício da experiência e da aprendizagem, desde a oralidade com parteiras mais experientes neste Estado do RS, que nos falava Nani nas primeiras conversas sobre seu carro indo nas casas das parteiras, ou a Mari falando, lá por finais do 2016, de como os saberes das parteiras devem ser cuidados, da mesma forma que militamos e trabalhamos pelo resgate e reprodução de sementes crioulas, nos propondo sermos guardiãs dessas ruínas sementes, que são os saberes vivos nas parteiras anciãs. Pensa que as parteiras são sementes, ruínas que abonam nossa terra, vai perder sua tradição? sua experiência?, suas vivências nos corpos territórios de milhares de mulheres desta terra? “Não”. Podemos dizer que já temos conseguido uma ecologia de saberes para um outro mundo possível? “Ainda não”, mas estamos na caminhada.

Para resumir, o Grupo se tornou num coletivo que com sua presença e seu atuar direcionado ao ofício das parteiras e as narrações de vida mostra um trabalho desde o corpo território que é o feminino e é a terra, para conquistar no fazer coletivo e comunitário um espaço próprio: aquele do encontro e também dos acontecimentos que são o parir ou o nascer, recuperar o tempo nosso: a temporalidades dos corpos reais, produzir um Movimento: o Grupo em si, e restituir a Memória de conhecimentos de nossos corpos de mulheres para reproduzi-los e compartilhá-los no cotidiano (PAREDES, 2010b, p. 205 - 206). “Implica la recuperación consciente de nuestro primer territorio cuerpo, como un acto político

emancipatorio y en coherencia feminista con “lo personal es político”, “lo que no se nombra no existe” (AC SUR-Las Segovias, 2010: 22).

Nisso, as parteiras anciãs que conhecemos em cada encontro foram quem nos revelaram aquilo de por o corpo num território, elas ainda estando atravessadas pela biomedicina ocidental moderna com sua racionalidade monoculturizante, mantiveram viva a chama dum outro tempo e espaço para o parto onde não tem hora certa nem para nascer nem para parir, também não tem hora certa para voltar para casa, o ofício daquelas parteiras tem nos mostrado mulheres com um tempo e espaço próprio e coletivo, onde a Pachamama com suas ervas acompanha e as massagens com o corpo aliviam. O Grupo acredita nisso desde uma prática também coletiva e cotidiana que sustente os “ainda-não” semeados.

Então, resgatamos para criar um espaço tempo de reconhecimento, visibilização e valorização da inesgotável experiência social que vivemos, aquela que a produção de ausências nos tem negado, para olhar nas alternativas possíveis que ampliam nosso presente e nos convocam a contrair/construir um futuro na ética do cuidado. Os saberes populares femininos tem sido perseguidos e criminalizados, tem sido deixados do mesmo lado que o atrasado, o ignorante, o inferior, o particular e principalmente o improdutivo, por isso vamos pelas propostas da Ecologia dos Saberes (Santos, 2010) no capítulo a continuação, como uma forma de tentar uma tradução necessária e possível dos saberes achados nas narrações de vida das parteiras entrevistadas e no encontro de gerações que significou o percorrido feito.

Figura 31: Escuta com os braços e sorris



Fonte: Fotografia cedida gentilmente pela Nani.

6 OS SABERES POPULARES FEMININOS: APROXIMAÇÕES A UMA ECOLOGIA E TRADUÇÃO NECESSÁRIAS.

*“Toda pureza morreu
Quando foi que você cresceu?
Por um tempo eu te perdi
Ou foi você que se escondeu?”
(Tuyo, 2018)*

Figura 32: O abraço esperado



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiras do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotógrafo Dartanhan Baldez Figueiredo.

No presente capítulo continuamos tentando abrir espaços analíticos, nos perguntamos como se produzem as ausências dos saberes populares femininos que por via do silenciamento, da supressão ou da marginalização deixaram de fora as formas do fazer na vida das parteiras anciãs que fomos resgatar em coletivo. Vamos ver como essas ausências que hoje se transformam em presenças nas narrações de vida do capítulo anterior são saberes que

podem ser visíveis, tangíveis, fatos, numa ecologia de saberes que seja corpórea, porque olha, sente, toca e escute na diversidade do dito, do feito e do percorrido, pelo menos até aqui. Além disso, é corpórea porque as produções de ausências atravessam os corpos de quem ausenta, os deixa negados de sua própria história e também, por isso, nós propomos uma ecologia desde a sociologia das ausências e um primeiro intento de tradução com base em conceitos construídos no andar desta pesquisa.

Vamos trazer a colcha de retalhos e vamos observar cada tecido, vamos colocar nome nesses tecidos/saberes fazer diversos: **“Saberes do corpo”** para aqueles saberes, conhecimentos e práticas que podemos identificar nos relatos das parteiras com vinculação direta com o corpo, seus cuidados com outros corpos e o autocuidado da saúde sexual, as formas de acompanhar seus processos, as posturas, as massagens, o sentido da dor física ou emocional e as práticas biomédicas sobre esse corpo, sejam eles expressos no uso de injeções, costuras ou qualquer outro tipo de expressão que denote as formas diversas de falar do corpo e suas partes. Além do relacionamento dos corpos territórios na interdependência, neste caso entre parteira e mulher acompanhada ou criança nascida ou por nascer.

Por outro, estarão os **“Saberes da pachamama”** para agrupar por um lado os saberes sobre ervas, alimentos, luas, os saberes que facilitam lidar com os quatro elementos (fogo, ar, terra, água), como aqueles conhecimentos ou práticas que tem mais a ver com a dimensão espiritual, a fé, a confiança na natureza e todos os acionares que mostrem a eco dependência dos corpos com a pachamama ou à distância com aquela.

Figura 33: Juntas e felizes



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiras do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotógrafo Dartanhan Baldez Figueiredo.

Vamos ir desconstruindo as falas das parteiras e construir uma ecologia de saberes possíveis, que sirva para transformar sujeitos ausentes em presentes e impossíveis em possíveis (Santos, 2002), além de aportar uma credibilização e legitimação ampla que seja em contraposição da credibilidade e legitimidade exclusivista dos saberes hegemônicos e os olhares da ciência moderna.

Neste capítulo, com a colcha de retalhos nas mãos, estamos trabalhando com as ruínas emergentes ou sementes, como gosta dizer o professor Santo (2018), já que procuramos no resgate e na recuperação dos saberes populares femininos colocar a atenção nos saberes das parteiras sobre o corpo e a natureza, na transmissão por tradição oral e prática direta, no cuidado com a vizinhança, na reciprocidade com seu trabalho e na interação feita com outra geração de parteiras, que nos apresentam outras formas de gestão da natureza, do corpo, da sociedade, de alguma maneira mais sustentável e conectada àquela ética do cuidado necessária.

Resulta necessário, neste apartado, explicar o porquê de trabalhar sobre o conceito geral de Saberes Populares Femininos, ainda sendo uma eleição pessoal da autora da dissertação e não um conceito ou categoria desenvolvida por algum outro autor ou autora de renome. Quando começamos a viagem desta pesquisa em seu trabalho de campo e posterior análise, nós encontramos que muitas das mulheres que fazem parte do Grupo falavam de saberes ancestrais, saberes tradicionais ou saberes femininos somente. Depois de ter entrevistado as oito parteiras conseguimos sentipensar que, uma forma de realismo amplo, seria trabalhar com os saberes populares femininos, denotando com isso que os saberes são populares enquanto vem dos conhecimentos artesanais³⁷ gestados nas lutas cotidianas dos povos, neste caso, dum saber-fazer que nasce nas mãos das mulheres para socorrer e acompanhar as outras mulheres ou a elas mesmas, ajudar na gestação, o parto, nascimento e no pós-parto como acontecimentos e passagens na vida de milhares de mulheres. Os mesmos saberes que são negados e invisibilizados pelos princípios da razão abismal que sustenta o patriarcado, o capitalismo e o colonialismo.

Como diz Santos (2018): “imagina se nas escolas nos ensinariam que somos pachamama, que somos natureza, seria um risco para aquela razão abissal” e é por isso mesmo que os saberes populares femininos estão em risco de extinção. Necessitamos visibilizar para “restituir una Memoria de conocimiento sobre nuestros cuerpos de mujeres”

³⁷ Como conhecimentos artesanais o professor Santos define aos saberes nascidos nas lutas (Encuentro Sentipensante, 2018)

(PAREDES, 2010b, p. 205 - 206). Nesse corpo-território que aparece e reaparece nesses saberes adquiridos na acumulação do fazer e nas histórias das mulheres passadas na oralidade.

Numa entrevista³⁸ que faziam para a eco feminista Vandana Shiva na Vanguardia.com sobre suas propostas de feminismo mais ecologismo ela vinculava a exploração masculina, acumulativa e destrutiva contra as mulheres, crianças, marginalizados e sementes no mesmo plano da razão ocidental, patriarcal, colonialista e capitalista e agregava que as sementes “han sido seleccionadas por las mujeres generación tras generación, durante miles de años. Las mujeres son las parteras de la agricultura. Y ahora resulta que nos piratean las semillas”.

Como nos dizia em dezembro de 2016, quando esta pesquisa estava recém dando seus primeiros passos, a jovem parteira na tradição de Caçapava, a Mari, as parteiras são as sementes crioulas que não queremos, nem podemos deixar que se perca, porque merecemos ter alternativas para parir e para nascer, como merecemos de sementes sem agrotóxicos para viver, terra e corpo é a mesma coisa então é por isso mesmo que em nossa divisão saberes da pachamama e saberes do corpo tudo começara a se entrecruzar, mais cedo que tarde.

Guia nossa caminhada o intuito de resgatar das ruínas sementes a diversidade de saberes, que já estavam presentes naquela “sociedad ginocéntrica” (CIELO; VEGA, 2015) anterior ao capitalismo, para mostrar que as histórias não tinham finalizado, que o neoliberalismo não é a única alternativa como forma de viver e que se olhar nas experiências desperdiçadas, nascidas da luta de todos os tempos, podemos achar as chaves duma emancipação social que implique corpos territórios e territórios terra mais felizes, como gostam de dizer as feministas comunitárias.

A parteira anciã nos tem apresentado saberes que foram atravessados pela ciência moderna, já que tem incorporado elementos da biomedicina, mas de forma fragmentada ou através de processos de ressignificação (LINO, 2005, p. 212) e ainda mais, não são saberes provenientes de nenhuma etnia em particular e sim mais uma mistura entre elas. Tem-nos mostrado o mundo cosmopolita em que vivemos, já não podemos procurar tipos puros de saberes fazer. São saberes nascidos do vínculo com o cotidiano, que além de ancestral é popular porque é do povo³⁹, e mostra a relação com a sabedoria cíclica – natural, em tempo e espaço - da terra, no uso de ervas, na alimentação ou na observação das luas, para dizer alguns exemplos, como os saberes das famílias dentro dessa reciprocidade e reprodução social na qual somos interdependentes e eco dependentes, como nos falam as eco feministas.

³⁸ https://www.ecoportal.net/temas-especiales/globalizacion/el-patriarcado-destruira-el-planeta-si-no-lo-frenamos/?fbclid=IwAR2mjBX1Rh7I0j0s93_CyrF8pPIEgImJ7bga-SDkS2m8LFb3jXBZsMSMX2A

³⁹ Talvez no caso de trabalhar com saberes de povos indígenas possamos nomear eles de saberes tradicionais ou não, será uma pergunta para se fazer nesse momento.

Resta agregar que escolhemos falar de saberes populares femininos atendendo e resgatando na história dos feminismos latino-americanos e em especial o feminismo popular, dos anos 70', que se opõe ao feminismo ocidental que fala das mulheres como se todas foram urbanas e letradas. Além de significar, como explica a autora Benavente, resgatando em Rodolfo Kusch (2008) que:

[...] la función de significación de la realidad circundante que prima en el pensamiento popular es también la expresión opuesta a la lógica occidental, que ya sea desde la ciencia, ya sea desde la economía o ya sea desde el arte, construye relaciones dicotómicas y asimétricas entre un sujeto avasallante y un mundo externo que toma como objeto” (BENAVENTE, 2016, s/p)

Com isso queremos significar que o popular tanto para Kusch como para nós mesmas vem nos permitir ampliar o olhar até a emocionalidade do pensar popular, onde somos sujeitos com cinco sentidos olhando num ofício que usa esses cinco sentidos.

Na continuação vamos girar nas simples⁴⁰ categorias de saberes do corpo e saberes da pachamama, procurando sua complexidade desde as cinco propostas da ecologia dos saberes. Como já falamos no referencial teórico, podemos identificar cinco tipos de produção de ausência em cinco monoculturas gestadas e legitimadas pela razão eurocêntrica dominante, mas também podemos olhar na ecologia de saberes que esta na frente de cada monocultura.

Na primeira, encontramos a Monocultura do saber e o rigor que catalogou de ignorante os outros saberes, frente a isso a Ecologia dos Saberes, onde podemos indicar que temos outros saberes que são legítimos e credíveis em contextos e práticas sociais. Porque nenhum saber é geral e porque até mesmo aquele saber oficial, que não consegue ver em outros saberes, saberes legítimos ou credíveis, devido à insistência de colocar neles as medidas do rigor oficial.

Em nosso trabalho achamos saberes fazer que temos dividido entre saberes do corpo e saberes da Pachamama. Saberes de “parteiras da experiência” – conceito que criamos nestas últimas linhas - que seguram de saberes fazer que não se encaixam dentro dos cânones do rigor, mas que não por isso são menos, a tarefa é ver neles outros saberes com tanto ou mais merecimento de serem escutados e colocados em diálogo horizontal com o saber oficial.

Nesta primeira ecologia, como saberes do corpo encontram-se as posturas, massagens, movimentos e cuidados do corpo que as parteiras tinham como sugestões básicas para o bom curso do trabalho de parto, gravidez e pós-parto, assim é que nos lembramos da Dona Neca

⁴⁰ Santos diz que as coisas importantes da vida são simples de ver, mas não simplistas, porque é complexa a realidade (Ecuentro Sentipensante, 2018).

falando dos quatro dedos que se contavam para cortar o cordão umbilical ou a Dona Maria detalhando os movimentos para que a vagina da mulher parindo não se rasgue.

Como saberes da Pachamama podemos nomear, por exemplo, o uso diverso que as parteiras contaram de ervas medicinais para ajudar e acompanhar nos momentos do trabalho de parto: a Dona Maria nos dizia que os assentos com erva mate era um bom aliado para desgrudar as placentas que tinham ficado no fundo do útero depois de dar a luz, ou a Dona Nair que nos contou que a banha de porco era o elemento principal na hora de fazer suas massagens para virar uma criança na barriga ou para que a vagina não se rasgue.

Nesse último saber com a banha de porco os saberes do corpo e da pachamama começam a se cruzar, o uso do material é um saber da Pachamama, por conhecer as características, propriedades e magia que produz a banha no corpo, que com as massagens aprendidas de suas mestras parteiras são também um saber do corpo. A Dona Nair conhece onde tocar, puxar e movimentar para que o corpo da criança na barriga vire-se, esses saberes só ela aprendeu na prática e na transmissão oral que deu sua mãe.

Aqueles saberes, como os dos exemplos, têm sido legítimos e credíveis para os contextos e comunidades onde foram praticados, nenhuma das parteiras passou pela deslegitimação das mulheres que acompanhava, ao contrário até o dia de hoje são reconhecidas e continuamente receptoras de gratidão pela sua comunidade, não foi só num caso que vivenciamos isso nos comentários feitos pela vizinhança que ficava sabendo que estávamos lá para falar de seu atuar como parteira, como os país do professor Gustavo de Jari, RS que nos receberam e guiaram até a casa da Paulina, nos contando do seu maravilhoso trabalho como parteira da comunidade.

No obstante não pode se dizer que foi assim, com quem detinha o poder biomédico ou político da comunidade, no geral homens, que desprestigiavam seu trabalho. Já nos contou a Dona Paulina que se o parto tinha algum problema, e a parteira estava atendendo com o médico, ela tinha garantido não ser culpada do caso, mas se estavam sozinhas durante o parto numa casa e acontecia alguma coisa ruim o erro era sempre da parteira. Também serve como exemplo disso o caso de que várias parteiras anciãs entrevistadas nos tem contado que nos cursos de parteira que fizeram nos anos 60', obrigadas pelo Estado, eram convidadas a esquecer de seus saberes práticos do corpo e da pachamama, como se fossem saberes ignorantes ou atrasados - monocultura que vem a continuação - para só garantir o processo de parto com saberes da biomedicina: injeções, episiotomias, entre outras ferramentas.

“Eu não sou formada, eu disse pro Zé. Ah, alguma coisa eu posso dizer, mas eu não sou formada profissional, era pra prática”, assim reagia a Dona Morena quando perguntamos

para ela sobre quem ou onde tinha aprendido o ofício de partejar. Com poucas palavras a Morena mostrou como seu saber, aquele da experiência, não era validado pelo saber oficial e foram todas as parteiras que precisaram deixar claro que a procedência de seu saber era popular, algumas com vergonha e outras com orgulho, mas no final das contas colocando a vista como a produção de ausências tinha atravessado sua história pessoal e seu corpo território de mulher, no caso da Morena, deixando-o dolorido e triste.

Outra produção de ausências daquela monocultura do saber e do rigor da ciência moderna tem sido evidenciada nas narrações de vida da Paulina, quando notava o racismo de sua avó branca e mostrava com isso que seus saberes da parteria tinham estado muito misturados com os saberes brancos, europeus, daquela medicina ocidental que para o principio do século XX, já começava a incidir nos corpos das mulheres, se não antes. Além disso, aquela realidade relatada pode se vincular com a monocultura que faz a classificação racial, já que a marginalização dos saberes populares e a transmissão do saber oficial era passado de brancas para pretas.

Box 2: Diário de Campo da Nani – Conversas com Neca

Dona Josefina, de São Martino da Serra, neta de parteira, dona Josephina Vicentini Mezzono. Sua avó foi parteira dos 17 aos 80 anos, pegou dois filhos da neta Josefina. A avó ficou viúva aos 27 anos com o suicídio do marido, com 8 filhos. Falou de sua prima Benta Gaita parteira e quando eu cheguei pensou que eu era Amada, filha de Benta Gaita. A avó dava pousada e comida aos imigrantes, levava panos, pedaço de galinha para os partos de gente mais necessitada. Tinha muito amor, não tinha preto, branco, pobre ou rico. Ela ajudava todo mundo. **Arrumava osso, fazia tala com pano e clara de ovo. Nos partos rezava a Salve Rainha.** Como disse Josefina, era bicho peitudo, com 80 anos desceu um vale a pé para atender um parto. **Falou do chá de abrofo ou carrapicho para o bebe sair logo, fazer o chá queimado. Falou de chá de canela quente para hemorragia. Falou do chá de mate para descer a placenta e para dar para o bebê quando nasce e nos primeiros dias.** Dona Josefina tem 73 anos, 6 filhos, uma morta aos 7 meses. Teve um nascimento desafiador, muitos dias em trabalho de parto. Dona Josefina tem máquina de lavar, mas sente sua dignidade ao lavar a com as mãos suas roupas. Fazia chapéu de palha, costura, fazia queijo, bolacha, rapadura, pão, tapete para ganhar o sustento. É casada com João Carlos e moram em cima de uma grande rocha de ametista.

Fonte: gentilmente cedido pela Nani, com marcações da autora para indicar a ecologia de saberes presente no diário.

Poderíamos continuar desmontando este sentido da ecologia dos saberes, mas vamos passar pela Ecologia das Temporalidades em contraposição à Monocultura do tempo linear, que produz a ausência “declarando atrasado todo lo que, según la norma temporal, es asimétrico con relación a lo que es declarado avanzado” (SANTOS, 2010). A partir desta lógica foi se gerando o que já temos indagado aqui: a

produção de não contemporaneidades do contemporâneo, isso se explica o porquê muitas parteiras anciãs entrevistadas acharam que sua forma de trabalhar, sem grandes intervenções da biomedicina e com outros tempos, era coisa do passado, até elas mesmas se definiam detentoras dum saber que hoje já não tinha utilidade, tamanha surpresa levavam todas ao conhecer e conseguir sentir reflexadas no trabalho das jovens parteiras na tradição que acompanharam nas entrevistas. Nesta ecologia de temporalidades resulta relevante trazerem o encontro de gerações e a alegria das parteiras anciãs quando na troca de experiências com as jovens davam conta que as práticas que umas e outras faziam eram as mesmas. Lá, nesse encontro o presente conseguia se ampliar ainda sendo por esse momento onde o abismal do tempo linear deixava de nos sentenciar.

Essa maneira de produzir ausência sob a designação duma prática como primitiva, selvagem, obsoleta ou subdesenvolvida também foi possível de encontrar nas próprias falas das parteiras anciãs, por exemplo, no caso da Dona Nini quando narrou sobre o trabalho das parteiras anteriores a ela, acusando que com suas práticas mataram muitas mulheres e atribuindo a eficiência de seu próprio trabalho no conhecimento dos cuidados de higiene biomédica do progresso, como o uso de luvas ou remédios. Porém foi a mesma Nini quem ficava surpresa e amava a ideia de estar se encontrando com parteiras que acompanham partos domiciliares como ela fazia. Óbvio que não estamos aqui para julgar as falas das parteiras protagonistas desta pesquisa, só marcar os sentidos atribuídos ao seu trabalho e as ausências produzidas em seus próprios corpos, histórias e valorações como mais uma forma de visibilizar a diversidades de tecidos da colcha de retalhos e os saberes populares femininos neles.

Faz-se necessário trazer nesta ecologia o fato de que todas as parteiras entrevistadas e que formaram o Grupo deram como entendido que a temporalidade que implica acompanhar um parto nunca é linear ou possível de saber antes de seus acontecer. Aquelas parteiras anciãs e as parteiras jovens exercem o ofício de partejar se entregando no tempo próprio do parto onde não tem hora certa para ser e só é a corporeidade do corpo da mulher parindo e do corpo por nascer que marcam esse tempo, quando claro é um parto sem risco, já que como ficou dito nos relatos da Dona Nini, “a parteira tem que ter coragem, mas nunca demais”, fazendo referência a que tem um ponto onde já não dá mais para esperar e tem que ir para o hospital, ou o dito pela Dona Neca quando lembrava de que quando um parto era estendido em tempo o grupo de vizinhas que acompanhavam pedia ajuda de parteiras anciãs mais experientes que puderam ter sabido manobras para ajudar a que o nascimento acontecesse; claro está que quem mais marca a temporalidade aqui é o sentir de quem está parindo, ou seja, a mulher em

trabalho de parto, com seus dores, suas possibilidades energéticas de parir ou outras sinais que o corpo pode dar e a parteira pode ler.

Também nisso podemos trazer as palavras sábias da Dona Maria, lembrando os ensinamentos de sua avó ao dizer que a parteira tem que garantir que a mulher se sinta confortável e segura no lugar que está acontecendo seu parto e que poça a parteira mesma acessar quando seja a hora a aparar a criança nascendo. Ainda parecendo poético podemos notar aqui que a parteira colocando sua experiência, saberes amor e cuidados no acompanhamento da mulher ao parir está ancorando aquele tempo e espaço necessários para que isso aconteça por isso como lembrava a Nair, muitas vezes era ela mesma quem tinha que além de dar calma e confiança na mulher, dar tranquilidade na ansiedade dos parentes presentes, já seja mães, irmãs ou maridos: “Ta bem, vó? Ta bem, vó? Mas claro que ta bem! Se não tivesse bem, não tava aí! Capaz de eu dizer que tava mal, criança tava ruim, que a gente negue as dores da criança quando ta pra nascer logo num é?!”, palavras da Nair reproduzindo as conversas com os maridos das parturientes.

Box 3: Diário de Campo da Nani – Conversas com Paulina

Dona Paulina, parteira, 92 anos, 12 filhos. De Jari. Filha de Heitor, espirita e neta do Dr. Candido Machado, espirita, que atende ainda em muitos centros espiritas. Dr. Candido era da massonaria e fundou o centro espírita em Jari há 60 anos atrás. A mãe dela era negra, parteira, dona Docielina, aprendeu a partejar com a sogra, parteira, também chamada de Paulina, foi a Paulina, que recebeu dona Paulina no parto. Dona Docielina foi trabalhar na casa do Dr. Candido, bem moça e casou com Dr. Heitor, pai de dona Paulina. Dona Paulina atendia com a mãe e depois com o genro, Dr. Vomar Pereira de Mendonca, sabia tudo de parto, na casa de saúde e no domicílio. Com brilho nos olhos disse que atendeu pai, mãe, filho, famílias inteiras e suas gerações nasceram nas suas mãos. **Atendeu 2000 partos.** Disse que antes anotava, depois parou. Agradece a Deus por ter a capacidade de aparar uma criança e que nunca ninguém se viu mal nas suas mãos. **Faz 20 anos que não atende por causa da perna esquerda que tem uma trombose.** Tem 20 netos e 8 bisnetos. O Bisavó dela veio de Alegrete. Ela pariu os 12 filhos com a mãe. **Disse que foi atender um parto e veio doente, passou dois dias para parir e o guri teimoso veio de bunda. Falou muito das mulheres "vil" que não gostava de atender, por que até se botavam nela, que dizem no parto que vou morrer.**

Costura até hoje sem oculos. Tem pedra na vesicula e medo de operar. Disse que não rezava nos partos. Mas recebia as mensagens.

Fonte: gentilmente cedido pela Nani, com marcações da autora para indicar a ecologia das temporalidades presente no diário.

Segue a ecologia dos reconhecimentos que se coloca na frente da monocultura do inferior, na qual se naturaliza as diferenças e se produz a ausência a partir da classificação social, racial e sexual, com a consequência visível da desqualificação dos agentes, que incide

sobre eles e derivada também em sua experiência social (prática e saberes) de que eles são protagonistas, como dizíamos no capítulo referencial teórico. Para explicar esta monocultura de forma direta seria mais o menos assim: quem não é homem é inferior-desqualificação sexual-, quem não é branco é inferior –desqualificação racial- e quem não é produtivo e rico é inferior-desqualificação social, e adicionaríamos econômica-, nestas desqualificações que produzem as ausências que tentamos trazer ao presente poderíamos somar a inferioridade de condições na que é hoje colocada à população anciã e nesse sentido achamos que nossa pesquisa faz um grande aporte em tratar como fazedoras do presente a pessoas anciãs, não estão mortas da realidade por ser aposentadas ou ter deixado de exercer seu ofício e mais ainda se esse presente que tentamos ampliar se abre numa contemporaneidade onde quem fez ante ontem e quem faz hoje são do mesmo presente.

Para começar, a ecologia dos reconhecimentos, aparece como num loop às vezes que escutamos nas entrevistas com as parteiras anciãs se lamentavam por não ter titulação para ser parteiras, dando real importância a um papel que certifique o que já sabiam fazer por tradição familiar ou descoberta pessoal na acumulação de experiência social. Mas também aparece no nosso intento de fazer uma nova articulação entre o princípio da igualdade e o princípio da diferença aquele espaço que as mesmas parteiras abriam ao falar da possibilidade de diferenças iguais – uma ecologia de diferenças feita de reconhecimentos recíprocos (SANTOS, 2002), por exemplo, soa a Dona Neca falando com admiração da parteira Benta Gaita por seus conhecimentos em biomedicina e na mesma frase se lembrando dos ensinamentos de sua avó sobre massagens ou chás como aquela medicina popular que era igual e diferentemente valiosa para ela.

Neste trabalho por uma ecologia dos reconhecimentos aparece o processo grupal de parcerias que implicou a organização do 1º Encontro de Parteiras do RS, ao interior da UFSM onde fizemos alianças com agentes como o Grupo Comum Unidade: Liga Interdisciplinar de Saúde da Família e Saúde Coletiva do curso de Medicina, o Grupo de Agroecologia Terra Sul ou a ONG Oca Brasil, atores que em seu atuar cotidiano trabalham em diferentes problemáticas sociais como os agrotóxicos, o acesso à saúde pública ou a ecologia e a arte como experiências sanadoras e que conseguimos nos encontrar para o reconhecimento recíproco dos saberes diversos que nos apresentavam as parteiras anciãs, porque aqueles saberes da pachamama e do corpo nos falavam de outra gestão da saúde, dos alimentos, da agricultura e também da arte que podiam dialogar com as lutas de cada organização apoiadora.

Figura 34: Elas se re conhecendo



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiras do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotógrafo Dartanhan Baldez Figueiredo.

Como fotografias congeladas na memória também foram e são fazer ecologia do reconhecimento, ter aberto o diálogo das parteiras anciãs nesse Encontro, trocando experiências com suas contemporâneas que são as parteiras anciãs, mas também as jovens e as mulheres e homens que participaram na escuta ativa e respeitosa desse evento. Porque se tento que ninguém colocasse, ao menos nesse encontro nem nos encontros que significaram as entrevistas, preconceitos ao redor da diversidade de saberes, em todo caso cada diferença achada nos relatos das parteiras sobre como atender um parto, as massagens que fazer, as ervas ou materiais que utilizar, as posturas que indicar e as valorizações sobre o ofício foram

demonstrações da diferenças e possibilidades existentes do como acompanhar à mulher no momento de parir. Mostrando assim também que o parto hospitalar e até as desmesuradas estadísticas de cesarianas não só a única alternativa vigente, e que ceder a soberania de nossos corpos femininos aos saberes oficiais não é o único caminho, ainda sendo massificado nos planos do Estado e do mercado. Continuam vivos nas ruínas sementes a natureza intuitiva e cíclica da mulher que é pachamama também.

Nas narrações da Maria do Morro da Cruz de Porto Alegre também podemos identificar vivencias pessoais numa ecologia dos reconhecimentos, quando com orgulho nos relatou sobre suas aulas informais aos estudantes da universidade que chegavam a ela para fazer tarefas de extensão universitária resgatando saberes da pachamama e do corpo presentes nela. Porém se faz inevitável indicar nesse contexto que o tratamento desses saberes pelas instituições modernas não é suficiente, isso pode se ver no reconhecimento que faz das parteiras a OMS (OMS, 1996, p. 6) onde elas são designadas como “parteiras empíricas ou leigas, términos que subrayan um no-saber basado en la necesidad y que no reflejan de ninguna forma la riqueza de los universos simbólicos donde se inscriben, aunque se reconozca su importância a la hora de salvar vidas” (LINO, 2005, p. 212). Cabe nos perguntarmos aqui, se os trabalhos de extensão relatados pela Maria tratam os saberes que ela facilita como outros saberes possíveis ou como relíquias dum passado que pode se historiar, mas que hoje não é alternativa, continuando assim com o desperdício das experiências sociais da ciência moderna e da extensão universitária que divide.

Box 4: Diário de Campo da Nani – Conversas com Nair

Dona Enilda também sempre ia quando chamada, **pelo que vi tinha uma profissão para manter sua família e um dom, um amor para atender partos. Dona Endilda tem uma neta que valoriza os seu saber, seu dom. Muito difícil os descendentes terem este reconhecimento e valorização nos mundos de hoje. A parteira deixava sua família e muitas vezes voltava sem nada para casa.** Os filhos dela passavam necessidades e tinham que manter a casa, muitas vezes sem ajuda de mais ninguém.

Fonte: gentilmente cedido pela Nani, com marcações da autora para indicar a ecologia dos reconhecimentos presente no diário.

A próxima monocultura que nos apresenta Santos é a logica da escala dominante, que na modernidade ocidental vem sendo a escala universal e global onde o que não é global não existe e na sua frente o autor nos propõe trabalhar desde a sociologia das ausências numa ecologia das trans-escalas, propõe-se a recuperação do que no local não é efeito da globalização hegemônica (SANTOS, 2002). Nesta proposta a diversidade de saberes da

pachamama e do corpo presentes nos relatos das parteiras anciãs mostram aqueles saberes locais que se mantiveram vivos de geração em geração através da tradição oral e da vinculação cotidiano com o entorno apesar da insistente globalização da ciência biomédica ocidental.

Além de que, nenhuma das parteiras entrevistadas tem passado o ofício para alguma pessoa de sua família ou comunidade, esses saberes continuam vivos se exercitarmos aquela imaginação cartográfica, que propõe Santos (2002), onde conseguimos observar o que oculta a escala global ou universal. O discurso global nos diz que o individualismo é a única forma de fazer, por exemplo, mas a Dona Neca aparece nos mostrando que o fazer de seu ofício foi em coletivo, diz: nunca íamos sozinhas atender um parto, e assim mesmo concorda a Nani quando conta para ela sobre a equipe de Porto Alegre integrada por parteiras e doulas na tradição. Também podemos lembrar a frase que em dois momentos do trabalho de campo apareceu nas falas da Paulina e o João Carlos, marido da Neca, quem diziam: “vale mais a prática que a gramática”, num mundo globalizado que coloca do lado do não existente os conhecimentos artesanais nascidos na luta cotidiana, o valor que eles dão na prática pode se indicar em contraposição com a escala global da razão ocidental eurocêntrica que valoriza a palavra escrita frente às tradições orais, nossa insistência esta em olhar, sentir, tocar que sim existem para a vida dos povos esses saberes locais.

Com esta ecologia ainda não temos certeza de como pode se fazer isso numa globalização contra hegemônica, acreditamos que com o resgate começado estaríamos explorando uma sociologia das ausências que visibiliza as experiências não existentes, para fazer-lhes presentes e possíveis numa escala mais humana, mas a tarefa de desglobalizar o local da globalização hegemônica tem um longo caminho por percorrer que não tentaremos nem conseguiremos só numa dissertação.

Como diz Santos: “as metodologias científicas, ainda as participativas, tem limites e são fragmentadas” (2018) e a nossa não é a exceção. Ainda assim podemos indicar o como a monocultura que produz como ausência o local o particular tem jogado no caso dos saberes do corpo e da pachamama presentes nas parteiras: por exemplo, não se adaptar as regras de higiene e boas práticas sugeridas pela OMS seria um indicativo de ser uma prática não existente, também assim o uso de alguma erva que para as pesquisas científica tem tais propriedades e que as parteiras a usam para algo totalmente diferente do que diria as receitas oficiais, claro está que nessa globalização de sentidos, práticas e agentes se perdem as particularidades de cada lugar e as crenças que acompanham essas escolhas.

Temos anos de desconexão e negação dos próprios saberes populares femininos, num nível global que tem atravessado o local, que nos tem deixado muitas vezes sem ferramentas ante a ciência moderna no capitalismo, no patriarcado e na colonização aplastando a soberania do corpo da mulher e a autonomia da saúde sexual. Porém, frente a esse cenário pessimista temos achado os saberes do corpo e da pachamama que nos demonstram que apesar dos intentos se fazer morrer eles continuam vivos nas narrações de vida das parteiras de todos os tempos.

Como dizíamos ao início: “a compreensão do mundo é muito mais ampla que a compreensão ocidental do mundo” (SANTOS, 2010), nessa compreensão ampla é na que pensávamos quando a Neca, a Paulina ou a Nair nos falavam de seus partos, de como elas não tenham precisado nunca ir ao hospital para parir e inclusive achavam desnecessários tanto análise biomédica e a intrusão de tantas mãos no corpo e na intimidade da gestante.

Isso além de mostrar as valorizações das parteiras ao respeito da saúde da mulher de hoje nos fala de formas estandardizadas de atenção da gestante justificadas em direitos que não atendem na diversidade de práticas, crenças ou saberes locais, mas não vamos aprofundar nisso porque significaria fazer um diálogo com os direitos que tem o Estado sobre o corpo, questão que esta dissertação não tem como objetivo.

Box 5: Diário de Campo da Nani – Conversas com Nair

Visita à parteira Nair, 93 anos, parteira quilombola na comunidade quilombola de Arroio do Tigre. Dona Nair teve 10 filhos. Um deles nasceu quando foi no banheiro fora da casa, no caminho o menino caiu na terra, ficou cheio de terra e hoje “está um baita Negrão forte” como ela diz. Sua mãe Bermilha era parteira, ensinou para dona Nair. Nair era curiosa, como assim também são chamadas as parteiras tradicionais, ela espiava pelo buraco da fechadura para ver os partos que sua mãe atendia em casa. A mãe dizia que os bebês eram trazidos pelo crisquinto (papai Noel). Na comunidade onde ela morava se empregava o catolicismo e não eram cultivadas as religiões africanas. Mas pelo que ficamos sabendo que a família da irmã vai mora numa comunidade onde tem um preto velho benzedor, pelo que a Mah trouxe, lá no Salto. Ela tinha uma irmã que a acompanhava, Vinilda. Tem uma irmã que também atende partos e benzedeira. Vamos conhecer ela na visita que faremos em Arroio do Tigre. Dona Nair falou que não adia esta ter das muita. que naquela hora a muita não tem que mandar. **Falou que quando a junta transpassada é difícil nascer em casa. Falou que usava banha quente com cachaça para fomenta a mulhr e chaqualhava para o menino vir logo. Que cortava o cordão com três dedos de umbigo.** A mãe dela morreu de vereda, com derrame. **Parou de partejar porque as mulheres iam tudo pro hospital. Falou do perigo da recaída. Chamou as parideira de baitosa, burra duma guria... Que a força tem que botar para baixo para vir à criança, se puxa a força para cima, à criança volta para cima.** Se senta na boca do estomago nasce de vereda, que a criança vai para o nascedor. Ela diz que a mãe de mão. **Falou de chá de erva doce e canela com cachaça para ajudar no parto. Disse que tem vontade de acompanhar parto ainda...** Vamos levar dona Nair para Arroio do Tigre e conhecer sua comunidade.

Relato da Mah

Ouvir a D. Nair falar da experiência dela como parteira foi maravilhoso. Uma mulher falando da força de outras mulheres numa sinceridade e brilho no olhar acompanhado de um amparo e acolhimento. Uma pessoa verdadeira consigo mesma e com os outros.

Ela fala do partejar como algo natural e essa naturalidade traz uma força e conexão com a ancestralidade, com o gesto mais genuíno e antigo desde que o mundo é mundo que é o ato parir um ser. Somos capazes. Essa crença de que podemos é uma ideia que vem a ser resgatada na atualidade com muita consciência “quero parir natural, sou saudável, forte, tenho conexão com meu corpo e meu bebê”.

Nessas horas **lembro da D. Nair dizer “as vezes pegava uma mulher que estava com medo, tadinha, e na hora de fazer a força ela se encolhia e não botava a força pra fora. Eu olhei bem nos olhos e disse, a criança já está aqui empurra com força mulherão, com garra, tu consegue” essa foi uma passagem da conversa da parteira que lembro que ela teve que encorajar a mulher no expulsivo.**

Isso nem sempre é fácil, mas a simplicidade e conexão são essências nessa passagem e o respeito com a criança que está chegando. Pra mim a D. Nair é força, guerreira, natureza sábia, simplicidade, naturalidade que todas nós mulheres devemos ou ao menos tentar se alinhar e reconhecer. **É olhar o mundo de excessos e consumismos que temos imergido nos últimos anos e selecionar o que realmente importa para o nascimento e quanto mais natural o for esse caminho, maior a felicidade e conexão para o adento. Naturalidade e acolhimento.**

Fonte: gentilmente cedido pela Nani e a Mah, com marcações da autora para indicar a ecologia trans-escala presente no diário e o relato.

Ao fim chegamos à ecologia da “reprodução ampliada da vida” – renomeada assim por nós – frente à produção de ausências que significa a lógica produtivista capitalista e cabe dizer patriarcal, porque nessa lógica qualquer prática que não trate a homens, mulheres e terra como recursos do mercado ficariam fora da existência e nesse movimento o mais invisibilizado vem sendo o trabalho doméstico, do cuidado e da reprodução social que historicamente tem recaído nas mulheres. Nesse mesmo movimento da racionalidade abismal o que produz para o mercado é produtivo e o que não produz é improdutivo, aqui nos perguntamos onde ficaria o trabalho das mulheres parteiras que além de ficar responsável silenciosas da reprodução da família e da casa tem desenvolvido desde antes do capitalismo o ofício feminino de acompanhar as mulheres a parir, ofício que não é trabalho nesta lógica, se não parte naturalizada das tarefas do doméstico e como doméstico improdutivo.

Deixando de lado que nessa tarefa se tem garantido a existência do capitalismo e a reprodução dos operários que sustentaram a engrenagem da maquinaria capitalista. Não obstante, isso se torna complexo se observamos que aquela atividade de mulheres que até metade do século XX ficava no interior das casas, estamos falando que o ato de parir, nascer e criar, foi sendo tirado das mãos femininas para se converter num ato mercantilizado e

masculinizado. Já falamos na historicização feita nos capítulos iniciais de como o ofício da parteria e o ato de parir foi passando da intimidade da família ou da vizinhança até o controle dos corpos pelo Estado e a ciência biomédica moderna. Não sem antes acontecer a inquisição das bruxas na Europa, na América colonial e a perseguição e criminalização de todo tipo de medicina popular por parte do Estado em aliança com a igreja Católica e os interesses do mercado, inclusive na última ditadura brasileira.

Figura 35: Elas se re conhecendo 2



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiras do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotógrafo Dartanhan Baldez Figueiredo.

A presente ecologia de reprodução nos convida a recuperar e valorizar os sistemas alternativos de produção, as organizações econômicas populares, as cooperativas, as empresas autogeridas, a economia solidária, as economias feministas, do cuidado, etc., que a ortodoxia produtivista e mercantil capitalista ocultou ou descredibilizou. Neste sentido podemos nomear as histórias contadas por todas as parteiras entrevistadas sobre as práticas de troca, reciprocidade e até economia do dom, como cotidianas na hora de pôr um custo a seu trabalho

de parteiras. A Dona Nini lembrou com graça de quando uma família que só tinha um porco para dar em pago de seus serviços, e ela se negou imaginando como explicaria para seu marido que nas poltronas do carro tinha trazido um porco vivo. Ou quando a Neca falou de que sua avó saía atender partos com uma cesta cheia de alimentos onde o principal era a galinha para fazer o caldo para a parturiente tomar logo depois de parir.

Todas elas duma forma ou outra praticavam a reciprocidade no seu ofício, não era coisa anormal receber presentes ou favores, nem esperados, por seus serviços. Além do que para elas significa hoje mesmo o reconhecimento e prestígio social pelos partos acompanhados e é isso que não pode se medir em dinheiro nem em acumulação do capital, mas que faz parte duma ecologia que valora e resgata outras formas de fazer economia e que colocam na vista as diversidades reprodutivas.

Soma nessa visão da ecologia da reprodução ampliada pela vida o olhar que vimos tendo ao respeito da axiologia cuidado e também do autocuidado para pôr no centro aquele corpo território primeiro, que é onde se gravam as produções de ausências e onde se expressam a potencia da emancipação desde ele. Nisso aparecem os relatos da Neca, a Nair ou a Maria se atendendo a elas mesmas nos partos de seus filhos e como ter os conhecimentos, a confiança nesses conhecimentos provenientes da experiência e a auto percepção aberta de seu próprios corpos para se cuidar foram os que facilitaram serem suas próprias parteiras, algumas pela urgência de que a parteira não chegou a tempo e outras como escolha pessoal como a Maria, que resolveu não chamar ninguém em seus últimos três partos. Para nós isso também é ecologia da reprodução ampliada da vida, porque tem a ver com o corpo, com a relação com a pachamama e com a administração saudável de nosso primeiro lar, então é economia dos corpos e dos saberes a qual também fica presente nesse realismo amplo no que trabalhamos.

Voltando as categorias criadas até aqui de saberes do corpo e saberes da pachamama, cabe agregar que o resgate de uns saberes não seria possível sem os outros saberes, já que tal como temos expressado no referencial teórico, baseadas nas feministas comunitárias, somos corpos territórios recuperando a própria soberania sobre seu corpo e o corpo que precisamos para nos desenvolver: a terra. Compartimos a ideia de que a elaboração epistemológica desde o sul é onde a defesa do corpo-terra integra a "recuperación y defensa del territorio tierra como una garantía del espacio concreto territorial donde se manifiesta la vida de los cuerpos" (CABNAL, 2010, p. 22-23). É no objetivo de resgatar a soberania de nossos corpos terras, que não podemos nos desvincular da terra que andamos e da que somos parte, porque foi também nela onde se expressaram as ausências e se gestam as emergências.

Como parte duma conclusão apressada podemos dizer que no caminho de construir as presentes categorias foi mais difícil achar nas parteiras anciãs saberes da pachamama que do corpo, isso nos apresenta como um sinal do afastamento e o nível de ausência ao que temos chegado ao respeito dos saberes que nascem da contemplação e a interpretação dos ciclos naturais. O mesmo dado também fala duma falta que tem esta pesquisa, o fato de não ter trabalhado a espiritualidade, já que no final desta caminhada de análise dos resultados e tendo escutado ao vivo ao professor Santos demos conta que quando cada parteira estava falando da espiritualidade, das mensagens recebidos, das rezas e até da magia de uma ou outra erva ou vento também nos falavam duma pachamama expressada nessa espiritualidade escondida detrás das religiões, mas isso último é só uma hipótese, ou talvez só um sentir bem pessoal.

Podemos agregar aqui que elas deram conta de saberes do corpo infinitamente aprendidos na prática, fruto da experiência, do contato com os outros corpos e profissionais mais que com saberes ensinados em livros ou cursos.

No entanto, como já dizemos, os saberes biomédicos cruzam os corpos de nossas parteiras entrevistadas, se integram às suas vivências, tanto como suas crenças, superstições e práticas religiosas, mas que não temos aprofundado. Mas podemos dizer que qualquer crença sobre o corpo e suas sinais também tem alguma coisa de territorial, de natureza, de local que não poderíamos se quer compreender, só aceitar e mostrar como parte da diversidade e multiculturalidade presente. Quem diz como funciona o corpo, o significado das experiências ou o sentido duma sinal da natureza?, claramente não é a ciência moderna quem define isso. Faz parte do cotidiano dos povos e do grande mistério natureza do qual somos parte.

O objetivo, até aqui, tem sido fazer uma sociologia das ausências nas ecologias, que é:

revelar a diversidade e multiplicidade das práticas sociais e credibilizar esse conjunto por contraposição à credibilidade exclusivista das práticas hegemônicas. A ideia de multiplicidade e de relações não destrutivas entre os agentes que a compõem é dada pelo conceito de ecologia” (SANTOS, 2002, p. 253).

Todas as ecologias tentam trazer a ideia de que a realidade não pode ser reduzida ao que existe oficialmente. Estamos construindo um realismo amplo.

Figura 36: Com mãos que contam



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiras do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotógrafo Dartanhan Baldez Figueiredo.

Para finalizar o presente capítulo em andamento temos por definir se foi possível nos aproximar de uma tradução, entendendo ela um “procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia das emergências” (SANTOS, 2002). Nesta pesquisa temos encontrado várias estratégias para trabalhar nessa aproximação, já seja no trabalho de reconstruir as narrações de vida como um resgate das ausências, já seja no trabalho coletivo e ainda mais achamos que a nomeação dos saberes fazer das parteiras como saberes do corpo e saberes da pachamama identificados e enquadrados em cada ecologia se comporta como um início de tradução, mas só um começo.

Valorizamos que nossa pesquisa foi um início também para uma sociologia das ausências capaz de identificar os silêncios e as ignorâncias que definem as incompletudes das culturas, das experiências e dos saberes (NUNES E SANTOS, 2003), um reconhecer para libertar do esquecimento, da inexistência e da extinção obrigatória. Serão para próximas buscas gerar uma real tradução, que permita nos criar inteligibilidades mútuas e articular diferenças e equivalências entre experiências, culturas, formas de opressão e de resistência. Aquela tradução requer para nos um trabalho ainda mais coletivo e com o desafio de pôr em diálogo saberes possíveis e disponíveis nas experiências sociais desperdiçadas com a ciência moderna que as desperdiçou e com outras lutas.

O que traduzir? O conceito fulcral na resposta a esta questão é o conceito de zona de contacto. Zonas de contacto são campos sociais onde diferentes mundos-da-vida normativos, práticas e conhecimentos se encontram, chocam e interagem. As duas zonas de contacto constitutivas da modernidade ocidental são a zona epistemológica, onde se confrontaram a ciência moderna e o saber ordinário, e a zona colonial, onde se defrontaram o colonizador e o colonizado. São duas zonas caracterizadas pela extrema disparidade entre as realidades em contacto e pela extrema desigualdade das relações de poder entre elas.

É a partir destas duas zonas e por contraposição com elas que se devem construir as zonas de contacto reclamadas pela razão cosmopolita. A zona de contacto cosmopolita parte do princípio de que cabe a cada saber ou prática decidir o que é posto em contacto com quem. (SANTOS, 2002, p. 268).

É longa a tarefa de construir zonas de contato entre os movimentos pela emancipação social, e mais particular a tarefa de definir junto às protagonistas destes saberes e práticas –as parceiras- o que vão a colocar em contacto e com quem.

Entendemos que se tornar em tradutora seria, no nosso caso de pesquisa, continuar com a caminhada coletiva, para fazer as mediações necessárias para que o saber científico e o popular consigam dialogar e se entendam em sua diferença, isso é para nós a extensão. Mas o olhar não pode excluir ou cair nas lógicas das monoculturas. Identificar e aceitar os limites da ciência, das teorias, dos saberes e dos agentes é o grande abridor ou diálogo e a tarefa mais desafiadora. Se tornar vulneráveis – comunicar - não é para qualquer um. Por isso as parceiras anciãs que entrevistamos todas, falaram de que nunca quiseram deixar de aprender e até hoje estão abertas a construir conhecimentos novos, são vulneráveis e aceitam que seus saberes são limitados, poderíamos perguntar se isso pode acontecer com os científicos de hoje ou os extensionistas de amanhã.

Pensávamos no seguinte exemplo: as organizações da economia solidária podem dialogar com o movimento feminista? Qual seria a ponte? Talvez aquela ecologia da reprodução ampliada da vida poderia irmanar essas lutas, se encontrando no resgate das alternativas possíveis vivas na diversidade de formar que a mulher tem feito economia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A senhora foi parteira? Essa era a primeira pergunta que fazia o Grupo de Resgate de Parteiros do RS e isso abria cada diálogo com as parteiras anciãs. A segunda pergunta chave era: Que precisa a mulher para ser parteira? Poderia dar um conselho para as parteiras jovens? Para essa última pergunta cada mulher falou da mesma coisa: faz falta CORAGEM para ser parteira.

Coragem para mexer com a vida e a morte. Coragem para receber seres novos a este mundo. Coragem para aceitar quando não se tem mais ferramentas e tem que pedir ajuda.

“Coragem tem que ter! Mas nunca de mais! (Risos) Isso é um perigo! A gente pensa: não, eu vou vencer! Eu tenho que vencer! Eu nunca pensei assim... Quando eu via coisa feia! corre pro hospital e nunca fui tarde demais!”, diz a Dona Nini. “A gente tem muita fé mas quando é pra morrer, não tem Deus que salva!”, diz a Dona Paulina

Coragem para continuar tendo vontade de acompanhar até hoje.

“Eu acho que aparecendo uma mulher ai barriguda, que esteja mal ai, vindo falar comigo, eu ainda me estrevo caçar um neném! Eu me estrevo! Eu tenho coragem! Eu sei tudo! Sei como é! Eu não fico com dó! Assim como é bom pra fazer é bom pra sair num é”, diz a Dona Nair.

Coragem para ensinar um ofício que parece que ficar no passado.

“Sim, dá pra ensinar! Tivesse uma mulher, ela fazia o parto e eu dizia tudo... Faz assim, faz isso, do meu jeito daquela vez”, diz a Dona Nini. “Foi, eu passei pra Vinilda. Quando eu ia, me chamavam lá, eu ia lá gritar a Vinilda: vamo Vinilda! Vamo lidar!”, diz a Dona Nair.

Coragem para cuidar e se-cuidar, para sair sozinha de noite e não saber a hora de volta. Coragem para aprender ao mesmo tempo de estar fazendo. Coragem de ter filhos e filhas além de receber os filhos e filhas das outras.

“Saía de noite caindo gelo, chegava nessas casas assim... Meu guri era pequeno, ele ia junto e ficava perto do fogão lá na cozinha, ele era muito calmo”, diz a Dona Morena.

Coragem para ser mulher e ter um ofício do qual gosta. Coragem para confiar nos processos da Pachamama e no corpo humano em seus tempos e espaços próprios sem intervir.

“Que eu poderia lhe dizer... Que a pessoa, eu acho, que a pessoa que vai atender uma mulher, tem que se entregar, se entregar de coração e ter muita paciência, muito amor, muita... Gostar do que faz não é? Isso é a primeira coisa não é? É gostar do que faz!”, diz a Dona Paulina.

Coragem para dizer, o bom que é parir em casa e criticar a biomedicina. Coragem para aceitar que seu ofício esta em extinção ou não.

“Que tem coragem né, o pessoal não tem coragem mais né?! Barbaridade!! Só em hospital e não sei quê... Mas eu se ganhasse vinte pilá não ia no hospital, ficava em minha casa” diz a Dona Neca. “As mulheres vão no hospital, tudo no hospital... Qualquer coisinha, coisa que não é preciso ir no hospital, que não precisava gastar tanto né? Vão pro hospital, que não tem parteira... As parteira velha, falecida Gemina era parteira, ela morreu né, daí terminou as parteiras” diz a Dona Nair.

Coragem para trabalhar com mulheres num mundo que vende que as mulheres só podem concorrer. Coragem para acompanhar a suas filhas e familiares mulheres a parir.

“Com a fé em Deus a gente vence tudo! Atendi minhas filhas, a dona Morena não teve coragem de atender as filhas dela. Mas eu não sei como é que cê tem coragem, dizia ela para mim. Tenho sim! Atendo as outras, atendo minhas filhas também, né?”, diz a Dona Paulina.

Coragem para ancorar a energia. Coragem para ser parteira desde o amor. Coragem para esperar. Coragem para fazer simples um momento de passagem para a vida da mulher, da família e do ser por nascer.

“Que é muito importante o atendimento da mulher na hora que a criança vai nascer. Tem que botar num lugar segura, e quando a criança nasce tem que segurar para a criança não cair no chão” diz a Maria.

Coragem para não ser nojentas num parto, para não se entregar à dor da parturiente e para garantir o espaço necessário para parir.

“Tem que ter coragem também, e não pode ter nojo também, porque parto é uma coisa nojenta, é verdade ou não é? Parto normal é coisa nojenta, é coisa nojenta, não é nada bonito nem cheiroso, não é perfume não (risos), tem que ser boa de estômago (risos)”, diz a Dona Maria.

Coragem para acompanhar sem julgamento na vida como na morte.

“As irmã dela não queria que ela ganhasse mais filho, já tinha bastante e, não sei era o 11 ou 12 que ia nascer, e daí ela foi pro mato e ficou lá segurando o nenê, um frio, um frio, uma serração, coisa mais triste do mundo! E daí tivemos que fazer chá queimado pra dar pra ela, daí nasceu a criança, mas a cabecinha era moída, moída

assim ó, de tanto ela apertar sabe, daí isso moeu tudo a cabeça da criança!”, diz a Dona Neca.

É que tem que ter coragem para Ser frente a tanta monocultura, frente a um sistema capitalista que marginaliza, frente ao patriarcado que violenta, frente ao colonialismo que discrimina, há de ser muito valente para ter entre 70 a 100 anos e falar com orgulho de si mesma. Com essas mulheres nos encontramos para dar resposta aos objetivos desta dissertação e mais ainda para nos regatar na corporeidade. Nestas épocas do mundo onde o corpo desaparece da relação comunicacional, como diz o filósofo italiano Berardi (2018), quem faz referência sobre aquela necessidade tão sentida por nós de escutar as histórias não contadas pelos mesmos corpos e estando de corpo inteiro no encontro.

Queremos dizer com isso que o maior objetivo cumprido nesta pesquisa, e na caminhada toda, foi ter colocado o corpo em contato com outros corpos e fazer isso em coletivo, deixar de nos levar pelas informações ou dados de livros para realmente sentir com o corpo e para o corpo o que é ter sido parteira para as que foram e são parteiras. Precisamos que elas mesmas sejam as que nos contém os contos que necessitamos escutar para volver a ter, além de medo, esperança em outros mundos possíveis.

Queremos volver a erotizar a escuta, como diz Berardi, sem romanticismos, escutar o amor do cotidiano, o significativo que há nele que continua se reproduzindo para viver e também morrer, porque conta dos processos da vida e dos ciclos naturais. Não como um olhar conservacionista se não como o reconhecimento da diversidade de ferramentas que temos a disposição para viver e nos emancipar.

Vimos de décadas, por não dizer séculos, de dar importância absoluta à tradição escrita, parece que chegou a hora de escutar a oralidade, também não expressáveis em seu real sentido nas palavras que se escrevem aqui. Oralidade que até mesmo esta pesquisa perde, mas ainda mais tem se perdido pela ciência moderna da qual já se falou tantas vezes, que parece uma obviedade dizer que estivemos resgatando experiências orais que se tem desperdiçado e nos deixando num presente contraído entre um passado incompleto e um futuro tão extensivo como cheio de incerteza.

Por objetivo geral tivemos nesta pesquisa a intenção de indagar as *experiências desperdiçadas* pela ciência moderna nas narrações e em diálogo com parteiras rurais e urbanas anciãs do RS. Esse que primeiramente foi um objetivo para iniciar, no mesmo andar da caminhada se transformou também num subjetivo e começamos a escutar quais teorias nos mobilizavam desde o mais interno de nós mesmas e quais leituras da ciência podiam nos dar ferramentas de interpretação e assim foi que bem depois de fazer o trabalho de campo nos

sentamos a escrever o referencial teórico e procurar uma metodologia que de sustento científico no que já tínhamos feito com o corpo e em coletivo.

Por último, não foi desde o início uma Investigação Ação Participativa, porque antes que pesquisa foi um grupo de mulheres sonhando com a possibilidade de escutar outras mulheres. Foi bem depois que a sociologia das ausências e as emergências nos encontraram para explicar o que estávamos fazendo, foi na distância do que tinha sido feito que achamos o feminismo comunitário e o ecofeminismo como bandeira para continuar refletindo e a pesquisa narrativa como forma de expressão.

Pode parecer irresponsável expressar isto aqui, mas é a nossa realidade, foi nossa forma de fazer uma dissertação desde a prática. Bem depois venho a solidão de escrever na que as regulamentações acadêmicas colocam aos pesquisadores e pesquisadoras. Será por isso que vimos dizendo que não conseguimos fazer tradução real, porque a tradução é possível se a instância reflexiva, no caso duma dissertação, fosse em coletivo e não tivesse data de entrega por ser uma continua construção.

Conjuntamente a presente pesquisa teve objetivos específicos, como o intuito de analisar as narrações das parteiras e os saberes populares femininos sob o olhar da sociologia das ausências e o de narrar a experiência do movimento de mulheres pelo resgate de saberes populares femininos sob a aproximação da sociologia das emergências. Achamos que foram finalmente esses objetivos os que conseguimos, precariamente claro, trabalhar nos capítulos de análise de resultados, passando por reescrever as narrações de vida das parteiras com um olhar próprio e subjetivo, nos perguntando se o trabalho coletivo foi quem habilitou e habitou os “ainda-não”, chegando até as categorizações de saberes do corpo e da pachamama como uma forma de organizar aquela ecologia de saberes proposta para ampliar nosso presente.

Parece impossível colocar o fim desta história, e não há fim, só um intento de pôr em valor a caminhada já percorrida até chegar nesta instância. Muitas mais perguntas que certezas se nos apresentam no final, conseguiremos ampliar o presente com o nosso aporte à diversidade de saberes vivos, vigentes e cuidados pelas mãos das parteiras anciãs junto às jovens? Esses saberes que são populares e são femininos conseguirão ser, além de reconhecidos, respeitados pela ciência hegemônica sustentada na epistemologia do norte, ou melhor, teremos que abandonar essa visão e esperança e ir em direção à construção desde as retaguardas duma epistemologia realmente nossa, do sul, a nascida das experiências de luta, que fazendo uma ciência com corpo sinta, olhe, jeire, toque e ouça naquelas ruínas sementes?

A caminhada é longa, mas a certeza que no encontro de duas gerações de parteiras podemos colocar nosso grão de areia na praia dum outro presente possível é esperançasada.

Perguntamo-nos se o encontro também será possível com a comunidade acadêmica, lá onde os saberes são legitimados e as ausências também são produzidas, conseguirá a universidade abrir suas portas aos outros legítimos e credíveis saberes, do corpo, da pachamama, da vida? Será possível pensar numa universidade onde a diversidade de formar de ser, fazer e saber sejam possíveis e se complementem?

A ciência moderna tem se superado a ela mesma, tem podido identificar o porquê do aquecimento global ou as causas infinitas da pobreza, mas não consegue desde suas lógicas monoculturais ver alternativas possíveis ante tanto signo de desesperança e inquietação nesse presente que não é mais que um instante entre o passado e o futuro. Nesse contexto o corpo território e a terra território vêm dando também signos de estar ao limite do suportável, tanto a mulher como o homem têm perdido frente aos saberes oficiais sob o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado os próprios saberes de seu corpo, a autonomia e soberania sobre sua saúde sexual, as ferramentas do autocuidado e com isso sua vinculação com a terra e seus ciclos naturais.

Nessa urgência nasceram e nascerão as lutas, como os movimentos feministas em sua diversidade que vem nos mostrar outras formas de fazer, se relacionar e se reproduzir que estão vigentes ou podem ser resgatadas, ou como os movimentos da economia solidária que nos propõem outras economias existentes não consumistas nem patriarcais ou coloniais, só por nomear algumas das alternativas onde o cotidiano das lutas insiste e existe a diversidade necessária para a emancipação social.

Não fica muito claro como ao fazer uma simples dissertação estaríamos aportando nesta construção, o limite está na vista, o resultado é precário e a teoria fragmentada. Porém podemos dizer que temos gerado um espaço possível de encontro, um tempo outro de escuta, onde o movimento para recuperar e reproduzir as memórias ancestrais tem sido um pouquinho mais aberto pelo trabalho coletivo de mulheres jovens, que tem feito crescer aquela colcha de retalhos que fomos resgatar e ao mesmo tempo costurar. Hoje aquelas sete parteiras entrevistadas estão nessa colcha, convivem em nosso presente, existem e jamais poderão ser ausências.

Pelas que vieram antes, as que são agora, GRACIAS. Há que ter Coragem para ser Parteiras.

Figura 37: De mãos dadas caminhamos até o centro



Fonte: arquivo do 1º Encontro de Parteiras do RS. Fotografia cedida gentilmente pelo fotografo Dartanhan Baldez Figueiredo.

*“Desde lo que es mío, desde lo que es nuestro,
que no es nada y lo es todo a la vez,
agradezco que estemos creciendo juntas
pues crecer es aprender a agradecer”.*
(Pastor, 2017)

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. EdUERJ. 2010. Disponível em <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/arfuch-leonor-o-espac3a7o-biogrc3a1fico.pdf>

ALVAREZ, M. **Mulheres curadoras**. Jornal 100% Vida. maio/2012. Disponível em <http://www.jornalofarol.com.br/ver-noticia.asp?codigo=16493>

CABNAL, L. **Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala en Feminismos diversos: el feminismo comunitario**. Acsur Las Segovias; Madrid, p. 11-25, 2010.

DORRONSORO, B. **El territorio cuerpo-tierra como espacio-tempo de resistencias y luchas en las mujeres indígenas y originarias**. IV Colóquio Internacional de Doutorandos/as do CES, 2013. Disponível em: http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n10/documentos/11.3.1_Begona_Dorronsoro.pdf.

CIELO, C.; VEGA C. **Reproducción, mujeres y comunes**. Leer a Silvia Federici desde el Ecuador actual. 2015. Disponível em <http://nuso.org/articulo/reproduccion-mujeres-y-comunes-leer-a-silvia-federici-desde-el-ecuador-actual/>

CRESPO, A. **Nuestros cuerpos son territorios por conocer**. Diciembre, 2017. Disponível em <http://agenciaecologista.info/2017/12/24/alba-crespo-cuerpos-territorios-conocer/>

D'ANGELO, H. **A caça às bruxas é uma história do presente**, diz Silvia Federici em lançamento de livro em SP. REVISTA CULT. Julho 2017. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/silvia-federici-caliba-e-a-bruxa/>

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia, Editora UNSP, 1993.

DO NASCIMENTO, K. C.; DOS SANTOS, E. K. A. ; ERDMANN, A. L. ; DO NASCIMENTO JÚNIOR, H. ; CARVALHO, J. N. **A arte de partejar: experiência de cuidado das parteiras tradicionais de Envira/AM**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem 2009. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127715322012>

EHRENREICH; ENGLISH. **Bruxas, Parteiras e Enfermeiras**. Uma história das curandeiras, Bruxaria Distro, em parceria com a Coletiva Feminista Nós Soltas e Editora Sub, 2006. Disponível: <https://drive.google.c;om/file/d/0B9PMZ1w3n1qJVmhYYUVPVINEUGs/view3>

FEDERICI, S. **Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria**, Buenos Aires, Tinta Limón, 2010.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**, Brasil, Editora Elefante, 2017.

FOUCAULT, M. "**Poderes y Estrategias**". En: Un diálogo sobre el poder y otras conversaciones. Alianza Ed., Madrid, 1985, p. 85.

GARCÍA-HUIDOBRO MUNTA, R. **La narrativa como método desencadenante y producción teórica en la investigación cualitativa** publicado em 2016 na "EMPIRIA. Revista de Metodología de las Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Educación a Distancia Madrid, España". Disponível em <http://www.rosariogarciahuidobro.com/blog/>

GRUPO Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo. **Los derechos de la naturaleza como herramienta ecofeminista para colectivizar/diversificar/proponer otras formas de reproducción social de la vida**. 1er Congreso Internacional de Comunalidad. 27 de Octubre de 2015.

<https://miradascriticadelterritoriodesdeelfeminismo.files.wordpress.com/2015/11/ponencia-congreso-comunalidades.pdf>

KRISHNAMURTI, **Talk in Europe**. Capítulo: Pláticas en Paris. 1966.

PIMENTEL, C. **A (des) colonialidade do parto: reflexões sobre o movimento de humanização da parturição e do nascimento**. In: Paulo Henrique Martins; Adriana Falangola; Artur Stamford da Silva; Islândia Carvalho Sousa. (Org.). **Produtivismo na Saúde: desafios do SUS na invenção da gestão democrática**. 1ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014, v., p. 99-117.

RON ERRÁEZ, X. **Hacia La Desoccidentalización De Los Feminismos: Un Análisis A Partir De Las Perspectivas Feministas Poscoloniales De Chandra Mohanty**, Oyeronke Oyewumi Y Aída Hernández, *Revista Reales*, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2014.

RIZO GARCÍA, M. **Reseña de "El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea"** de Leonor Arfuch. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, vol. XLVI, núm. 190, enero-abril, 2004, pp. 232- 238. Universidad Nacional Autónoma de México.

SANTOS, B. S. de. **A Crítica da Razão Indolente**. São Paulo. Cortez Editora, 2000.

SANTOS, B. S de. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Coimbra. **Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]**, n 63, p. 237-280, Oct. 2002. Disponível em <http://rccs.revues.org/1285>

SANTOS, B. S de. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, B. S. de. **Refundación del estado en América Latina: perspectivas desde una epistemología del sur**. La Paz, Bolivia. Plural Editores, 2010.

SANTOS, B. S. de. **Epistemologías del sur**. *Revista Utopía y Praxis Latinoamericana*. Año 16. N° 54 (Julio-Septiembre, 2011) Pp. 17 – 39. *Revista Internacional de Filosofía*

Iberoamericana y Teoría Social. CESA – FCES – Universidad del Zulia. Maracaibo-Venezuela.

SANTOS, B. S de. **Descolonización, las epistemologías del sur**. Vídeo da Palestra na Universidade Autônoma da Cidade do México. 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZnMYIDNOJEo>.

SANTOS PEREIRA, M. **O TRABALHO DA PARTEIRA: um saber iniciado e compartilhado entre as mulheres**. Artigo da V Jornada Internacional de Políticas Públicas, Universidade Federal de Maranhão, Brasil. 2011. Disponível em http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUESTOES_DE_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/O_TRABALHO_DA_PARTEIRA_UM_SABER_INICIADO_E_COMPARTILHADO_ENTRE_AS_MULHERES.pdf

SHIVA, V. **Monocultura da mente**. PERSPECTIVAS DA BIODIVERSIDADE E DA BIOTECNOLOGIA. GLOBAL EDITORA, 2003

ODENT, M. **O Camponês e a Parteira**: uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto. Aquariana/Ground, 2003.

REVISTA EMAKUNDE. **Los saberes de las mujeres**. Las universidades vascas ante el reto de la igualdad, Eraso sexistarik gabeko jaien aldeko ekimenak euskal udaletan. 2009. Disponível em http://www.emakunde.euskadi.eus/contenidos/informacion/sen_revista/eu_emakunde/adjuntos/emakunde76.pdf.

ANEXOS.

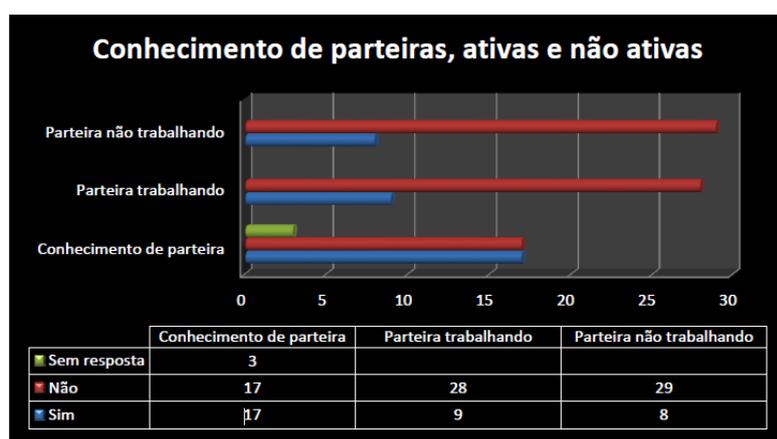
Tabela 5. Relação de conhecimento de parteiras com cidade natal

Cidade Natal	Conhece ou conheceu parteiras		
Santa Maria- RS	2	Total de conhecimento em cidades grandes	5
Porto Alegre- RS	3		
Bento Gonçalves- RS	1	Total de conhecimento no interior de RS	9
Cacique Doble- RS	1		
Humaita- RS	1		
Rosário do Sul- RS	1		
Santana do Livramento- RS	1		
São Francisco de Assis- RS	1	Total fora de RS	3
São Gabriel- RS	1		
São Lourenço do Sul- RS	1		
Tupanciretã- RS	1		
Cidades no interior de outros estados	3		
Total			17

Fonte: Elaborada pela autora (2017).

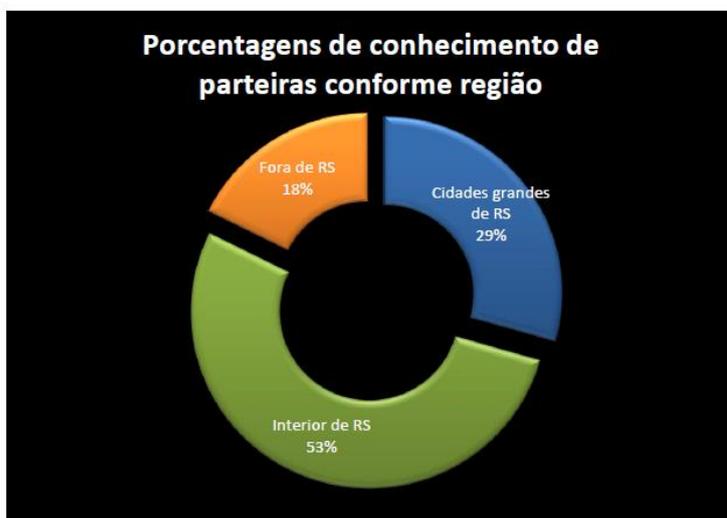
7.a Resultados significativos do questionário quantitativo dos inícios do trabalho de campo.

Gráfico 7. Conhecimento de parteiras, ativas e não ativas.



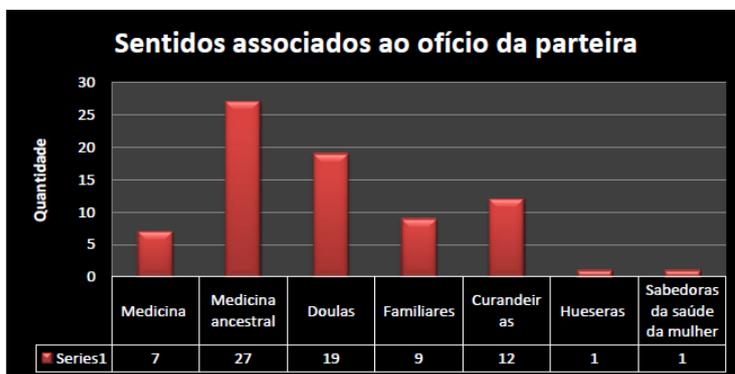
Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Gráfico 9. Percentagens de conhecimento de parteiras conforme região.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Gráfico 11. Sentidos associados ao ofício da parteira.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).